



O BAÚ *de*  
SHAILO

*Marcos de Sá*

Copyright © 2021 Marcos de Sá

Todos os direitos reservados.

Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha.

Capa: Cupu Capas

Primeira edição, 2019

Para Antonia Nogueira, minha maior raridade.

- Lembra como tudo começou?
- Acho que... há treze anos atrás.
- **Em que momento?**

## Setembro

Por que sempre tenho que perder tudo o que amo? Ouvi no rádio alguma coisa sobre o Asteroide Florence. Ele passaria nessa noite e só voltaria a ser visto em 2500, ou seja, não estarei mais aqui. Talvez essas ondas já tenham devastado toda a orla ou quem sabe nem haverá mais mundo.

A essa altura imagino que minha mãe esteja na calçada me esperando e ouvirei um sermão tão ecoante quanto o do dia que deixei a fornada de bolo queimar. Aliás são quase 23h, e estou sozinha na Terra das Lágrimas Doces – na verdade são quatro estacas grossas de pau velho, enfiados profundamente na areia da praia que sustentam algumas vigas cobertas com palhas secas, e que me servem de refúgio desde a infância.

Um arbusto se move atrás de mim e percebo que estive o tempo todo acompanhada. Um homem e uma mulher surgem com um olhar constrangido, fazendo desenhos com os pés enquanto caminham. Eles estavam entre um morrinho feito de areia e uma proteção de aço que cerca a construção abandonada de um aquário. Apesar de ser uma cena constante, me sinto perplexa – não tanto quanto voltar para casa sem ver o Florence.

Minha mãe só entende de farinha de trigo, ovos e leite, então tentar explicar sobre ver fenômenos raros na vida ou no céu, não adianta muito. O que resta é cobrir a cabeça com o lençol enquanto tapo os ouvidos com os dedos para amortecer o impacto do som das palavras.

O odor de cigarro vindo do quarto ao lado penetra o algodão e absorve o cheiro de sabão de coco. Persistentemente o fungado do nariz denuncia que ainda estou acordada, o que faz minha mãe insistir em falar. Se ela gravasse um CD, teria apenas

uma faixa e pouparia suas cordas vocais. Estou frustrada. As coisas raras realmente não foram feitas para mim.

Eu teria esperado por Florence até o amanhecer, mas minha liberdade é condicional. Seria mais produtivo do que outra madrugada de olhos abertos enquanto controlo a saída de fungadas.

As vibrações que se estendem das potentes caixas de som, vêm de algum ponto do aterro da Praia de Iracema, e abafam o lugar onde as ondas costumam morrer, não as ouço como antes, principalmente nas sextas e sábados à noite.

O cheiro de bolo assando surge primeiro que o sol e nem me incomoda mais desde que Estela veio morar com meu irmão. Ou ela é uma atriz de primeira grandeza ou tem algum problema mental, na certa finge demência. Depois de passar a noite fumando enquanto Arthur trabalha como segurança de boate nas madrugadas, ela me dirige a palavra quando abro a porta, serena como uma jangada em alto mar, soltando uma fina fumaça que cobre as minhas blusas estendidas no varal. – Oi, Shailo. Sumiu ontem à noite? – Mentalmente respondo “Você não tem nada a ver com isso”, mas o que sai é um sorriso de boca fechada.

Enquanto carrego a encomenda de bolo, inspiro profundamente como se pudesse limpar meus pulmões de uma vez só. Sinto-me intoxicada de fumaça e de ódio. Ao longe avisto Suzana no calçadão do aterro, com um vestido de tigresa curtíssimo, brincos argola que dariam passagem a um leão de circo, cabelos encaracolados tão vermelhos que ofuscam o círculo do sol que, está exatamente encaixado ao redor de sua cabeça, o par de sapatos salto Everest em uma das mãos, e óbvio, o sorriso. Às vezes me irrita ver os dentes dela constantemente, até chorando estão sempre a mostra.

– Sumiu amiga. Por onde andava ontem à noite? – disse, me envolvendo com um dos braços.

– Não saiu pra trabalhar? Como sabe que sumi?

– Sua mãe estava te procurando por toda parte, mas eu não ia contar sobre a Terra das Lágrimas Doces. Imagino que você estava lá. E outra, ela nem fala mais comigo.

– Ela odeia prostitutas.

– É assim que você me ver? – um suave bafo de vinho era trazido pelo vento frio da manhã.

– É assim que a Praia de Iracema inteira te vê. Menos eu.

Ela me acompanha nas entregas enquanto conta com detalhes sobre os clientes da madrugada e ainda tira sarro da minha cara quando afirma que só daria pra ver o Florence com um telescópio.

Voltei o mais rápido que pude. O grau de ira da minha mãe deve estar tão elevado que, ao me ver entrar na rua acompanhada de Suzana, não a fez dizer uma palavra, o que me preocupa mais ainda, isso me soa como um: “Ou me calo ou cometo um duplo homicídio”. Estendi a mão para lhe entregar o dinheiro, ela deu de costas. Coloquei no pratinho em cima da mesa, onde fica a garrafa de café. Isso dura semanas, meses talvez.

A caminhada matinal me tirou o ar, mais do que o de costume. Sentada no batente da porta, confiro na pele uma dor sobre o peito esquerdo e mais uma vez, o site do sistema nacional de emprego. Vasculho por vagas como quem procura ouro num garimpo desacreditado, até chegar ao ponto de catar os melhores cascalhos como o anúncio à procura de babá que dormisse no serviço. Acho que para alguns: cascalhos são ouro.

Arthur entra no corredor: alto, forte, vermelho do mar, tempestuoso – o que me faz pensar por um segundo ser o retorno

de papai —, de óculos escuros, todo de preto como alguém que cumpre os ofícios da profissão, e beija minha testa.

— E aí maninha!? — é tudo que diz, apressado como sempre, evitando dar de cara com a nossa mãe.

Não dura mais que um minuto, e a discussão com Estela começa — isso sim é inevitável — porque a casa está desarrumada enquanto ela assiste reprises de programas de fofoca na internet, e fuma. À medida que a voz gradativamente aumenta, desejo que ele a mande embora de vez, algo que parece mais impossível do que uma vaga de emprego que não exija experiência no cargo.

Volto a deitar no quarto com a sensação de estar encurralada por duas guerras: a parede ao lado da minha cama vibra com as notas agudas de ofensas e um barulho de tampas e colheres retine na cozinha — certamente isso livra minha face de ser o alvo.

Recordo que há uns treze anos atrás, aqui, exatamente onde estou era uma enorme sala de jantar. A família inteira se reunia ao redor de uma grande mesa de madeira quando esse lugar era simplesmente o casarão de meus avós. Não existiam divisões e nem cheiro de umidade, tudo parecia tão livre e exalava a leite fervendo com canela em pó. O colo do Vovô Batista era uma parada obrigatória para recuperar o fôlego, ou encontrar segurança contra as investidas de Arthur quando tentava jogar rãs nos meus cabelos encaracolados. Naquela segunda-feira, próximo ao Natal de 2004, tudo mudou, perdemos a nossa casa e, a sala de jantar tornou-se nossa nova habitação. Anos mais tarde, Arthur se juntou com a primeira namorada e falavam em casamento, minha mãe dividiu a parte que lhe foi cedida em duas.

A voz do radialista rompe minhas lembranças e mais uma vez lhe dou credibilidade, mesmo quando ele não avisa sobre o uso de telescópios, e dessa vez fico atenta às novidades ao signo de

Libra. “Pense antes de agir, caso contrário poderá se arrepender. Confie mais em si mesmo e no seu potencial frente aos projetos e tarefas. Precisa gerir melhor suas finanças”, finanças? Nos últimos seis meses dependo da minha mãe, pra quase tudo. E ela não reserva palavras quando quer me lembrar disso.

Ouçõ a repugnante voz de Almeida – o qual me recuso a chamar de tio – falando com minha mãe no corredor lateral. Ele diz que precisa ir ao Centro, e isso significa que preciso fazer companhia a vovó. Quando o vovô teve que partir, eles passaram a morar sozinhos em uma das partes do antigo casarão. Passamos a reverter os cuidados de vovó, que há quase três anos não sai do seu mundo insular. Como minha mãe não tem celular e não pode ligar para a Tia Carmelina. E em hipótese alguma ousará falar comigo, levanto-me e vou ao quarto da Vó Helena.

– Que linda essa blusa vermelha minha filha – diz vovó me fazendo acreditar que sua cegueira é de fachada. Seus olhos retornam a fechar, e observo suas rugas, seus sinais escuros sobre a pele amarelada e um pequeno sorriso como quem sonha voar. A pálpebra direita semiaberta deixa exposta a carne que ficou no lugar do olho que lhe foi arrancado enquanto o outro, que segundo ela, serve para ver apenas manchas, escorre uma fina lágrima. Há três anos ficou viúva, e apesar da dor ter modificado sua maneira de ser como antes, prefiro essa nova versão.

Na infância, cheguei a acreditar que éramos tropas inimigas no mesmo campo de batalha. “Mara, essa Shailo é astuciosa. Todo cuidado é nada”, dizia ela repetidamente à mamãe. Depois que se entregou às colchas de retalhos coloridos e ao velho ventilador que gira sem parar, passou a ser mais carinhosa. Outro dia, num rompante, ela disse que me amava, isso parece algo corriqueiro, mas vindo de uma membra da família Silva, é quase sobrenatural.

Antes, poderíamos encontrá-la há horas sentada na calçada, falando mal da vizinhança junto de minha mãe e Tia Carmelina, parece que posso ouvir nitidamente o vovô repreendendo-a. "Helena, vá cuidar da sua vida mulher". Eles se amavam intensamente mesmo sem demonstrações físicas. Dava pra sentir a imensidão. Posso até chamar de "Amor-Florence".

Tia Carmelina entra com Liliane. Estou mexendo no celular, deitada na cama com um short jeans curto e uma blusa vermelha decotada. Elas me fazem transparente como de costume. Liliane nem sequer me cumprimenta, além de primas, éramos as melhores amigas na infância. Que Suzana nunca saiba disso. Desde que se converteram a uma religião cristã, determinaram que eu sou assistente de satanás. Segundo minha mãe, sou uma má influência para Liliane, já que agora ela é uma "escolhida de Deus", e eu, sou uma perdida.

Vovó abriu o olho antes que eu precisasse forçar alguma palavra, ainda mais vindo de uma pessoa tão profana quanto eu. Meu avô sempre dizia "Se tiver interesse no que Deus tem pra dizer, procure ouvir o que ele tem pra dizer. Os homens trabalham para deturpar sua voz". Ele era um católico nada praticante, mas às vezes achava que ele ia se encontrar com Deus quando saía cedo nas manhãs de sábado.

Enquanto tia Carmelina fala com minha avó coisas tendenciosas, na intenção de suscitar minha ira, eu converso com Fernanda, minha amiga e antiga chefe na Roland Telemarketing que sempre me envia fotos de Conflans-Sainte-Honorine, na França, onde mora atualmente com os pais. Ela desabafa sobre o cansaço que está sendo a faculdade de medicina em Paris, do deslocamento e as pressões, mas que está dando o melhor de si. Já eu, evito contar que também estou esgotada de ficar desempregada, dependendo dos bolos e doces da minha mãe, que minha última

nota do exame para tentar uma faculdade foi um fracasso histórico, mas o que digito é:

"Essa desgraçada não cala a boca".

"O quê!?????" – digita Fernanda sem entender.

"Desculpa, é que tem uma múmia na minha frente me desconcentrando" – teclou olhando para tia Carmelina. Liliane parece uma aeromoça de voo clandestino, só que mais tímida e sem graça. Seu rosto pálido desconfigurou aquela menina de sorriso largo e batom chiclete de alguns anos atrás. Não demora muito e fico novamente a sós com vovô.

A noite chega trazendo os ecos de músicas vindos de todos os lados e Vó Helena me conta pela milésima vez como conheceu o vovô: Lavando roupas em uma lagoa num distrito chamado Baú. Almeida entra silenciosamente e aponta na porta do quarto, o mesmo olhar de sempre. Dei um pulo e tropecei na cadeira que sustenta o ventilador, desconcertada, ambas.

– Não fala com seu tio? – Ele segura meu braço esquerdo quando tentei atravessá-lo. Com um impulso semelhante a um choque elétrico me solto de suas mãos ásperas e grandes. Bato a porta. Ele é o filho mais velho da minha avó, deve estar quase na casa dos 50, trabalha numa escola pública como professor de inglês, inclusive já foi meu professor. Nem assim o chamei de tio. Seus traços físicos lembram muito meu avô, alto, calvo, forte, os olhos castanhos claros meio puxados, mas seu caráter é podre. Podre como o esgoto que escoia no mar.

Uma enorme onda se forma, de um tamanho que vai engolir toda a cidade. Em fração de segundos imagino carros, prédios, pessoas e todo aquele cartão postal sendo devastado. Fecho os olhos e aguardo as águas me levarem, não estou com medo. Sinto que tudo se acabará em minutos, em um tempo bem menor que o meu atual martírio. Vivi pra ver esse dia, que chamam

de “fim do mundo”, que privilégio. O coração acelera mais rápido que a quebra das águas. Estou pronta.

– Shailo – ouvi uma voz distante que se fundiu com o som do mar. – Você tá bem garota? – Abri os olhos lacrimejados e vi uma figura embaçada com luzes ao fundo, que vinha da antiga ponte.

– Suzana!?

– Shailinha, o que tá acontecendo? Faz meia hora que te chamo. – Fiz um breve silêncio como quem procura uma resposta satisfatória.

– O que você está fazendo aqui? – Enxugo uma lágrima. – Só estou pensando um pouco na vida.

– Pensei que tinha cheirado alguma coisa. Você conseguiu me assustar. – Ela senta puxando o vestido como se pudesse se defender do frio. – Vi você vindo pra cá e te segui. Me desvencillei de uns caras que estavam fumando debaixo da antiga ponte, eles parecem perigosos.

– Você falando de perigo, chega a ser engraçado. – Existe algum peso sobre o meu peito esquerdo e um sentimento estranho, como se a presença de Suzana me deixasse ainda mais vazia.

– Acho melhor conversarmos outro dia – Suzana mais uma vez me assustando com sua voz. – Realmente você não está aqui.

– Desculpa Su! Fala agora que presto atenção. – Ela inspirou profundamente com os dentes à mostra e apenas encostou a cabeça no meu ombro, o que me deu um certo desconforto como se pesasse 300kg, mas deixei que o silêncio se instalasse por um tempo. Só se ouvia as ondas indo e vindo, uma música dançante tocando a alguns metros e minhas constantes fungadas como se quisesse me libertar de algo preso dentro do nariz.

O último exame pra saber se eu tenho sinusite confirmou que minhas vias estão todas normais e liberadas, isso me deixa angustiada ao invés de feliz. Se eu tivesse algum problema, faria algum tipo de cirurgia ou tomaria uma medicação, mas como não tenho nenhuma anomalia, não sei que nome dar para minhas angústias: insônia, sensação de gripe constante e fuga do ar. Arregalo os olhos, tiro a cabeça de Suzana do meu ombro e ajeito-a na minha perna fazendo parecer um carinho.

– Shailinha, precisamos falar sobre aquele assunto.

– Que assunto? – o tom de irritabilidade denuncia que já sei o que é.

– Você mudou desde aquele dia. A gente prometeu superar. – Levantou a cabeça bruscamente e olhou nos meus olhos como se sorrisse.

– O que eu lembro é que prometemos não tocar mais nesse assunto e seguir em frente.

– Mas você não seguiu.

– E você seguiu? Você chama sua vida de “seguir em frente”?

– Você disse pela manhã que não me via como uma prostituta, mas você é como a Praia de Iracema inteira. – Se levantou e andou apressadamente tropeçando pela areia.

– A culpa é sua – gritei ainda sentada –, pedi pra você não falar mais disso sua desgraçada.

Finalmente alguma coisa me fez se sentir preenchida e transbordou pelos olhos. Ainda assim, são lágrimas de um ódio vazio. Pensei em gritar por Suzana, que caminhava para a antiga ponte, ao encontro do perigo. Deixo que vá, não posso impedir que vá.

## Precipícios

Segunda-Feira. Adotei a prática de comprar jornal. Primeiro por causa dos classificados de emprego — os que pesquiso na internet são de conteúdo duvidoso e sempre querem que a gente faça uma assinatura paga —, segundo, recorto notícias trágicas e colo no meu baú para forrá-lo internamente.

O baú é o único objeto que posso chamar de meu. Até o celular que uso, minha mãe faz questão de lembrar que apenas emprestou — ela nem sabe mexer. O baú não. Ele era o que eu chamava de caixote do vovô — quando criança. Servia para guardar suas roupas e cheirava à naftalina. Quando ele partiu e doaram seus pertences, pedi o caixote e o revesti com papel crepom vermelho, que agora parece rosa. Nele guardo meus significados, o que minha mãe costuma chamar de lixo. Outro dia ela tentou jogá-lo fora dizendo que só serve pra acumular mofo e insetos, mas todos os dias o visito — talvez porque seja a única coisa que me pertence ou talvez eu pertença a ele.

Guardo medalhas, convites, fotografias, cartas de papel, cartões telefônicos, boletins escolares, diários da adolescência, e agora como a madeira branca estava ficando meio azulada, resolvi colar jornal. Notícias ruins fazem que eu lembre a existência de pessoas em situações muito piores que a minha. Talvez isso ajude a me sentir um pouco melhor, quem sabe grata até.

Notícias como “Kate Middleton está à espera do terceiro filho com Príncipe William” não parece tão cativante, prefiro coisas como “Holanda, onde morrer é bem parte do cotidiano”, que conta a história de um holandês que pediu a eutanásia, por sofrer com o alcoolismo, depressão e transtorno de ansiedade. Ele não era um doente terminal, mas foi injetada nele a morte. Outro

recorte foi uma vaga de emprego como líder de vendas no Centro da cidade, mas esse não coleí no baú.

Estou bastante tensa na sala de espera para a entrevista. Ouço meu coração como uma batida de caixa de som ao pé do ouvido. Leila Tavares, cabelos loiros bem escovados, magérrima, maquiagem perfeita com delineado olho de gato definindo o azul marcante de sua íris e, um perfume que deve custar o valor de uma viagem à França, explica para umas quinze pessoas na sala sobre o plano de marketing da Tavares Cosmetics enquanto tento desacelerar minha respiração.

– Cada um de vocês podem apresentar-se falando nome, bairro e o que espera ser daqui há dois anos – enquanto as primeiras pessoas falam eu faço um rápido ensaio mental sobre o que vou dizer.

– Boa tarde. Eu me chamo Shailo...

– Sheila? – Com um sorriso desajeitado torço para que ninguém pergunte o que significa.

– Não. Shailo. S-h-a-i-l-o. Tenho 20 anos, moro na Praia de Iracema e espero ser uma profissional bem-sucedida, cursar uma faculdade, bem, acho que é isso.

– Faculdade de quê? – voltei a ouvir o coração na batida de um tambor.

– Administração – foi a primeira palavra que surgiu.

– Ok. Obrigada. Pode se sentar. Próximo.

Não consigo pensar em mais nada a não ser “você é uma merda garota”, e isso intensifica enquanto ouço uma tal de Ana Borges. Ela mora no Meireles, está concluindo a faculdade de Publicidade e em breve abrirá sua própria empresa de Assessoria.

– E por que você procurou a nossa empresa Ana? – Leila levantando uma das sobrancelhas.

– Pensei se tratar de uma multinacional – o que fez todos desfazerem um unísono nó na garganta.

– Fomos claros no anúncio – Leila tenta conter o tom agora embargado. – A vaga é para liderar equipes de vendedores da nossa marca. E como foi explicado, cada um recebe de acordo com as metas alcançadas.

Trabalhar em uma empresa de cosméticos nunca esteve nos meus planos, assim como ficar desempregada e depender novamente da minha mãe. Só preciso decidir o que seria menos ruim. Ana Borges se levanta e sai com a segurança de quem não precisa dessa vaga, o que por um lado é vantagem pra mim. Leila continua falando como se nada tivesse acontecido e tudo o que penso é se tenho capacidade pra cumprir as metas apresentadas. Catei o cascalho.

– Mãe, começo a trabalhar amanhã como líder de vendas numa empresa de cosméticos. – Ela olha de canto enquanto despeja massa nas fôrmas sobre a mesa, mexe a cabeça e levanta as sobrancelhas como se quisesse confirmar que está ouvindo. Se não fosse tão rancorosa estaria me enchendo de perguntas.

Entro no quarto, úmido e fedido a cigarro, e relembro mais uma vez a existência de Estela. Leio a pasta que Leila Tavares me deu e busco no celular mais informações sobre a Tavares Cosmetics, descubro que ela é umas das filhas do dono, o Sr. Hernandez Bragança de Tavares e que a empresa atua há dezoito anos no mercado, eu tinha apenas dois anos nessa época. Não entendi muita coisa sobre plano de carreira, mas fiquei empolgada com depoimento de pessoas que ganham mais de R\$ 200.000,00 por mês.

A primeira coisa que penso é forrar o teto do quarto pra bloquear a entrada de barulho e fumaça, colocar um ar-condicionado, comprar uma cama de casal com colchão mole –

porque o meu parece mais uma panqueca mal assada —, mas pensando melhor, com esse dinheiro eu iria morar na Europa, perto de Fernanda. Expectativas mil. Quando minha mãe descobrir que a Tavares Cosmetics não garante os direitos trabalhistas, a casa vai tremer, mas não tenho muita opção depois de tantos meses sem trabalho.

Final de noite. Recebo uma mensagem da Su enquanto mastigo frango cozido com batatas e arroz, e ouço no fone de ouvido John Mayer “Stop This Train”, minha atual trilha sonora. Suzana dizia:

Suzana: Oi Shailinha, desculpa por ontem. Só queria te ajudar a ser alguém que tenho saudades, mas percebo o quanto fui egoísta. Você é assim agora, e eu sou assim agora.

Pensei no que dizer, o arroz ficou preso na garganta me fazendo tossir e fungar.

Eu: Su, eu fui muito dura. Não estava bem. Tinha acabado de cruzar o caminho do Almeida e você quis tocar naquele assunto justamente quando eu tentava afogá-lo. Não se culpe. O amor que sinto por você é maior que suas escolhas.

Suzana: [3 emojis de coração] Que fofa! Não imaginava. Então estamos de bem!?

Eu: Sempre.

Suzana: Como foi no primeiro dia de emprego?

Eu: Como sabe?

Suzana: A vizinhança inteira sabe. Sua mãe contou que você tinha saído para uma entrevista. Imagino que tenha passado.

Eu: [emoji de raiva] Minha mãe. Sempre minha mãe. Odeio essa mania dela sair falando da minha vida pra todo mundo. Estou em teste ainda, mas não é trabalho formal. Sou autônoma e preciso bater metas de venda.

Suzana: Tipo porta em porta?

Eu: Também. Mas a diretora disse que eu receberia uma lista de vendedores ativos para visitar e convencê-los a permanecer. Os ganhos são ilimitados.

Suzana: Deus me livre, mas boa sorte.

Minha mãe tosse. A visão periférica dela sempre está em mim, mesmo quando assiste novela. Sei o que ela está gritando em pensamentos: “termina essa janta e solta esse celular”.

Eu: Amiga, depois nos falamos. Preciso terminar de comer e depois zzzzzzz. Acordarei cedo.

Suzana: Tá. Beijos.

Dizem que a Primavera começa em setembro, mas a sensação que tenho é que só existe Verão. Principalmente morando a quinhentos metros da praia. No jornal de hoje li “Primavera começa a despontar em Fortaleza” – essa não vai pro baú –, o que me fez observar pela janela do ônibus flores amarelas e vermelhas que se destacam no muro de uma escola. Depois vi flores lilás na frente de uma casa com aparência histórica. Ela existe mesmo, mas as sensações fazem parecer que não.

A Holanda tem o maior jardim de tulipas do mundo, fica no Parque Keukenhof, mas também tem rosas, hortênsias, jacintos, lírios, bem contraditório para um lugar onde a morte parece fazer parte do cotidiano – o que garante flores de todas as cores nos velórios. É o meu sonho, aquele jardim.

Flores, Florence, Transtorno. Recorto em movimento “Transtornos mentais entre estudantes preocupa professores”, um rapaz de 25 anos se encontra com depressão profunda devido às pressões na universidade de medicina – o que me faz pensar em Fernanda –, além das dificuldades financeiras e os comentários por ser gay. Acho que meus professores nunca precisaram se preocupar comigo, pelo menos no quesito comportamento. Eu mesmo me preocupava por quase sempre não entender nada. As informações

se esvaem da minha cabeça com a mesma facilidade que o tempo muda. O céu fechou, não choveu.

Estou há quase meia hora ouvindo reclamações de uma mulher que mora no Siqueira. Depois de quase 1h e 30min fazendo rodeios em um ônibus, com ânsia de vômito, sentada num sofá junto com um cachorro que não para de lamber meu braço, tenho que sorrir de boca fechada enquanto penso o que devo responder.

– Faz três meses que procuro vocês. Ninguém entra em contato comigo. A qualidade da entrega é um lixo. Tenho três devoluções de perfumes com válvulas quebradas. Fui prejudicada.

Faz quatorze dias que comecei na Tavares Cosmetics, mas a cada segundo que passa, sinto vontade de desistir. Não posso voltar atrás, imagino o sermão que levaria em casa. Logo agora que minha mãe voltou a falar comigo.

– Entendo, Sra. Lourdes. Estou aqui para lhe auxiliar. Levarei todos os seus questionamentos à direção e retornarei o mais rápido possível. Trouxe o novo catálogo, imagino que esteja sem o atual. Aliás, vejo aqui que faz 2 meses que seu cadastro está inativo.

– Moça, você não tá entendendo? – o cachorro latiu no meu ouvido ao ouvir a dona aumentar o tom de voz. – Eu não quero mais saber dessa empresa. Aquela tal de Leila só me tratou bem no dia do cadastro, acharam que podiam me comprar com um tubo de hidratante de 50g, mas depois nem atenderam minhas ligações. Sem falar que os produtos são caros e os perfumes têm duração de 30 segundos.

Recolhi as pastas e fui visitar uma outra que nem sequer abriu o portão. Voltei pra casa no final da tarde sem almoço. O dinheiro está no fim e preciso aguardar os resultados financeiros no final do mês.

Dar de cara com Almeida no portão é pior que a fome. E pior ainda, é sua insistência.

– Shailo, preciso conversar com você – fechando a única entrada com um dos braços.

– Com licença. Preciso passar.

– Eu sou o seu tio. Lembra quem cuidava de você quando seu pai foi embora?

– Você tá me testando? Só pode. Já saquei qual é a sua cara, você quer saber se eu lembro do que você fez ou não. Se é isso que você quer saber, anota na sua agenda: CRIANÇA NÃO ESQUECE NADA!

Ele estreitou os olhos como se um fogo acendesse em seu rosto, tirou o braço do meio, baixou a cabeça e fez um gesto como quem confirma uma pergunta interior. Entro em casa estremeçada. Sinto uma forte dor no peito, minhas mãos estão tão pálidas que vejo o azul dos vasos sanguíneos formando um desenho, uma vertigem de dois segundos me faz acreditar que tudo vai se apagar de uma vez, retorno inspirando como quem puxa água de um poço seco na esperança de encontrar algo, mas algo enrijeceu interiormente ao conseguir falar o que sempre quis.

– Almoçou? – o tom de pergunta da minha mãe denuncia que não importa o que eu responda, ela sempre acha que estou mentindo.

– Sim. Almocei. – Se eu falar a verdade vai querer saber os motivos e com certeza vai questionar sobre o fato de a empresa ter obrigação em pagar o almoço dos funcionários, o que não acontece. Perdi a fome. A certeza de que a comida nem chegará ao estômago e retornará ácida pela boca, me faz apenas se deitar para mais uma sequência de pesadelos.

Sexta-feira. Ligo o wi-fi no celular. 78 mensagens, a maioria de vendedoras: reclamações e áudios longos. Evito abrir. Abro a

mensagem de Suzana enquanto escovo os dentes sentada no aparelho sanitário.

Suzana: Shailo, sabe o seu tio? Sei que você não gosta dele, mas pode me dizer se ele está bem? Recebi essa mensagem bem cedo. Vou te mandar.

[Encaminhada] Suzana, não sei o que você lembra ou pensa sobre mim. Se houver alguma lembrança ruim peço que me perdoe. Talvez seja tarde pra se redimir, mas é tudo o que posso fazer agora.

Engoli a espuma da pasta de dente. Atônita. Respondi ainda sentada.

Eu: Deve ser peso na consciência. Lembra o que te falei sobre o encontro no portão? Pois é, ele deve ter concluído que se eu consigo lembrar, você também lembra.

Suzana: Fiquei meio tensa. Há anos ele não puxa conversa comigo e de repente vem com esses assuntos.

Eu: Como ele conseguiu seu número? O que você respondeu?

Suzana: Ah, Shailo. Meu número não é difícil de encontrar. Aliás, estão até em classificados de jornais.

Não respondi nada. Coloquei apenas o dedinho de Ok.

Eu: Você o perdoou?

Houve um silêncio de alguns minutos, o suficiente para terminar de pentear os cabelos, me vestir, sentar-se à mesa pra tomar café com o celular na mão, até que minha mãe diz “Solta esse celular menina, que vício desgraçado”.

Suzana (depois de 10 minutos): Acho que sim. Não sinto nada.

Eu: [emoji do dedinho de Ok]

“Ceará registra 2.957 suicídios em cinco anos” é o recorte de hoje. Diz a matéria que no ranking nacional, o Ceará revela um

triste quadro: é o primeiro estado Norte Nordeste em quantidade de registros, e o quinto no país. A pesquisa afirma que os homens são a maioria dos casos de suicídio no Brasil (79% do total), no entanto, a maior parte das pessoas que tentam tirar a própria vida são mulheres (69%). Podendo envolver inúmeras questões, entre elas, psicológicas, desemprego e depressão. Colada com sucesso.

Pego o mesmo ônibus que Diego Marinho – meu primeiro e único namorado –, na verdade estávamos na mesma parada, mas fingi não o ver, e ele fez o mesmo. Com certeza foi roubado ou a moto está no conserto. Ele namora uma patricinha metida a rica que mora perto do aterro da praia. No Instagram postam fotos de comida cara, restaurantes finos, corpos perfeitos, academia, tudo filtro, ou quase tudo. Os cabelos dele parecem estar mais claros, substituíram os fios caramelos por um loiro quase branco. A pele está mais limpa, deve ser por conta do ar-condicionado no escritório de contabilidade onde ele é chefe de seção.

Ele sentou bem na minha frente, o que me faz sentir o cheiro forte de perfume junto com o vento que vem da janela. Bloqueei a vontade de pensar sobre isso. Foquei nas flores, observando atentamente as cores. A primavera existe, apesar de seu início ser oficialmente amanhã.

O dinheiro que tenho guardado só dá pra fazer mais duas visitas, sem direito a almoço. Marquei a segunda para meio dia, com o desejo de que me ofereçam um lugar à mesa. Ainda faltam oito dias para o primeiro pagamento. Já sei, Suzana. Sempre Suzana.

Almeida entra no ônibus e se posiciona à minha frente. Meu rosto fumeja como se milhões de formigas caminhassem. Não hesito. Levanto e esmurro seu peito com toda força que possuo. Ninguém faz nada. Todos parecem entender o porquê. Diego olha como se aprovasse minha atitude, leio seus lábios sussurrando

“Com mais força Shailo, acaba com ele, esse cara ferrou nossa história”, o que me dá um poder inexplicável de derrubá-lo no chão.

– Ahhhh! – grito fazendo todos na condução olhar pra mim. Diego se vira e me encara. Não acredito que fiz isso de novo.

– Você se sente bem? – perguntou a moça sentada ao meu lado.

– Sim, desculpe. Machuquei meu joanete. – O motorista me olhava pelo retrovisor, o que me deu a certeza de que todos os outros olhares estavam voltados pra mim. O rosto de Diego foi desvirando gradativamente, olhei em seus olhos num flash de meio segundo, nada mais que isso. Pego o celular com as mãos frias e trêmulas. Deságuo minha atenção à tela, desejando que ela retenha toda a minha vergonha.

Eu: Suzana, você não imagina o mico que acabei de passar. Depois te conto com detalhes. Estou indo agora em uma cliente na Avenida Washington Soares. Preciso de um favor urgente. Tem R\$ 100,00 que me empreste até o dia 30?

Guardo o celular na bolsa. Diego dá sinal para descer, mas antes me lança um olhar. Estou com raiva de mim porque seus olhos encontraram o meu mais uma vez. Dizem que quando olhamos para uma pessoa duas vezes, estamos dizendo algo. Não tenho nada a dizer.

Margot Perone, dona de uma casa luxuosa, me convida a tomar café com ela. Que mesa! Enquanto ela procura uma caixa de sucrilhos na dispensa, bato uma selfie aparecendo um quadro ao fundo, onde uma mulher está acorrentada com flores. O celular vibra, uma mensagem de Suzana.

Suzana: Não tenho agora, mas amanhã de manhã com certeza te dou.

Faço um gesto de reprovação com a boca.

– Algum problema, querida? – pergunta Margot. Coloco o celular na bolsa e sorrio lhe dedicando toda a minha atenção.

– Não, não. Está tudo bem e a senhora?

– Senhora não. Você, por favor.

Ela tem 48 anos, contei mentalmente quando vi sua ficha cadastral da empresa. Cabelos bem escovados e pintados de um preto azulado, e uma aparência de quem usa constantemente cremes de rejuvenescimento. Reforço o estômago, caso não haja almoço. Comi coisas que nunca vi, algo parecido com salgadinhos de milho molhado, mas tem gosto de verdura. Ela come sucrilhos com leite e morango como nos comerciais de TV. Recuso porque já provei e pra mim tem gosto de ração pra gatos – o que me faz lembrar de Pretinha, minha falecida bichana.

O celular vibra na bolsa insistentemente. Imagino que seja uma vendedora. Não consigo me concentrar no que estou falando, peço licença para atender. O número da Tia Carmelina. Geralmente não atenderia, mas penso que pode ser algo com a vovó.

– Oi.

– Shailo, vem pra casa filha. – percebo que é a voz da minha mãe aos prantos. Estremeço. Ela está desesperada e numa fração de segundos me invade uma febre.

– O que houve mãe? – pergunto tentando demonstrar calma enquanto Margot, tensa, olha pra mim com uma colher de leite na boca.

– O seu tio. Seu tio morreu.

– Como? – o sangue foge dos meus lábios e o estômago embrulha.

– Não sei. Ele tomou algum veneno. Está esticado no chão com a boca espumando. Ai meu Deus. Vem Shailo, sua vó tá desesperada.

– Estou indo. – Desligo completamente sem força. Margot me traz um copo com água suspeitando ser grave devido minha expressão.

– Meu tio morreu, preciso ficar com minha avó. – Meu corpo tensiona como se quisesse encolher.

– Eu entendo querida. Não se preocupe comigo. Sinto muito pelo ocorrido. O que houve?

– Não sei ao certo.

– Onde você mora?

– Na Praia de Iracema, próximo ao Dragão do mar.

– Vamos. Levo você. – Margot me faz acreditar mais uma vez na primavera.

A cena é uma multidão no portão da minha casa. Margot me abraça rapidamente e caminho desfazendo as barreiras. O carro da polícia Forense me dá a certeza de morte. Encontro vovó no chão ao lado do corpo, passando a mão trêmula no rosto de Almeida como se quisesse enxergar pelos contornos.

– Shailo, é você meu amor?

– Sim, vovó. Estou aqui.

– Meu filho, Shailo. Meu filho mais velho. Meu amor. Diz que não é ele que está aqui?

– Sinto muito vovó. – Ela grita e me aperta com as mãos sujas do que estava na boca dele. Não me importo. Outro homem da família se vai. Isso deve ser muito duro pra ela, e o pior, um filho. Em seguida, os médicos socorristas confirmam a morte por asfixia. Afirmam que o mais provável foi envenenamento, mas só a perícia pode confirmar. Todos choram. Todos se abraçam. Continuo no chão, ao lado do morto, abraçando vovó.

## Culpada

Se existe um lugar onde todas as pessoas conseguem reunir-se sem arranjar desculpas, esse é um velório. Até tia Helda com seus dois filhos, Lucas e Jefson, percorreram 400km para se despedirem do defunto. A última vez que nos encontramos foi há três anos, no velório do vovô. Espero não os ver nos próximos dez anos (pelo menos). O número de suicídio sobe para 2.958 com a morte de Almeida. A rua inteira passou por aqui e quase todos os alunos da Escola Municipal São Rafael (cerca de 400 estudantes), onde ele ensinava e era muito querido. Estou exausta de abraços. Vovó está desconsolada, isso me parte o coração.

– Shailo, quero morrer amanhã – diz vovó sob efeito de remédios. Percebo que Lucas cutuca o braço de Jefson e riem. Encaro-os com a expressão mais feia que imagino.

Tia Carmelina chega com o pastor de sua igreja e alguns membros da congregação. Eles cantam músicas ao redor do corpo. Diego entra, abraça vovó, diz alguma coisa no ouvido dela quando a ouço cochichar.

– Você era o namorado da Shailo? – Fico mais dura que o morto, sem expressão.

– Sim, era. Tudo vai ficar bem – ele responde baixo. Em seguida me dá um abraço desajeitado sem dizer uma palavra. Fico constrangida, imaginando que todos estão olhando e pensando a mesma coisa “Ela ainda gosta dele”. Tia Carmelina pede atenção se posicionando à minha frente e começa um discurso de pelo menos dez minutos.

– Primeiramente, gostaria de agradecer a presença de todos. Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Ainda que andemos pelo vale da sombra da morte, não

devemos temer mal nenhum. — E por aí seguiu com salmos, citações, até fazer com que algumas pessoas fossem dando as costas. O que ninguém esperava é o que ela diria no final.

— Sabemos que quem comete suicídio perde a salvação. O céu não é lugar de suicidas. Só Deus pode tirar a vida de alguém. Ele deu, ele toma. Amávamos Almeida porque era um bom irmão, mas ele se precipitou e com certeza não herdará um bom lugar. Que sirva de exemplo.

— Cala a boca — grito ainda contida. Ela me olha controlando a vontade de passar por cima do caixão e voar no meu pescoço. O pastor percebendo o desconforto continua.

— Bom dia, sou o Pastor Marcelo Thomas da Igreja Semente para o Amanhã, e quero dizer nessa manhã de Sábado que, Deus sabe de todas as coisas. Não cabe ao homem o direito de julgar, por mais que Deus se revele por meio de sua palavra, existem mistérios que não são totalmente revelados.

Tia Carmelina sai da sala enquanto o Pastor Marcelo desfaz o que ela havia dito e eu a encaro até que desapareça totalmente. Liliane foi a única coerente, permaneceu sem falar comigo. Algo em seu olhar caído demonstrava frieza, não era apenas uma tristeza evidente, se tratava de uma expressão que nunca havia visto em seu rosto.

Suzana entra com seu minivestido preto, e rouba toda e qualquer atenção. Ela abraça vovó e fica ao meu lado segurando minha mão. Mesmo com os olhos vermelhos, minha mãe lança um olhar de reprovação. As meninas da Rua Boris entram, mas não falaram comigo. Ouvei comentários de que costumam falar que eu sou a "isoladinha" e a "burguesinha da rua de baixo", e que julgo elas por terem os cabelos queimados pelo sol, usar short curto, camiseta frouxa que escondem a silhueta e por andarem com os meninos do surf. Nunca disse isso. Elas que me julgaram pelos

próprios pensamentos. Muitas vezes quis andar com eles, mas minha mãe sempre manipulou minhas escolhas: principalmente com quem deveria andar. Até parece que importa minha reputação, quando ela mesmo me chama de “perdida”.

Diego abre espaço e se dirige a porta. Deve ter consertado a moto, pois saiu mais tarde do que ontem. Nosso olhar encontrou-se de novo, o que me faz dar de ombros. Pense o que quiser.

Fui a cozinha, encontrei Lucas se servindo com café. Ele deve ter uns dezoito anos, moreno claro, corpo atlético, olhos verdes, cabelo curto alisado com chapinha —um deus grego. Permaneci séria enquanto esperava ele fechar a garrafa. Suzana entra com aquela velha expressão indiscreta de quem se interessa instantaneamente por alguém.

— Oi. Tudo bem? — disse ela com o sorriso constante.

— Oi gatinha. Tudo bem, e com você? — meu globo ocular deve ter dado um giro de 360 graus.

— Estou bem. É seu primo Shailo?

— Parece que sim — respondi sem sentir nada que nos unisse a não ser o fato de que nossas mães eram irmãs.

— Pode perguntar direto pra mim. Como você chama?

— Suzaninha.

Depois dessa, tive que sair e deixar os dois a sós. "Suzaninha" foi o cúmulo. Vinte minutos depois os dois foram disfarçadamente para fora — custo acreditar que eles pensam em sexo diante de um caixão no meio da sala. Não tenho dúvidas que Suzana o levou para debaixo da ponte velha.

O celular vibra. Cento e trinta e seis mensagens. Aviso a Leila o ocorrido e peço desculpas. Tinham 3 mensagens dela perguntando onde eu estava. Ela visualiza e não escreve nada. Confiro as mensagens sem abrir nenhuma e percebo que a maioria são de vendedoras. Uma das mensagens é de alguém que não tem

foto no perfil, com número desconhecido e dá pra ler a última frase enviada "me perdoe". Abri.

"Shailo, não vou ser mais um peso em sua vida e na vida de mais ninguém. Papai sempre dizia que não há defeito maior do que aquele que prejudica os outros. Lembrei muito dele nesses dias. Eu desejo que seja feliz. Me perdoe". Não assinaram, mas foi ele. Empurro algumas pessoas que bloqueiam a única saída — o que deve ter chamado atenção — e corro para a praia. Nem a fraqueza que sinto na carne me impede de desacelerar sob o sol escaldante do meio-dia. Encontro Suzana e Lucas debaixo da ponte mais antiga, apesar da perplexidade da posição dos dois, apenas choro, a puxo pelo braço enquanto ela desce o vestido.

— O que aconteceu Shailo? Você tá me deixando nervosa.

— Me empresta teu celular. — Chegamos à Terra das Lágrimas Doces e comparo o número que mandou mensagem pra ela ontem com o que recebi. É o mesmo número, mesmo horário, o mesmo.

— Olha a mensagem que ele me mandou! — Entrego o celular, coloco as duas mãos no rosto e me sento na areia como quem decide pular num abismo. — Foi ele Suzana. Ele se matou por minha culpa.

— Para com isso Shailo. Você não é culpada. Você foi vítima.

— Fiz ele se sentir mal. Disse aquelas coisas no portão. Isso deve ter sido a gota d'água.

— Se ele tirou a vida pelo que aconteceu, então quem o matou foi a própria culpa.

— Minha vizinha tá arrasada. Ela não vai durar muito. Se eu soubesse não tinha dito aquilo. Minha vida acabou, Su.

— O que tá acontecendo? — Lucas chega sem que percebêssemos. Tiro as mãos do rosto e levanto.

– Nada. Vai embora. – Ele levantou as duas mãos como quem se rende e sai. – O que vou fazer da minha vida Su? – Com o dorso da mão direita sujo de areia enxugo as lágrimas.

– Vai viver. – Ela coloca as duas mãos no meu rosto limpando os grãos com os polegares. – Agora você vai viver.

– Você não entende? Eu morri. Faz tempo que eu morri.

– Pois dê um jeito de ressuscitar porque eu preciso da minha amiga – Suzana grita como se desse uma ordem, o suor se mistura a muitas águas. Parecia às vezes estar sorrindo, mas são lágrimas.

Decidi ficar na Terra das Lágrimas Doces até o anoitecer. Não fui ao enterro que estava marcado para a tarde. Pretendia voltar quando tudo estivesse acabado. Com o rosto grudado de areia, suor e cabelos, adormeci. O sol atravessava minhas pálpebras fechadas e me fazia enxergar uma vermelhidão, até que em algum momento tudo escureceu de verdade.

Minha mãe e Estela me encontram, já é final de tarde. O céu alaranjado com o sol emergido nos limites das águas trazem por um fio de segundo a sensação de que tudo não passa de um pesadelo. Tento limpar de vez rosto, mas todas as minhas mãos estão sujas. Pela primeira vez não me importo com o cigarro aceso. Houve um silêncio até entrarmos em casa.

– Vou dormir com minha avó – disse decidida.

– Era justamente o que ia pedir. Ninguém quer dormir na casa. Estão impressionados. Helda voltou para sua casa. Mamãe está só.

Peguei meu lençol e deitei na cama com vó Helena que dormia sob efeito de tranquilizantes.

– Vou ficar sempre aqui vó. Sempre ao seu lado. – Beijei sua testa e fiquei de olhos abertos ouvindo um som estarrecedor que vinha de algum evento no Aterro da Praia.

Pela manhã senti um beijo na testa. Era Arthur. Ele ficou em casa trancado, lembrei que sempre me dizia o quanto não gosta de ver pessoas mortas. Vovó ainda dormia. Passou a madrugada chamando por "Batista" e "Jardel" como costumava chamar Vovô e Almeida.

– Como você tá maninha? – ele organiza meus cabelos com os dedos.

– Não sei. Só penso na nossa avó. Tenho medo de perdê-la.

Ele sentou na cama e colocou minha cabeça em seu peito. Sua blusa cheirava a fumaça. Arthur nunca fumou, mesmo sendo fortemente influenciado. Ele dizia que nunca queria ser como nosso pai.

## Sobrevivências

O Baú já estava na porta quando minha mãe se virou soltando um prato na pia e, limpou as mãos com espumas de detergente no avental encardido.

– Pra onde você vai com isso?

– Vou morar com a vovó. Ela não pode ficar só. A casa é maior e não precisaremos mais dividir o quarto.

– E você decide isso sem me consultar?

– Tenho vinte anos.

– Tem vinte anos? Só porque arranjou um empreguinho acha que manda nas "ventas"? Eu trabalho desde os onze anos e nunca enfrentei minha mãe.

– Eu não estou enfrentando ninguém.

– Enfrenta sim. Seu pai, seu irmão e agora você. Essa é a recompensa por ter criado vocês depois que aquele desgraçado perdeu nossa casa pro jogo e eu tive que morar de favor na casa dos meus pais. Nunca mais consegui me levantar nessa vida. Sustento você há vinte anos e é assim que vocês me agradecem.

– A sua mãe está sozinha. Ela tem oitenta e sete anos. É cega, e a pessoa que auxiliava ela, morreu. Será que você pode parar de pensar em si um pouco?

– Eu penso em mim? – Ela pega uma colher de pau na mesa e bate acompanhando cada sílaba. – Você chama essa vida desgraçada que tenho de "pensar em mim"? Se eu pensasse em mim, teria abandonado vocês na orla marítima, tinha deixado passar fome...

– Chega mãe! Eu estou apenas me mudando para o quarto ao lado.

– Pode ir, já estou acostumada com a ingratidão.

Continuei arrastando o baú, a colher de pau foi arremessada passando a poucos centímetros da minha cabeça e acertando o muro. Em seguida, ela bate a porta. Sair apenas com a roupa do corpo pensando como voltaria para buscar o restante dos meus pertences.

Não demorou muito para que tudo estivesse jogado no chão do corredor. Recolho todas as peças como quem quer abraçar o mundo de uma vez só. Estela fuma, sentada em uma cadeira com os pés escorados em outra.

– Quer ajuda?

– Não. Obrigada.

– Vai morar com sua vó?

– Sim. Como você já deve ter ouvido muito bem.

Ela solta uma fumaça, ao mesmo tempo rindo com o canto da boca. Isso não me afeta tanto quanto ver vovó quieta. Não quer comer. Não quer tomar banho. Não quer ouvir o programa policial. Não pergunta por que minhas roupas estão todas espalhadas – seria difícil explicar que, nem um luto impede minha mãe de ser quem sempre foi.

Se existe uma coisa que me prende aqui, ela se chama gratidão. Perdi as contas das vezes que deixei de fazer o que queria, de ter amigos ou de ficar com Diego Marinho pra não chegar ao ponto de confrontar minha mãe. E olha onde estou? Dobrando roupas e tentando colar os pedaços de uma caixinha de bailarina que ganhei nos quinze anos. Foi tudo arremessado. Se ela estivesse no baú, estaria a salvo.

O quarto de Almeida está desocupado, mas ajeito minhas coisas junto as da Vó Helena. O último lugar que quero estar é o quarto dele, ou que era dele. A porta permanecerá fechada e, se depender de mim, daqui há alguns anos será apenas poeira.

Tia Carmelina entra, com a segurança de uma herdeira legítima, o coque de seus cabelos reforçam ainda mais o seu olhar soberbo. Coloca a Bíblia com uma revista de Escola Dominical em cima da cama e certamente já notou que a casa tem uma nova moradora. Somando minha mãe com minhas tias, comparo-as com conferencistas de jornal: uma vai contando a outra tudo o que está acontecendo. Tudo mesmo.

– Se você precisar de alguma coisa, comunique – disse ela, ao sair e dessa vez; Liliane não veio junto. Minha mãe entra, me atravessa, mas sei que sua visão periférica está focada em mim. Ela faz vovó tomar uma sopa à força e me contendo voltando minha atenção para a outra parede.

No celular escrevo uma mensagem contado o ocorrido, copio e colo, comunicando minha ausência a todas as vendedoras da Tavares Cosmetics. Garanto a elas que amanhã começo a atender as demandas pendentes.

Abro a mensagem de Fernanda. Ela ficou sabendo por que alguém me marcou no Facebook em uma foto do Almeida com a tarja preta escrito “Luto”.

Fernanda: Sinto muito amiga pelo ocorrido.

Eu: Obrigado. Vamos superar.

Fernanda: Diga para sua avó e sua mãe que mandei meus sentimentos.

Eu: Mando sim. Obrigada.

Apesar de sentir que posso contar qualquer coisa a ela, algo me deixa constrangida. Penso que o relato de uma mulher pobre da periferia à uma filha de empresários que mora na França, pode soar como um pedido de socorro, ou de dinheiro. E uma característica que me enoja é a de se aproximar de pessoas por interesses pessoais.

Aproveito para ver o Instagram do Diego. A última foto foi postada há 37 minutos, ele e sua magrela namorada estão na Cafeteria do Dragão – ou estavam. Não sigo ele, claro. Mudo de conta e abro meu Instagram secreto que serve para stalkear os outros. Ele fez um boomerang idiota com a língua pra fora mostrando um cappuccino decorado. Cappuccino foi golpe baixo. Era tudo que eu queria agora. Fiquei na dúvida se a cafeteria abria aos domingos. Acho que não. Deve ser fotos e vídeos arquivados: servem para fazer média quando a realidade tá uma fossa.

Segunda-feira. Me arrumo como se fosse trabalhar, mas chamei Suzana pra ir ao Mucuripe – onde costumamos nos esconder. Ela não conseguiu o dinheiro que pedi, devido uma febre súbita. Conta sobre o contrato com uma agência, onde um milionário estrangeiro vai gerenciar ela e outras meninas, meneio a cabeça, mas ela insiste que é sério. Com seus óculos escuros extravagante, biquini rosa bebê, fios vermelhos que batem no ombro, Su vai se ajeitando na areia e tira da necessaire seu protetor solar fator 15. A negra mais linda que conheço. Caminho sobre rochas escuras com buracos que comportam águas cor de esmeralda – a sensação de andar descalça é que milhões de espinhos querem atravessar, mas eles não doem, são agradáveis. Sento no limite entre a rocha e as águas, os respingos me trazem frescor. Uma música instrumental toca na minha cabeça como se fosse uma trilha sonora. Tenho a sensação de estar sendo observada. Olho pra trás e vejo Suzana tirando uma foto minha com o celular, sorrio. Ela retorna a sentar na areia e logo faz amizade com um rapaz que se aproxima. Fico apreensiva por achar que se trata de um ladrão, mas o sorriso ao longe mostra que estou enganada – não é possível que até sendo assaltada ela mostraria os dentes. Canto alto uma música que vovó cantava. Não lembro a letra completa, aumento a voz gradativamente até gritar, é

libertador. Ninguém pode me ouvir. Estou gritando, chorando, sorrindo, estou livre. Os barcos e as jangadas são minhas molduras. O mundo não sabe quem sou, mas eu sou a protagonista deste cenário. Ninguém está aqui, eu estou.

De tarde abri as mensagens de Leila Tavares já imaginando do que se tratava.

Leila: Olá, Shailo. Tudo bem? Desculpe não ter respondido antes. Sinto muito pelo ocorrido e entendo. Você retornou às suas atividades hoje?

Como já havia visualizado respondo.

Eu: Boa tarde, Sra. Leila. Estou melhor, obrigada. Acordei ainda indisposta, e minha família precisa do meu apoio agora. Amanhã retorno às visitas. — A mensagem foi visualizada no mesmo instante como quem ansiosamente espera.

Leila: Você está em casa? Vi no sistema que apenas 20% da sua equipe enviou os pedidos para a empresa e restam apenas quatro dias para o fechamento. No Sábado cai o pagamento, preciso muito do seu empenho.

Eu: Pode deixar, vou fazer o meu melhor.

— Suzana, você vai me emprestar o dinheiro amanhã mesmo?

— Claro amiga. Tá duvidando da minha capacidade? — olhando pra mim com um dos olhos abertos e a cabeça no peito do tal de Fred. Não sei como ela consegue arranjar esses esquemas tão ligeiro e tratá-los com tanta intimidade. O cara é bonito, mas a sagacidade em seus olhos deixa muita coisa clara. Ele parece um pouco com o primo Lucas, mas tem os olhos castanhos claros. Outro dia ouvi tia Carmelina dizer a minha mãe que Suzana tinha o espírito da “pomba-gira”, minha vontade foi entrar na sala e perguntar qual espírito era o dela, o “Santo” certamente não é.

Quando éramos crianças, a Su nem queria ouvir falar de namoro. Tinha nojo.

– Claro que não – respondo enquanto tento desviar o olhar de Fred.

Ao despedir-se, reclamei. Queria passar o dia com ela sem um ficante entre nós.

– Poxa né, Suzana. Não dava pra se controlar pelo menos hoje?

– Desculpa amiga. Você me deixou sozinha por mais de uma hora, não consegui dispensar a companhia.

– Ok então. Estamos quites. Deixa pra lá. Estou preocupada porque minha chefe – se é que posso chamá-la assim.

– Está me pressionando e a verdade é que as coisas não vão bem. A começar pela péssima qualidade dos produtos. Você sentiu meu cheiro?

– Não. Só o do creme de cabelo.

– Pois é, estou usando uma amostra do perfume “Setembro”, lançamento da Tavares.

– É amiga, seu setembro não está bem mesmo.

Ao chegar em casa – ou melhor, na nova casa –, sinto um alívio ao entrar e ir direto ao quarto de vovó. Não preciso dar logo de cara com o mau humor da minha mãe e nem com a fumaça de Estela. Liliane está ao lado da vó Helena. Não digo nada, apenas abro o guarda-roupa sem saber ao certo o que estou procurando.

– Shailo, é você?

– Sou eu.

– Onde esteve o dia todo? Estava preocupada. Sua mãe disse que você a enfrentou.

– Estava na praia com Suzana e não enfrentei ninguém – evito falar mais coisas porque não adianta nada e com certeza Liliane vai contar à Tia Carmelina.

– Você viu Liliane? Ela veio ficar aqui comigo.  
– Sim – respondo sem encará-la.  
– Shailo.  
– Oi vovó?  
– Quero que faça uma coisa por mim. Você faz?  
– Pode dizer. – Ainda de frente para o guarda-roupa.  
– Vem aqui. – Ela fez um gesto com a mão. Subo a cama de joelhos de forma que fique o máximo de distância de Liliane, que está sentada na cadeira com um livro nas mãos.

– Diz vó. Estou aqui.  
– Quero que você abrace Liliane. Ela é sua prima. Nossa família está acabando, não quero que vocês fiquem mal. Preciso que estejam em paz antes que eu parta. – Vovó poderia ter pedido que eu fosse em busca do Asteroide Florence, menos isso. Ajustei o olhar como se tivesse em câmera lenta, e olhei pra Liliane. Ela permanecia pálida, sem graça, muito mais do que a Wandinha Addams.

– Eu nunca parei de falar com ela. Tia Carmelina a proibiu de falar comigo e ela concordou.

– Isso não é verdade – respondeu Liliane com a voz desanimada tirando os olhos da leitura.

– É sim. Quando tentei falar com você em secreto, o que fez? Me deu as costas e saiu. Diferente de Suzana, a qual minha mãe proibiu de falar com ela, mas hoje mesmo saímos juntas.

– Você acha que sabe de tudo, mas você não sabe de nada – disse ela, corando as bochechas.

– Não sei mesmo. Eu não sei de nada, o que sei é que sempre esperam que eu fique passiva a tudo.

– Não briguem por favor. – Vovó colocou as mãos no rosto. Ainda com os joelhos na cama abracei vovó ao mesmo

tempo que Liliane. Ficamos as três. Minha mão esquerda estava sobre a mão direita da minha prima.

– Desculpa vovó – eu disse.

Liliane foi saindo aos poucos. Colocou o livro numa bolsa. Beijou a testa de vovó.

– Eu virei todos os dias ficar com ela. – Deu as costas e saiu.

Sábado. Relatório no e-mail. Duzentos e vinte reais. O que vou fazer com Duzentos e vinte reais? R\$ 100,00 para devolver à Suzana e o restante para ajudar em casa e me manter durante um mês inteiro. Mandeí uma mensagem para Leila dizendo que não estava entendendo. A resposta veio 30 minutos depois.

Leila: Você começou suas atividades quase no meio do mês, não concluiu nem 30% das visitas, não bateu nenhuma meta, o único ganho veio de um percentual do pedido das que concluíram as vendas. Como poderia receber muito?

Eu: Lembro das regras. Só não achei que seria tão pouco. Tive um gasto além do que eu podia com transporte e alimentação.

Leila: Querida, acho que você precisa rever as pastas que lhe entreguei. Somos uma empresa conceituada e honesta. Sua colega de trabalho, Clecione Ferreira, entrou no mesmo período que você e recebeu de comissão R\$ 1.230,00. Ela trabalhou.

Eu: Eu também trabalhei, mesmo com as dificuldades e falta de apoio. Mas entendi, e decido não retornar mais.

Leila: Você é fraca. Dei a oportunidade, mas desde o primeiro momento percebi que não tinha capacidade.

Eu: Não tão fraca como suas essências. Adeus.

Novamente desempregada. Não sei como contar a minha mãe. Volto aos classificados. Terminei o ensino médio com dezessete anos, tive algumas dificuldades de encontrar um primeiro

emprego no começo do ano porque a maioria das oportunidades eram oferecidas para pessoas com dezoito anos completo.

Trabalhei durante um ano e quatro meses como atendente de telemarketing na Roland Telemarketing, onde conheci Fernanda. O contrato acabou no final de fevereiro desse ano, não fui recontratada. Fernanda era minha chefe de setor e tinha um destino certo: a França. Eu tinha apenas a sorte — se é que existe.

Fui direto à casa de Suzana. Agora eu moro com minha vó, minha mãe não está falando comigo, sou culpada por um suicídio, a rua inteira sabe dos meus passos, e ainda esbarro com Diego sem querer, mas dessa vez evito seus olhos.

— Suzana, me ajuda. Preciso de um trabalho. Tem vaga na sua agência?

— O que aconteceu? Deve ter sido muito grave pra você colocar os pés na minha casa e me pedir vaga na prostituição.

Sentamos em sua cama. Tentei recuperar o fôlego. Sinto-me fria, doentia.

— Estou perdida. Com vontade de morrer. Não tenho vida. Sou uma desgraçada, inútil, fraca.

— Pode parar com isso. Você não é isso. Me diz o que aconteceu.

Pedi um copo com água, tentava buscar ar, meus olhos ardem, o suor escorre como um cano que arrebentou, a boca secou, as mãos tremem. Suzana morava com uma tia que a criou, faleceu há uns 4 anos quando ela era apenas uma adolescente. E a partir de então, é ela por ela mesmo. A vida nunca foi fácil, mas ela continua sorrindo. Ou será que apenas mostra os dentes?

— Toma, bebe — ela segurava o copo porque minhas mãos perderam a força —, e pode tirar essa ideia da cabeça de vender o corpo, você não tem vocação pra isso.

– E eu tenho vocação pra quê? Devo ser tão ruim que nem pra se prostituir sirvo.

– Calma. Conta devagar.

– Discuti com a tal de Leila Tavares, estou sem trabalho novamente. Logo agora que moro sozinha com vovó. Não posso depender da aposentadoria dela, já basta minha mãe e minhas tias discutindo todo mês sobre isso.

– Um cliente meu me convidou pra trabalhar como secretária numa agência de investigação, claro que não aceitei, mas se quiser posso perguntar se a vaga ainda está em aberto.

– Estou cansada, Su. Faz duas semanas que não durmo uma noite sequer. Todas as noites aguardo ansiosamente o sol nascer pra trazer um pouco de alívio. O dinheiro que vou receber só dá pra te pagar. Minha mãe pensa que vou receber salário.

– Não se preocupe. Eu não quero dinheiro algum, e sobre sua mãe, para de se preocupar com o que ela vai pensar. Você precisa voar garota.

– Você não entende.

– Talvez eu não entenda mesmo. Não tive mãe.

Manhã de Segunda. Me arrumo como vinha fazendo nas últimas três semanas. Estou cansada, mesmo hibernando o Domingo inteiro. Liliane entra pela porta com minha mãe, estou no sofá da sala comendo pão francês com margarina, segurando uma xícara de café. Elas ignoram minha presença e seguem reto em direção ao quarto de vovó – que agora também é meu. Olho pro chão e lembro que há alguns dias atrás havia um morto na sala exatamente onde estão meus pés, revejo a cena, jogo o resto do pão dentro da xícara.

– Liliane, minha filha, depois você pode dar um jeito nesse furacão? – o tom de voz da minha mãe é sempre o mesmo quando

quer soltar palavras ferinas aos ventos. Atravesso as duas, dou um beijo em vovó sem dizer nada e ando rígida em direção a porta.

– Quer dizer que agora vai ser assim? – sempre foi um incomodo pra minha mãe pensar que eu pudesse estar bem.

– Assim como? – Dou um giro. – As coisas sempre estão do jeito que a senhora quer.

– Se estivessem do jeito que eu queria você não estaria mais aqui.

– Assim como o meu tio? – Ela disse mais alguma coisa que não ouvi, bati a porta e sair. Não faço ideia pra onde vou. Caminho em direção ao Centro da Cidade, cerca de 1km, perco a noção de tempo sentada em um banco do Passeio Público. Tempo suficiente pra enxugar o suor da minha blusa verde que está escura e úmida. Saco o dinheiro da conta e penso nas mil possibilidades, quanto menos, mais.

Nas manchetes de quase todos os jornais está estampada o que chamam de maior atentado a tiros na história dos EUA, parece que um homem saiu atirando contra pessoas que estavam num show de música country. Um recorte que merece destaque ao baú.

Prossigo me enganando, deixando currículos em lojas e comércios, que nunca vão retornar. Uma experiência profissional como a minha, que tem como destaque apenas o Telemarketing, não é tão desejável. Ah, também tenho informática básica, curso de comunicação pessoal e artesanato com papéis de revistas.

Suzana me liga. Deve estar preocupada.

– Não estou vendendo o corpo – respondo ao atender.

– Quanto a isso, não estou preocupada. Como você está?

– Fingindo que ainda estou trabalhando na Tavares Cosmetics. Sair como de costume e pretendo fazer isso todos os dias até conseguir um novo emprego.

– Não acredito. Por que você tá fazendo isso Shailinha?

– Você não conhece minha mãe. Se ela souber que sai do antigo emprego, vai dizer que tinha razão ao dizer que eu sempre serei uma fracassada.

– Eu odeio sua mãe.

– E eu me sinto como uma bandida que tem liberdade provisória, sempre tenho que voltar.

– Tenho uma boa notícia. Falei com Carlos Donneli, ele quer fazer uma entrevista com você.

– Quem é Carlos Donneli no jogo do bicho?

– Ah. É um cliente. Dono de um negócio que faz investigação, não entendo direito.

– Não sou policial ou detetive.

– Ah tá engraçadinha, eu te falei que era pra vaga de secretária. Fica na Maraponga.

Anotei o endereço e o telefone. Falei com o tal de Donneli – o que me deixa preocupada, por ser um cara que paga programas sexuais.

Ao final da tarde, cheguei a um apartamento de dois andares, cercado por fios elétricos, um portão estreito de ferro e uma campainha na mira de uma câmera de segurança. O portão abriu. Subi as escadas estreitas que dava para um enorme corredor, contei quatro portas, sendo que uma delas ficava de frente. Saiu um sujeito calvo, sorridente, de óculos escuros, blusa polo verde, calça jeans, sapato social preto e um relógio que certamente é de ouro.

– Estamos combinando – disse me olhando da cabeça aos pés.

– Sim – com aquele sorriso de boca fechada –, sou Shailo.

– A Suzana me falou, vamos entrando. – Apontou para uma cadeira que fica de frente a uma mesa de vidro. Sentamos. – Por quê Shailo? – perguntou sem reservas.

– Não entendi a pergunta – eu entendi sim.  
– Por que você se chama Shailo? É bem diferente.  
– Ah, era o nome da filha de uma antiga patroa da minha mãe. Ela achou bonito. Nada de especial.

– Deve ter um belo significado.

– Não. Não tem. Já pesquisei e ainda por cima ela registrou errado, era pra se escrever S-h-i-l-o-h, mas assino S-h-a-i-l-o. – Ele dá uma risada tão artificial quanto o retrato dele pendurado na parede. Observo sobre a mesa o porta-retrato onde a fotografia revela que ele é casado com uma bela ruiva de cabelos longos e dois filhos pequenos, ambos meninos. Ele faz perguntas sobre minhas experiências profissionais, o que se resume a atender telefone e convencer pessoas a não cancelarem suas linhas telefônicas. “Será que Suzana sabe que ele tem uma família?” ou “Será que ele se importa em ter uma família”, penso.

– Você está bem? – sou despertada do mergulho nas margens.

– Sim. Desculpe, confesso que preciso aprender algumas coisas, mas atender telefone e anotar recado não será problema.

Entrou na sala um tal de James, apertou minha mão e se apresentou como gerente. Explicaram que se tratava de uma agência de investigação onde prezam pela discrição, que eu deveria apenas agendar os clientes e cuidar do marketing da empresa como páginas do Facebook, Instagram e WhatsApp. Parece simples. Os dois tiveram que sair e me deixaram no computador lendo algumas informações. Fiquei na cadeira de Donneli – parece não ter um espaço reservado para a secretária. Uma sala ampla, branca, com apenas a mesa de vidro em formato de “L”, quatro cadeiras pretas de rodinha, o quadro na parede, um bebedouro e um espaço sobrando que formam ondas de eco. O telefone toca, oscilo em atender ou não. Atendo. “CDN Investigações, Shailo, Boa tarde!”

continuo lendo informações quando do outro lado uma mulher pergunta sobre preços. “Vou anotar seu nome e telefone, assim que tiver uma resposta retorno”. Estou sozinha, é quase noite. O barulho dos carros na avenida ecoa na sala, a visão da varanda é de luzes dos postes acendendo gradativamente, os veículos formam um extenso trilho de luz e caos. Donneli não falou sobre carga horária e quanto eu iria receber. Ligo pra Suzana e conto tudo.

– Ele deu em cima de você? Avisei que você não era de brincadeira.

– Obrigada. Você sabia que ele é casado?

– Shailooooooooo, sem esses comentários.

Suzana fica irritada quando percebe que a conversa discorre para uma possível lição de moral. James chegou e disse que Donneli não viria. Avisou que eu deveria chegar às 8h da manhã.

– Só trabalham vocês dois aqui?

– Não. – Ele deu uma risada. – Temos uma equipe de detetives que estão em atendimento externo.

James é bonito, alto, cabelo raspado, forte, tem um sorriso branco e alinhado. Tem também uma aliança na mão direita. Ele olha profundo, desvio. Me oferece uma carona de moto, aceito. Se não fosse o horário e o trânsito, não aceitaria. Nada me apavora mais do que imaginar-se dentro de um ônibus. Pedi pra ele parar na entrada do Dragão do mar – não queria que ninguém me visse. Disse que ia encontrar uma amiga e agradecei.

– Suzana?

– Não. Não é Suzana.

Não sei se parece milagre, mas volto com a sensação de que consegui um novo emprego em tempo recorde.

– Quando você for chegar tarde avise por favor – disse minha mãe, dobrando umas roupas no sofá assistindo um programa na TV preto e branco.

– Tive imprevistos. O trânsito não ajudou – digo de cabeça baixa entrando no quarto.

– Liliane precisa ir embora antes de anoitecer e mamãe não pode ficar sozinha. Já que você se dispôs a morar com ela, tornou-se sua responsabilidade.

– Como eu ia avisar? Você tem telefone? – controlo a altura da voz que quer explodir. Ela bate a porta com força e sai deixando a pilha de vestidos para que eu termine de dobrar. Desligo a TV e volto ao quarto me jogando na cama ao lado de vovó.

– Essa sua mãe sempre teve um gênio difícil – diz vovó com um prato de sopa nas pernas.

– Pois é, e ela descarrega todos os seus entulhos em mim.

– Shailo, seu cabelo ainda é grande? – vovó e o seu dom de mudar de assunto.

– Não como antes. Estão um pouco abaixo dos ombros. – Respiro tentando desfazer o furor.

– Você pintou? Alisou?

– Não vovó. Continuam ondulados, castanhos escuros, ah e não tenho mais aquela franja ridícula. – Ela pega nos meus cabelos e aproxima o rosto procurando enxergá-los.

– Queria ter a minha visão perfeita para vê-los. – Evito falar algo porque sinto uma coisa presa na garganta que sobe e desce. – Shailo, quando você nasceu, foi uma alegria inexplicável. Você foi a minha primeira netinha fêmea, e a primeira coisa que notei foram seus cabelos. Era tão cabeluda. Seu pai levou você ao mar, e sua mãe ficou louca. Ele disse que ergueu você aos céus, de joelhos na areia, porque você era um milagre.

– Que milagre?

– Quase morreu. Sua mãe teve uma gestação complicada. Ficamos preocupados e o seu nascimento foi como um alívio.

– Engraçado como as coisas se modificam. Por que a vida tem que ser assim?

– Eu não sei. Dizem que a muita idade nos traz experiência, mas às vezes me sinto tão insegura como uma criança de colo. Ainda mais tendo que depender de outras pessoas.

Abri o baú. Colei a foto do tiroteio em Las Vegas. Tirei de dentro um pequeno troféu dourado sustentando por uma base preta que tinha gravado “Estudante destaque 2009”, foi na conclusão da 6ª série. Lembro de subir ao palco, nervosa, me sentia “esquisita” e “sem graça” como Thais e Nubia, duas garotas da classe, costumavam me chamar. Havia muitas famílias naquele evento, e mesmo quando disse a minha mãe que a presença dos pais era quase uma intimação, ela não foi. Enquanto a diretora segurava o troféu e dizia palavras motivacionais antes de repassá-lo a mim, olhei por todos os lados, vi um homem de bigode fininho encostado em uma coluna e, por dois segundos senti uma forte pontada no peito. Pensei que era o meu pai. Me enganei, não era. Desejei que ele estivesse escondido em algum lugar e me abraçasse no final, mesmo que depois sumisse novamente. Tudo o que encontrei foram alguns sorrisos sinceros, alguns dentes trincando, e aplausos. Algo me constrangia, como se houvesse algum equívoco, como se eu não fosse boa o suficiente para levar a estatueta.

Fui à Terra das Lágrimas Doces, agora posso ver coisas raras no céu que passam de madrugada – a menos que o remédio de vovó não faça efeito. Se eu tomasse 2 cartelas desses compridos, dormiria por 20 dias ou desapareceria como Almeida? Seria menos feio do que tomar veneno pra rato – sem dúvidas – mas não teria coragem de deixar vovó tão culpada quanto estou. Por que ele

mandou aquela mensagem no dia de sua morte? Será que foi pelo que eu disse no portão? Foi consumido pela culpa? Acho que são coisas que nunca vou saber.

## Duas décadas

O cheiro de bolo faz-me levantar. Certamente é mais uma remessa, e nenhum em especial pra mim. Há duas décadas completas dei a minha primeira aparição pública. Cerca de 7.303 dias vividos – o que estranhamente é pouco.

Dormir se tornou um sonho e essa madrugada foi a pior de todas que vivi nas últimas semanas. Achei que conseguiria descansar quando me afastasse da fumaça de Estela, das brigas noturnas dela com Arthur ou da minha mãe me proibindo de fungar – o que me fazia prender a respiração pra não fazer barulho. Na casa de vovó, fungo bastante e ela parece não se incomodar – e houve uma inversão nas fungadas, agora forço o ar pra fora.

Pela fresta da porta vi minha mãe abrindo o portão com uma encomenda de bolo em uma sacola grande, senti vontade de ajudá-la, mas certamente recusaria. Não sei se ela esqueceu que hoje é meu aniversário ou se o rancor é mais forte que tudo. Uma mistura de pena e angústia tiram o gosto do café. Detesto esse dia e tudo o que ele representa.

Liliane me dá os parabéns, bem seco, sem parar um só passo. Agradeço enquanto ela caminha em direção ao quarto. Olho pro celular e vejo que no Facebook há mais de 99 mensagens – não abro nenhuma: possivelmente são marcações em postagens inúteis e pessoas que nem lembram que existo escrevendo "Parabéns" na linha do tempo porque foram notificadas. Nos dezoito anos tive que copiar uma mensagem de agradecimento e mandar pra mais de cem pessoas.

Houve um tempo em que minha popularidade esteve em alta, principalmente no ensino médio. As pessoas diziam que eu tinha um humor natural e que deveria investir na carreira de

humorista. Recusei namorar com Douglas Firmino – O menino mais cobiçado do segundo ano – porque eu já estava apaixonada pelo Diego. Às vezes acho que fui honesta de mais com quem não merecia. Isso foi na festa surpresa dos meus dezesseis anos. Naquela época, me sentia tão suficiente que nem acredito no que me tornei: uma garota medrosa achando que vai ter um infarto e que passa as noites desejando o nascer do sol.

Quinto dia de trabalho. Tédio. Conheci alguns detetives e devido ao exercício da função, evitam falar muito sobre si. Eles ocupam as outras salas e atendem os clientes agendados. Passam a maior parte do dia externos. A Márcia Oliver, uma das detetives, apesar de reservada me confia que está infiltrada em um hotel de luxo como se fosse uma das camareiras para desvendar casos de roubos que vem acontecendo. Ela finge ser amiga dos outros funcionários e fala mal do gerente com um gravador escondido – depois ele escuta tudo. Conta que sofre bastante assédio de hóspedes que pensam que fazer sexo com camareiras faz parte do pacote. Donneli entra e me encara como se houvesse algo errado.

– Já pensou em comprar um comprimido pra gripe?

– Não estou gripada. Deve ser minha sinusite – é a única desculpa que consigo dar mesmo quando os exames negam.

– Controle-se ao atender telefonemas – Ele pega uma bolsa preta e sai. Acho que isso foi um aviso.

Márcia me pergunta sobre os meus honorários e conto que não foi acertado ainda. Ela levanta as sobrancelhas como se dissesse algo que eu não gostaria de saber.

– Algum problema? – pergunto após um estranho silêncio.

– Não. Só curiosidade. Aconselho você a acertar sua situação o quanto antes.

Chegar ao trabalho tem sido uma tormenta. Todos os dias pego duas conduções lotadas, e controlo o tempo todo a vontade

de descer em qualquer parada. É constante as palpitações no peito e algo enforcando meu pescoço – principalmente quando a condução está cheia. Imagino que seja claustrofobia. Nunca gostei de vidros fechados, mas agora tem se tornado insuportável.

– Você é ansiosa? – Márcia interrompe meus pensamentos enquanto passa batom com um espelho na mão.

– Acho que o mundo é ansioso. Por quê?

– Você não para de balançar as pernas e nem de movimentar as mãos.

– Devo estar entediada. – Agora tenho fiscalização das minhas mãos, pés e nariz.

– Entediada? De ficar aqui sozinha sem fazer quase nada?

– Já dizia meu avô que "mente vazia é oficina do diabo".

– Acho que agora ele trabalha em oficinas lotadas.

– Como assim?

– Sei lá. – Ela guarda os pertences na bolsa, amarra o cabelo e sai. – Até mais.

Suzana como sempre manda uma mensagem enorme no WhatsApp, contando fatos desde que tínhamos 7 anos, ou melhor, eu tinha. Ela tinha apenas 5. Respondo com um "obrigado amiga".

Suzana: Tão seca.

Eu: Não sou boa com palavras. Você já me conhece.

Suzana: Não é, agora! Mas tudo bem.

Eu: Acho que atitudes são mais concretas.

Suzana: Eu sou concreta em tudo. Vamos comemorar aonde?

Eu: Num ônibus lotado de volta pra casa.

Suzana: Affs. Vamos ao Café Santa Clara?

Eu: Pode ser. Só porque não consigo recusar um cappuccino.

Uma ligação aparece na tela interrompendo a conversa. É Arthur. Atendo.

– Oi irmão. Algum problema?

– Parabéns pra você – diz cantando.

– Ah, obrigada. Lembrou?

– E eu esqueci alguma vez?

– Não. Nunca.

– Tô ligando pra dizer que você é a melhor irmã do mundo.

– Que piada velha. – Rimos.

– Então... muita saúde, paz, coragem e é isso aí. Tô orgulhoso de você porque decidiu enfrentar o Império.

– Não fala assim Arthur.

– Ah, Shailo. Ou você enfrenta ou se torna uma tremenda duma babaca. A mãe só sabe nos rebaixar.

– Acho que ela não sabe lidar com algumas coisas. – Penso como Arthur, mas acho estranho quando outra pessoa, que não seja eu, fala mal dela.

– É. Ela não sabe lhe dar com nada. Mas enfim, parabéns maninha. Vou dormir agora, a noite foi puxada. – Ouço alguma coisa do outro lado. – Ah, Estela está mandando um beijo.

– Outro pra ela. – Imagino que esse beijo de nicotina é tudo o que menos desejo.

"Aumenta o número de crianças mortas no incêndio criminoso em Minas Gerais" leio enquanto o celular vibra com mensagens de Suzana. Essa iria pro baú se eu pudesse recortar. Desde segunda feira não compro jornal.

Suzana: Shailo? Tá aí?

Eu: Desculpa. Atendi uma ligação de Arthur.

Suzana: Sai mais cedo hoje?

Eu: Por quê?

Suzana: Ué, hoje é Sábado, amorzinho.

Eu: Verdade. Bom, não sei. Não foi dito nada sobre isso.

James entra. Bem arrumado. Sem farda.

– James, que horas saio hoje?

– Pode ser às dezesseis. – Ele coloca uma jaqueta de couro em uma das cadeiras e senta-se a minha frente. Respondo a Suzana e me despeço enquanto ele conta sobre uma discussão no trânsito.

– Que chato! – não entendi nada do que ele estava falando. A não ser "idiota" e "seu merda".

– Vai fazer o quê hoje à noite?

– Sair com uma amiga – a resposta parecia estar no gatilho.

– Você sempre sai com amigas? É a mesma daquela noite?

– Não. Hoje é com a Suzana.

– Hum. A perigosa. – Torci o nariz e voltei a atenção para o computador. – Desculpe, ela é sua amiga.

– Tudo bem – disse séria.

– Você sabe sobre ela e Donneli?

– Prefiro não falar sobre isso. – Pisco os olhos numa frequência que demonstre minha impaciência.

Ele pega o celular do bolso e fica com uma expressão fria enquanto digita.

– James, sobre meu salário. Como vai ficar? Estou em experiência, mas recebo integralmente?

– Sim. Recebe um salário e horas extras – diz sem me olhar nos olhos mexendo nos dedos.

– Obrigada. – Ao contrário da Tavares Cosmetics, eles me adiantaram vale transporte e vale refeição.

No restaurante da esquina, devoro o almoço em questão de segundos. Sinto que todos estão me olhando e pensando "ela come como um homem que trabalha num roçado". Não sinto o sabor, apenas engulo. Estou com pressa de terminar. Imagino a cena: me torcendo na cadeira até o chão com a boca cheia de arroz à grega,

uma multidão cercando, a falta de ar me consumindo até que tudo escureça e alguém diga "morreu de parada cardíaca". Alguém pega meu celular e liga pra minha mãe, que se desespera. Minha alma entra no quarto de vovó e sem poder tocá-la contemplo seu corpo secando como uma folha ao sol. Isso não está acontecendo, Shailo. Enxugo uma lágrima. Meus olhos estão arregalados e um senhor idoso me olha como se também tivesse visto a cena.

Ao sair do estabelecimento, vejo um menino na esquina, ele tem mais ou menos uns seis anos. Está sozinho e espera o sinal de pedestre abrir. Olho ao redor e não vejo seus pais. Um carro desgovernado o acerta em cheio, ele se despedaça na minha frente. Vomito todo o almoço. Não pude fazer nada. Minhas forças escoam como a lama que entra no esgoto. Que cena horrível. Isso também não aconteceu Shailo. O menino continua de pé. O sinal abre. Atravesso lado a lado com ele como se quisesse protegê-lo. Estou tremendo. Outra lágrima desce. Seguro o vômito que não saiu. "Está acontecendo só na sua mente", repito insistentemente.

Fernanda envia um vídeo me felicitando enquanto procuro no Google "Como lidar com pensamentos ruins". Ela diz que mandou um presente pelos Correios e chegaria em alguns dias. Sentada à beira de um lago, cheio de barcos e ao fundo umas árvores verdes meio pontudas, Fernanda sorri com um cachecol xadrez envolto no pescoço. A França deve ser linda. Ela conta a novidade: vai passar o Natal em Fortaleza. Tento demonstrar toda a minha felicidade mesmo quando minhas mãos estão molhadas, pálidas e os desenhos de veias azuis retornam. Deve ser problemas no coração. Meu Deus: sinusite, claustrofobia, veias entupidas, anemia, vou morrer!

Chego ao escritório e pesquiso sintomas. Dor no braço esquerdo pode ser sinal de infarto como suspeitei. Estou

apavorada. Não quero que a morte decida por mim. É castigo. Ele veio me buscar. Sim, o Almeida.

Alguém aperta a campainha, é uma cliente. Ela senta e espera Donneli. Fecho as guias de pesquisa, respiro profundo. O nariz parece que está se fechando e meu cérebro está solto dentro do crânio. Donneli chega e pede que eu aguarde no corredor por alguns instantes. Ele fica a sós com a mulher. Olho para o trânsito e não evito ouvir a conversa. Falam baixo, mas faz eco.

— Meu marido está me perseguindo. Tenho certeza de que está monitorando meu celular, meu computador e existem câmeras escondidas dentro de casa. Pra chegar aqui tive que ir à casa de uma amiga e sair em um carro alugado enquanto o meu ficou na garagem dela.

Ele cochicha e com alguns minutos me chama.

— Shailo, vá com essa senhora até o banco. Ela lhe dará uma quantia e logo após James irá lhe buscar.

Não entendo o motivo, mas fiz como me pediu. A mulher que se chama Lourdes não parava de falar. Pelo jeito que fala e se veste, deve se tratar de uma socialite de família rica.

— Homens não prestam. Mas sabe de uma coisa? Quando um homem desconfia exageradamente de uma mulher, é porque está traíndo-a. O ciúme descontrolado pode ser uma estratégia pra desviar a atenção do que ele está fazendo.

Sorriso de boca fechada e concordo com a cabeça quando, na verdade, estou incomodada com o cinto de segurança e o ar-condicionado congelando minhas vias nasais. Sinto um desconforto como quem recebe um murro entre os seios. Levanto o cinto com a mão como se fosse um gesto cotidiano. Controlo o nariz. Estou em pânico.

— Nunca queira se casar, minha filha — ela continua —, minha mãe avisou que o Renan não prestava, mas eu estava cega.

No namoro já demonstrava sinais de violência, e eu justificava como ciúme bobo. Uma vez ele socou meu olho, menti pros meus pais e ainda casei com ele. Desgraçado. — O carro vai de um lado a outro da pista revelando seu descontrole pessoal.

Não consigo dizer uma palavra. Só quero descer do carro. Chegamos. O peito está ardendo. Ela continua xingando o tal Renan enquanto saca o valor de R\$ 2.000,00 e entrega em minhas mãos. Uma rápida ideia me surge "foge com esse dinheiro". Claro que não tenho coragem. Espero James no local marcado.

Penso nas galáxias que tem bilhões de anos e, até as estrelas anônimas continuam a brilhar: estou perdida no universo com meus vinte anos. Nada parece especial. Sou apenas alguém que age conforme a necessidade.

— Deu certo? — James chega por trás com o capacete estendido quando tento disfarçar o susto.

— Sim. — Caminhamos em direção a moto. A fivela do capacete me incomoda durante todo o caminho, como se apertasse algum canal da garganta ou alguma passagem de ar. Abro a fivela. Continuo incomodada. Engulo algo seco como se não houvesse mais saliva. O trânsito não ajuda. "Chega logo", repito mentalmente. James fala algo que não entendo. "Vamos morrer num acidente de moto", acredito que esse será o castigo, penso, desfaço o pensamento, e penso novamente. Chegamos.

Donneli recebe o dinheiro e chama James na outra sala para uma conversa particular. Eles me dispensam. Ouço risadas. Estou intrigada com a expressão de Márcia pela manhã. Ainda tenho quase todo o dinheiro que recebi da Tavares Cosmetics. Apanho um táxi na esquina e me dirijo ao Dragão do mar. A corrida não saiu barata, mas nada é mais apavorante que dois ônibus nesse horário. O cinto continua incomodando, mas ajusto de forma que fique sobre o mamilo direito. O motorista me oferece

balas de chocolate, pego várias e engulo uma por uma até chegar, produzo saliva o tempo inteiro que aliviam a garganta seca.

As recepcionistas do Café Santa Clara sempre nos recebem bem, mas quase todos os clientes nos olham dos pés à cabeça – principalmente para Suzana.

– Quanta gente branca com cara de rica, né? – diz ela enquanto se direciona a uma mesa.

– Fala baixo – digo sem encarar as pessoas ao redor.

– A maioria são os que procuram negras como eu pra se divertir. – Ela ri.

– Suzana, por favor.

– Relaxa, menina. É só pra chocar a burguesia hipócrita. Percebeu que sou a única negra aqui?

– Ok. Depois discutimos sobre militância. Vamos fazer o pedido?

– Quero aquele cappuccino com um pedaço de bolo de chocolate. – Ela grita uma das atendentes fazendo um impacto sonoro sobre "Garota de Ipanema" que toca agradavelmente no ambiente.

– E eu, quero cappuccino com avelã e aquela tapioca simples.

Conto à Suzana sobre minhas suspeitas de morte iminente.

– Você tá igual sua mãe, com mania de doença. Tem até um nomezinho que se dá.

– Hipocondria? Eu não sou hipocondríaca.

– Mas também não é doente. Só está abatida. Não dorme direito. Pensa besteira. Não desabafa.

– Vai me criticar hoje também?

– Tá bom. Feliz vinte anos. Dizem que depois dos vinte a velhice chega.

– Ah. Obrigado por lembrar, jovem de 18.

O prato retangular com a tapioca vem com meu nome escrito com cobertura de kiwi. Fiquei surpresa. Me senti especial.

– Que lindo. – Imagino que isso é coisa de Suzana, mas não pergunto, ela ia negar.

– Um brinde a menina de pele branca que mora na praia! – ela levanta a xícara. Brindamos.

Diego entra com sua namorada na Cafeteria. Senti uma leve fisgada no rosto, mas ergui a cabeça, fingi não os ver e mostrei os dentes. Quero que ele me veja feliz.

Suzana sempre indiscreta ao vê-lo grita "Diego", ele levanta e vem até a mesa.

– Oi Suzana. Oi Shailo.

– Oi – respondo sorrindo –, tudo bem?

– Sim. Parabéns!

– Obrigada. Você lembra? Quer dizer... obrigada – falei como quem canta em soprano.

– Claro. Somos... amigos de infância. – Aperta minha mão, a de Suzana, e sai.

– Não acredito que eu perguntei isso. – Usando ainda o sorriso de disfarce.

– O quê?

– Se ele lembrava. Que mico. Que ódio. Ele notou que eu me importei.

– Bobagem. Ah não ser que você realmente tenha se importado.

– Ah, para! Depois de ser traída, nem deveria olhar pra ele.

– Você nem tem certeza se foi traída. Não esqueça desse pequeno detalhe.

– Você me chamou pra tomar cappuccino ou me irritar? – Ela dá um gole na xícara, sorrindo com os olhos.

Quando ainda era uma adolescente, meu sonho era entrar nessa cafeteria. Achava que uma xícara de café custava o valor da minha casa e temia. As pessoas que frequentam aqui parecem intelectuais e de classe social alta, grande parte são turistas. Pessoas como eu e Suzana, quando entramos somos notadas instantaneamente.

A primeira pessoa que me trouxe aqui foi o Diego – que agora está sorrindo com uma magrela desengonçada. Lembro que quando vi o cappuccino no cardápio, custava R\$ 10,60: fiquei maravilhada. Claro que o valor não se compara ao café da Dona Graça, que custa R\$ 1,00 o copinho, mas algo aqui é mágico. Meu nome escrito de verde no prato é incrível.

As pessoas ao redor parecem que movem apenas os lábios sem som, só ouço Suzana. Ela veio com um vestido da sua grife “KuaseNua”, cor laranja fluorescente, os cabelos lambidos de gel e aquele perfume doce com cheiro de manga estragada que chega a mexer com o cérebro. Prendo os cabelos e percebo que Diego olhou pra mim – quem mandou sentar de frente. Não acredito muito nesse lance de destino, mas percebo que está tocando no som “Depois” da Marisa Monte. Sinto o corpo inteiro pulsando. Aconteceu alguma explosão. Mandei essa música quando terminamos e ele insistia em voltar.

– Vamos embora Suzana. – Mantendo as bochechas arredondadas como se sorrisse.

– O que aconteceu?

– Quero andar no calçadão. – Ele me olhou novamente, o que me deu a certeza de que precisava sair.

– Shailinha, você deveria tirar ele das garras daquela garota sem graça – sugere Suzana enquanto segura minha mão pra se equilibrar nos patins.

– Não tenho nenhum motivo pra fazer isso. Se você quer saber, a presença dele me incomoda sim, mas não é porque sinto alguma coisa por ele. Quer dizer – dou uma pausa pra inspirar e tossir –, sinto sim, sabe o que sinto? O sentimento de que perdi tempo. Aliás, as pessoas que passam na minha vida são assim, elas costumam quebrar pontes e nunca mais voltam para reparar.

– Mas ele te pediu perdão. – Giro a língua dentro da boca para produzir água.

– Preciso beber alguma coisa. – Acelero os passos fazendo com que os patins corram pela calçada.

– Me puxa devagar, Shailo. – Suzana cai segurando meu braço.

– Minha garganta está seca, não estou muito legal. Preciso ir pra casa.

– Tudo bem, só preciso devolver os patins. Daqui a pouco começo a minha madrugada lucrativa, não sei se vou aguentar. Tô morta.

Ao entrar em casa, tia Carmelina está com vovó. Ela torce a cara e continua ao falar como se as duas continuassem a sós.

– Oi vovó – interrompo.

– Shailo?! Vem aqui filha. – Me aproximo. – Parabéns, meu amor, por mais um ano de vida, você saiu cedo e eu ainda estava dormindo.

– Obrigado – Ela me abraça e tia Carmelina permanece imóvel olhando para as unhas curtas e limpas.

– Não vai dar os parabéns à Shailo, Carmelina? – disse vovó desconfigurando a expressão que tia Carmelina fazia antes.

– Parabéns pelo quê? – senti o sarcasmo em sua voz.

– Eu dispensaria qualquer felicitação forçada.

— Você acha que esqueci o que você fez... — antes que ela terminasse de completar a frase, bati a porta e fui ver se Arthur havia chegado.

O corredor estava cheio de roupas no varal e ao longe avistei a Estela “chaminé”, sentada em uma cadeira velha com o celular em uma das mãos e o cigarro na outra. Arranco uma blusa minha que está no varal e tento prender a respiração o máximo que posso.

— Oi Shailo, tudo bem amorzinho? — Estela é dez anos mais velha que Arthur. Eles devem estar juntos há uns 8 meses, logo quando fiquei desempregada pela primeira vez. Gostava mais da Leandra, a primeira namorada dele, eles se davam superbem e adivinha? Ela não fumava. Minha mãe dividiu a casa quando Arthur e Leandra decidiram morar juntos, mas ouvir dizer que ela o traiu depois de 1 ano e meio de relacionamento. Nunca mais nos falamos. Arthur não fala sobre ela desde o Natal do ano passado, quando foi embora, e dois meses depois chegou com Estela aqui em casa. Confesso que ela é bonita, até já comparei com a Alicia Silverstone (em uma versão maltratada de pele ressecada). Sua característica mais evidente é o cinismo. No fundo deve saber que detesto ela e fumaça que a acompanha, mas age como se eu fosse a irmãzinha querida do príncipe encantado.

— Estou bem, querida — retribuo.

— Parabéns! — Ela levanta rapidamente e me dá um abraço. A ponta do cigarro aceso está bem na frente do meu nariz. — Senta um pouco aqui. — Puxa uma cadeira que está encostada no muro. Sento. Seleciono mentalmente algum assunto, já que não tenho vontade de dizer nada. — Como foi o seu dia? — continua.

— Normal. — Prendo a respiração e dou fungadas expulsando o ar pra fora.

– Faz anos que não sei o que é aniversário – diz ela –, sou a oitava de 14 filhos.

– Sua mãe teve quatorze filhos?

– Na verdade teve dezoito e morreram quatro. Pobreza extrema. Cada um se virou como pôde.

– Como você e Arthur se conheceram?

– Ah... – Ela solta círculos de fumaça como se fosse uma obra de arte, sinto meu nariz cada vez mais se fechando. – Nós nos conhecemos bem ali no Pavilhão Atlântico, vim mostrar a praia à uma amiga que veio de Belém do Pará e ele nos ajudou, tipo guia turístico sabe?

– Interessante. E logo ele te convidou a morar conosco?

– É, eu disse que morava de aluguel e ele resolveu me ajudar.

“Ele queria afrontar a mãe”, penso.

– Deve ter sido amor à primeira vista – digo.

– Não acredito no amor. Acho até que ele nem existe. A gente simplesmente vive e deixa as coisas acontecendo como devem ser. Eu passei minha vida cercada de pessoas, dividindo tudo, e mesmo assim nunca senti que fosse amada.

– Então você não ama meu irmão?

– Bom, não gosto de dar nome as coisas. Talvez um dia elas tenham nome, mas não me sinto obrigada a fazer isso. Gosto de estar com Arthur. Isso é o suficiente.

– Acho estranha essa coisa de viver com uma pessoa sem sentir confiança ou um sentimento forte que os enlace. Eu não conseguiria, por isso estou só.

Ela faz um silêncio, uma tragada profunda. “Parece que todo mundo está mal”, “Onde estão as pessoas felizes?”, “Felicidade é coisa de filme”, penso. Arthur chega, me pega pelos braços e me beija na testa. Tira um embrulho do bolso.

— Pra mim? — Rasgo o papel. Uma pequena caixinha vermelha de veludo com um anel que tem uma pedrinha de estrela azul.

— Geralmente não se dá um anel à uma irmã, mas é pra lembrar que no céu da minha vida, você é minha estrela. Rara. Única — Arthur falava como se soubesse do Florence, algo embargou na garganta, seus olhos brilhavam sob a fraca luz que iluminava aquele final de corredor. A gente muda de assunto antes que lágrimas decidam transbordar.

— Eu nunca ganhei um anel seu — disse Estela num tom de brincadeira, mas dizem que brincadeiras tem um fundo de verdade.

Minha mãe permaneceu de porta fechada. Não veio falar comigo, e por mais que nada disso seja novidade, sempre mergulho nas profundezas outra vez. Estou exausta. Não consigo dormir. De dez em dez minutos desperto assustada como se algo me empurrasse a um abismo.

Desisto e fico sentada no sofá da sala, ligo a TV, está passando um filme em que um casal está completamente nu. Tento mudar a estação, tudo está fora do ar. Desligo. Fecho os olhos, sinto o coração acelerado, junto com as batidas ouço uma confusão de sons que vêm de fora. Pessoas bebendo e rindo. Queria dormir com Suzana, mas ela está em horário de trabalho.

Não tenho opção: vou à Terra das Lágrimas Doces. Vejo ao longe pessoas ocupando meu espaço, então dobro a esquerda e vou a outra ponte de pedras, passo por pessoas que bebem e fumam. De blusão até a metade das coxas, descalça, cabelos emaranhados, mas ainda presos, ando sobre pedrinhas que espetam os pés. Vou esperar o nascer do Sol: ultimamente anseio o ressurgimento da grande estrela e sei que ela vem, mesmo que eu desapareça.

## Laranja

Terça-feira. Vou até o supermercado ao lado do escritório a pedido de Donneli. Dessa vez fui receber o dinheiro de um cliente que não queria entrar. Acho estranho. Recebo um pacote bem consistente e o entrego. Donneli e James estão na mesma sala que eu, sinto um constante incomodo, fico sentada frente a eles enquanto conversam coisas idiotas como debochar de algumas situações com clientes. Sinto-me obrigada a sorrir de boca fechada algumas vezes. “Querida minha cama”, penso angustiada. Márcia chega, me dá um beijo e senta na cadeira ao lado. Os dois saem para a outra sala e nos deixa a sós.

– Eles estão aprontando alguma coisa – disse ela como se pensasse alto.

– O que há de errado com eles? – Márcia levanta e fecha a porta.

– Se eu contar, promete que não fala pra ninguém? – cochicha.

– Prometo.

– Vou ser breve. Percebi que você é uma garota do bem e, não quero que aconteça com você a mesma coisa que aconteceu com a mulher que trabalhou aqui antes de você.

– O que aconteceu? Estou ficando preocupada.

– Eles a acusaram de roubo.

– Roubo?

– Sim. Colocaram um dinheiro na bolsa dela para acusá-la. Na verdade, eles não queriam pagar seus serviços.

– Não estou entendendo nada.

– Shailo, esses caras são dois picaretas. Eles mandaram você receber dinheiro de clientes?

– Sim. Duas vezes em menos de uma semana.

– Estão fazendo você de “laranja” em operações perigosas, sabia?

– Por que eles fazem isso?

– Escuta, preciso falar rápido. Cai fora daqui enquanto puder. Eles não vão pagar seu salário e continuarão colocando sua vida em risco. Inclusive, tentarão assediar você de todas as formas.

– Por que você trabalha pra gente assim?

– Você já está querendo saber de mais. Estou apenas te avisando. Nunca fiz isso por ninguém e se você disser que falei alguma coisa, vai se arrepender.

– Trancadas? – Donneli entra e com certeza não conseguiu disfarçar o semblante de terror.

– Coisas de mulher – disse Márcia.

Sento com as mãos trêmulas. O corpo inteiro está em choque. Sinto um formigamento no rosto. Donneli avisa que vai sair e Márcia o acompanha. Ela diz algo com o olhar como “fica na tua”. Em seguida, James entra e senta na minha frente.

– Gostando do trabalho?

– Sim – nada convincente –, não há muito o que fazer.

– Vai sair hoje com alguma amiga? – Chegando ao que quer realmente saber.

– Não. Vou pra casa dormir. – O que queria que fosse verdade.

– Nossa. Que fora!

– Cadê a sua aliança na mão direita? Você só é noivo às vezes?

– Não sou noivo assim como você não é, mas usa um anel no dedo anelar. Aliás, muito bonito. – Pega na minha mão e aproxima o anel de seus olhos.

– Compromisso se faz com aliança – digo.

– Uma estrela azul pode significar muito.  
– Verdade. Significa.  
– Tá namorando? – Me calo por dois segundos emitindo um gaguejar que decide se fala a verdade ou omite. Senti uma vontade estranha de ser beijada, mas a voz de Márcia ecoou dentro de mim.

– Estou gostando de um cara. – Tiro as minhas mãos da dele.

– Sortudo ele.

– Você não vai sair agora à tarde?

– Não. Você quer que eu saia?

– Foi só uma pergunta. Pode ficar à vontade, aliás, é o seu espaço.

– Eu gostaria de conhecer outros espaços.

– Nem tudo o que gostamos, temos.

– E nem tudo o que temos, gostamos – completou ele. Enquanto James mexe no celular, percebo com a visão periférica que ele me olha com a mesma frequência que os ponteiros do relógio caminham em seu braço. Permaneço rígida diante ao computador, escrevendo letras aleatoriamente, tipo “Axshxbckckjcbemdwdkwncebcdwdwnjb...” evitando a todo custo um encontro de olhares. O nariz incomoda, ligo pra Farmácia e peço uma pomada a base de mentol pra aliviar o incômodo.

– Continua gripada? Quando eu estava assim minha mãe envolvia minha cabeça em um pano e me fazia inalar Alfavaca fervida em uma bacia de plástico. A fumaça era milagrosa.

Quando se fala em fumaça é inevitável não lembrar de Estela e parece engraçado ouvir que alguma fumaça é “milagrosa”.

– Obrigada. Vou pensar nisso – concordo antes que comece a explicar pela milésima vez que não se trata de gripe.

O celular vibra: mensagens de Suzana.

Suzana: Amiga, lembra da agência que te falei? Pois é, um cara chamado Leon Müller, quer me levar pra Suíça com mais três garotas. Ele disse que lá, as prostitutas são legalizadas e nos prometeu uma fortuna.

Eu: Você só pode estar brincando – digito rápido enquanto James fala alguma coisa –, você não conhece essas pessoas. Já leu jornais? Esses caras levam mulheres pra outros países e escravizam. Acorda Suzana. Lembra da Ritinha? Foi assim que ela desapareceu.

Suzana: Calma, não confirmei nada. Tô te contando porque tenho medo de estar perdendo uma grande oportunidade. Leon me parece educado e sério, fala português meio enrolado, mas entendo tudo. Sem falar que ele é lindo, tem uma barba avermelhada, olhos azuis profundos, alto, atlético e me confidenciou que gostou muito de mim.

Eu: Su, eu não acredito que você quer cair nessa.

Suzana: Amiga, se eu ficar aqui, o meu destino é virar aquelas prostitutas de peito caído que imploram um programa por R\$ 2,00. Rsrtrs.

Eu: Estou falando sério. Você me deixa tensa. Vamos conversar pessoalmente depois. Tchau.

Suzana: Ok. Beijos.

Ela nem sequer pensou que se for embora vou ficar sozinha. Quem mandou ter como melhor amiga uma garota que pertence a muitos.

– E então Shailo? – James me assusta aumentado o tom de voz.

– Então o quê? Desculpe, eu estava discutindo com uma amiga.

– Essas suas amigas são fogo. – Os dentes dele sorrindo são perfeitos. – Eu estava te convidando pra ir à um barzinho, topa?

– Não estou me sentindo bem e não gostaria que criasse alguma expectativa sobre mim. Vai perder seu tempo, estou avisando.

– Não custa nada tentar.

– Tudo bem, pode ser um na Beira-mar? – A primeira coisa que pensei foi evitar o trânsito, e o que é mais assustador: ônibus cheio ou a fivela do capacete?

Ouvi passos dentro de casa. Por um instante pensei ser o fantasma do Almeida, mas era Liliane. Eu estava acordada cheirando a mentol. Levantei e vi que ela havia preparado uma mesa de café da manhã.

– Oi Shailo, mamãe foi à uma consulta ao médico e antes de sair me acompanhou até aqui. Por isso vim mais cedo. – Não sei o que me espanta mais: o fato de ter preparado pães com ovos para mim ou estar falando comigo.

– Obrigada. – Ela deu um sorriso como os que costumo dar e me deixou sozinha na cozinha.

Não acredito que sair com James depois do que Márcia falou, pode se tratar de um bandido ou então ela pode ter mentido, não sei com qual finalidade. Ele foi educado o tempo todo apesar dos olhares que pareciam me devorar. Ficar acordada até o amanhecer com qualquer pessoa é uma ideia mais agradável do que apagar a luz.

– Liliane, por que você deixou de falar comigo? – tive coragem de refazer a pergunta que nunca foi respondida.

– Eu apenas fiz pão com ovo, só isso – disse baixo pra não acordar vovó. Fiz um gesto chamando-a até a sala.

– Foi sua mãe? Foi minha mãe? Quem proibiu?

– Não foi ninguém. Apenas concluir que você não é uma boa companhia pra mim. Prefiro não falar sobre isso, não tenho intenção de ofender.

– Eu não acredito. Foi sua religião? Depois que começou a frequentar igreja com sua mãe ficou assim.

– Deus não faz acepção de pessoas.

– E você faz?

– Nunca fiz nada pra denegrir ou diminuir você. Eu apenas não quis mais ser sua amiga, não consegue entender isso?

– Se você me dissesse o motivo, eu poderia entender. A religião acabou com você, com sua aparência. Você é jovem, mas parece uma velha, reprimida, fechada.

– Você está me julgando? Depois dizem que nós é que fazemos isso.

– Pois me explica, caramba.

– Não tem nada a ver com Deus, nem com minha mãe, nem com tia Mara ou com você. Tem a ver comigo. Preciso que respeite isso. Deixe as coisas como elas estão.

Corri até o quarto, abri o baú e vasculhei até achar uma foto onde eu e Liliane estávamos abraçadas.

– Tá vendo isso? O que aconteceu com isso? – seguro a fotografia com as duas mãos posicionada à frente dos olhos dela.

Ela encarou a imagem por alguns segundos e seus olhos brilharam de águas. Tentei abraçá-la, mas antes abriu a porta e correu. Correu em direção à Terra das Lágrimas Doces.

## Por um fio

Vejo a ligação de Arthur enquanto James discute com um cliente ao celular. Desligo três vezes. Estou tensa com a forma que ele fala. Grita coisas como “Vá se ferrar você” e “Você vai se arrepender”. A vibração continua, vejo que ele mandou umas quatro mensagens e resolvo abri-las.

Arthur: “Shailo, a mamãe passou mal. Liliane a acompanhou. Estela está com a vovó. Cheguei em casa agora pouco, parece que ela já está melhor. Mais uma daquelas crises de estômago, com certeza foi o colesterol”.

Eu: Ai meu Deus. Aqui no trabalho tá uma pilha. Não tenho nem como sair agora e a mamãe não tem contato. Você tem o número da Liliane?

Arthur: Tenho sim, mas mãe tem celular sim.

Eu: Sérió? Ela comprou um aparelho?

Arthur: Não. Ela ficou com o que pertencia ao tio Almeida. Não sabe mexer ainda, mas Estela a ensinou a atender.

Derrubei meu celular em cima da mesa, perdi a força nas mãos. James gritava cada vez mais alto até ficar vermelho como um camaleão nadando no extrato de tomate. Ele olhou para mim, desligou o telefone e deu um murro na parede. Permaneci paralisada. Liguei novamente para outra pessoa, dessa vez era Donneli na linha. “Você precisa vir aqui o mais rápido possível, problemas dos grandes”, desligou.

– Tudo bem com você Shailo? – voltando-se para mim.

– Sim, está. E com você?

– Problemas com clientes. – Ele andava em círculos com as mãos na cabeça tentando desfazer a ira.

Voltei a editar uma foto pra colocar no site da empresa. Não consegui abrir o celular, virei a tela para a mesa sentindo suas vibrações. Nada me apavora mais nesse momento do que o fato da minha mãe estar com o celular do Almeida. Volto a pegar o aparelho, não leio direito o que Arthur escreveu, quero apenas o número de Liliane.

Arthur: Não é melhor ligar direto pra mãe? – sugere com inocência.

Eu: Não. Ela pode estar debilitada e talvez não queira falar comigo ainda. – Quanto menos ela mexer nesse aparelho, melhor.

Liliane finalmente atende. Ainda estão no hospital, mas diz que mamãe já recebeu alta. Desligo e volto a ouvir James reclamar sobre alguma sacanagem que fizeram. Donneli chega, os dois vão ao corredor, estão de ânimos alterados e falam alto. “O serviço foi feito e agora ele está dizendo que não vai pagar”, diz James. “Vamos fazer o seguinte, a gente liga para o policial que é o amante da esposa dele e reverte a história”, sugere Donneli. “Reverter como?”, “Cara, a gente descobriu que o amante é o comandante Renato. Lembra que somos amigos? Vou ligar pra ele e dizer que não entreguei as fotos por causa da consideração que tenho. Em troca peço o dinheiro combinado, só que em dobro, claro.”, “Tu é esperto Donneli”. Ouvir conversas desse nível me assusta.

Não sabia mais o que estava tentando fazer no computador, apenas mexia no mouse, fungava o nariz silenciosamente com a refrescância do mentol invadindo as vias nasais, e havia um desconforto na costela esquerda que não me deixava sossegar. A única coisa que eu pensava era em como pegar o celular da minha mãe e desinstalar o WhatsApp: isso pode ser resolvido em questão de dois segundos, mas se não der certo, pode durar uma eternidade.

“Comandante Renato, meu amigo, há quanto tempo. Aqui é o Donneli da investigação... o motivo da minha ligação é o seguinte. Sabe quem é Ulisses Gouveia? Pois é, ele descobriu que você está saindo com a mulher dele”, Donneli falava com pesar na voz, mas sempre com um sorriso sarcástico para James, “Calma Renato. Claro que não ia entregar você, por isso estou te ligando. Porém, ele sabe que é você o amante. Ele quer as fotos pra te desmoralizar e pretende pagar pelo serviço R\$ 800,00. Não gostaria de perder essa quantia, mas como você é meu amigo...”, deu uma pausa, “Mil e quatrocentos? Tá ótimo. Te repasso as fotos pessoalmente. Calma Renato, eu sei, entendo, abração”, desligou e contou para James com serenidade que amanhã o Tal Ulisses ia ser encontrado morto. Tentei manter a expressão de uma pessoa surda, sinto coração exageradamente acelerado a ponto de mover o botão da blusa. Márcia tem razão.

Intervalo do almoço. Vou pra casa. Em menos de cem passos ao ponto de ônibus, sinto várias vertigens de quase 5 segundos, seguro em um ferro e encosto a cabeça, sem força alguma nas mãos. Subo os degraus como quem escala uma parte difícil da montanha, um suor descontrolado me cobre, escorrego sobre a cadeira de forma que meus olhos não possam olhar pela janela, tento tirar o braço esquerdo de cima do peito, mas volto a forçar colocando a mão no ombro direito.

– Você tá bem minha filha? – Uma senhora que estava sentada do outro lado se aproxima.

– Só um pouco tonta. – Ela se senta ao meu lado e tenta me levantar. Sinto meu corpo pressionado contra uma parede.

– Quer ir a um médico? – Os poucos passageiros estão ao meu redor.

– Vou ficar bem, só preciso ficar quieta – disse impaciente.

Quando desci no primeiro ponto, passei uns quarenta minutos sentada. Perdi uns 4 ônibus. Jorra água das minhas mãos de forma que lavo o rosto. Respiro acelerado, penso em pegar um táxi ou uma moto, mas ambos também me apavoram. Ao invés de passar a pomada de mentol no pescoço, enfio uma porção considerável dentro do nariz, quase bloqueando totalmente.

“Deus, me ajuda. Não me deixa morrer aqui”, digo movendo lábios mudos. Percebo olhares estranhos, como se pudessem me ver por dentro, mas ninguém faz nada. Tomo coragem e entro. O braço não sai de cima do peito, com a outra mão pego no pescoço como quem busca pulso, está tudo acelerado menos o ônibus. Desencosto da cadeira procurando ar, ao mesmo tempo que tento disfarçar externamente o caos que se instalou. Quanto mais me aproximo do destino, mais fico frenética. Estou tentando dirigir a condução mentalmente como se pudesse mover o acelerador.

Isso só pode ser um infarto, estou morrendo. Agarro a janela, procuro alguma posição que me deixe confortável. Encosto a cabeça, tiro a cabeça, encosto novamente. Em alguns segundos parece que algo está me empurrando, desapareço e retorno numa frequência incontável. Preciso chegar em casa.

Deitada na cama ao lado de vovó, choro. Liliane pega um copo com água. Vovó passa a mão nos meus cabelos e pergunta o que aconteceu.

– Não sei. Estou muito tonta. Só preciso ficar um pouco quieta.

– Será que é colesterol também? O que vocês comeram ontem? – pergunta Liliane.

– Como está a mãe?

– Deitada. Chegamos a pouco do hospital. Ela deve ter comido alguma coisa gordurosa.

– Não tenho colesterol.

– Fez exame? Há quanto tempo fez um exame de sangue?

– Não sei. Acho que só estou indisposta.

Vovó insiste que estou com fraqueza. Ela sempre acha que não me alimento direito. Pedir para Liliane ir até a cozinha preparar um caldo de peixe. – Aquele que detesto. Liliane foi treinada para ser “uma dona de casa completa” apesar dos seus dezenove anos. Tia Carmelina deve estar preparando a filha para servi-la (eternamente). Minha mãe entra no quarto e não consegue esconder a surpresa.

– Shailo? O que está acontecendo? – ela franze a testa tentando demonstrar pouca preocupação.

– A senhora não deveria estar deitada?

– Ouvi um choro, vim ver o que era. O que aconteceu?

– Me senti mal. Vim pra casa.

– Sabe o que é isso? Não come direito. Quando morava comigo tinha horário certo pra tudo, agora vive como quer. Dá nisso.

– Eu estou com dor de cabeça.

– Dor de cabeça? Só isso? E eu? Imagine se tivesse passado pelo que passei nessa manhã. Sozinha dentro de casa, sem um cristão pra me socorrer, poderia ter morrido se não fosse Estela. – Ninguém pode competir sobre dor com minha mãe. É inadmissível que as pessoas sofram mais do que ela. Seja qual for o problema, Dona Mara faz questão do título de pessoa mais injustiçada do mundo. Isso impediu que muitas vezes eu conversasse com ela sobre meus problemas. A marca registrada dela é “E eu?” como forma de introduzir sua amargurada história. Observo seus cabelos com alguns fios brancos reaparecendo e sua blusa azul manchada de massa de bolo, sei que no fundo está preocupada e o quanto é

difícil apenas perguntar se eu estou bem, o que pode parecer hipocrisia da minha parte.

– Mara, minha filha, isso não é hora de sermão. Shailo não está bem – vovó intervindo.

– Vai voltar pro o serviço ainda? – Ela apoia um dos braços na parede e seu rosto transparece o aspecto pálido.

– Não, irei amanhã se acordar melhor.

– Hum... vou deitar também. – Pensei em pedir o celular pra ver alguma coisa, mas achei que poderia despertar nela alguma desconfiança. Preciso pensar numa estratégia melhor e tem que ser antes que ela resolva mexer nele. Procurei o número de James (que está bloqueado para WhatsApp) e enviei um SMS informando o ocorrido.

Adormeci pela tarde inteira com a força de quem está há mais de um mês sem apagar um segundo sequer. Abro os olhos atordoados, e observo vovó sentada ao meu lado, mexendo em uma caixa de sapato onde ela guarda comprimidos e documentos que cheiram a mofo. Fungo descontroladamente.

– Acordou filha?

– Sim vó – a fala quase não saiu, tenho a impressão de que tudo não passa de um pesadelo ou daquelas fantasias catastróficas que me dominam.

– Estou procurando um dinheiro que deixei amarrado em um pano e não encontro. Já revirei o baú do Batista e nada.

– Baú do vovô? – Me viro para o outro lado, vejo o meu baú aberto com tudo espalhado pelo chão do quarto.

– Vovó!? – dei um pulo da cama – Esse baú não é mais do vovô, é meu. A senhora lançou fora todas as minhas coisas.

– Por isso não encontrei uma roupa dele sequer – diz com serenidade.

– As roupas do vovô foram todas doadas, não tem mais nada dele aqui. – Fico de joelhos catando o que vejo como se pudesse pegar tudo de uma vez só.

Liliane entra e abaixa recolhendo algumas coisas.

– Pode deixar, cato tudo sozinha. – Ela solta um urso de pelúcia que está em sua mão e volta para o outro cômodo. – Desculpe, não quis ofender. – Seguindo-a até a cozinha.

– Lembra daquele urso? – ela diz – Ele era o marido da Suzie.

– Lembro. Suzie, a boneca. Eles eram casados. A boneca com o urso. – Sorrimos de boca fechada, claro.

– Como era o nome dele mesmo?

– Tutuzinho. Em homenagem ao papai e ao meu irmão, que se chamam Arthur.

– Lembra que a Pretinha destruía nossa brincadeira? Uma vez ela arrancou a orelha do Tutuzinho.

– Lembro. Chorei horrores, mas a mãe costurou de volta.

– E quando a gente balançava na rede? Pretinha cravava as unhas no fundo.

– A gente gritava e todo mundo mandava fazer silêncio.

– E o vovô nos salvava.

– Lembra quando Pretinha teve filhotes dentro do guarda-roupa da vovó?

– Sim. Foram cinco gatinhos.

– Liliane, vamos pra casa! – Tia Carmelina nos surpreende com uma névoa no rosto que parecia nunca se desfazer.

– Eu só estava...

– Você veio pra cá pra cuidar da sua vó e não pra ficar conversando bobagem – fala enquanto caminha ao quarto. – O que é isso nesse chão cheio de lixo?

– Não é lixo – me defendo –, são coisas que vovó espalhou. Minhas coisas.

– Pensei que Batista tinha voltado pra casa, o baú dele estava aí. – Vovó ainda sentada na cama.

– O que é isso? – Ela apanha minha foto com Liliane. – Que foto é essa? – Arranco de suas mãos como se fosse uma agressão imperdoável.

– É minha.

– Você roubou ela do meu álbum.

– Assim como você roubou minha prima de mim.

– Olha garota, a Liliane só tem a mim nesse mundo. O pai dela morreu e assumi a responsabilidade sozinha. Nunca fomos amparadas. Eu sei o que é melhor pra minha filha, e o melhor não é andar com gente como você, que corrompe as pessoas andando com prostitutas, drogados e malandros.

– Então devo me parecer com Jesus. Muito mais do que você.

– Não diga blasfêmia. Não use o nome do Senhor em vão. Vamos Liliane – falou apertando o braço da garota –, a partir de amanhã, você vem e quando essa garota chegar, vá pra casa.

– Carmelina! – grita vovó do quarto.

– Elas já foram. – Voltei a juntar as coisas espalhadas pelo chão.

– Não sei com quem essas minhas filhas se parecem. – Levantei uma sobrancelha respondendo mentalmente “A você vovó”. Costumava dizer que todas as mulheres da família eram iguais, antes de Vó Helena ficar cega de um olho devido a um glaucoma, e eu sempre me recusaria imitá-las.

James ligou três vezes durante a madrugada, e mesmo estando acordada não atendi. Mandeí outro SMS dizendo que retornaria na Segunda-Feira, e em seguida ele ligou.

– Pois é, James. Tive um mal-estar como contei na mensagem.

– Avisei ao Donneli. Tem certeza de que não precisa de nada? – Às vezes quero acreditar que ele é realmente um príncipe a me libertar da torre do farol.

– Tenho sim. Qualquer coisa aviso.

Continuo a inspirar em 4 e expirar em 8, olhando para um fio de sol que entra por um buraco de telha, após ler a madrugada inteira sobre causas da “Falta de ar” ou “dores no peito”. Descobri que podem ser apenas gases e que posso melhorar cortando refrigerante e folhas verdes do meu cardápio. Sinto um tremor interno, coloco minhas mãos diante dos olhos pra encontrar algo anormal e elas continuam paradas. Dentro da cabeça sinto algo solto que traz peso. Fungo, fungo e fungo, pra dentro e pra fora, mas não sai nada. O celular vibra, é Suzana.

Suzana: O que houve? Estão comentando que você chegou em casa desmaiada.

Eu: Cheguei andando sozinha. Quem está comentando?

Suzana: A rua inteira.

Eu: Vem aqui na casa da vovó. Agora.

Suzana: Se sua mãe me pegar aí não vai prestar.

Eu: Me responsabilizo. Vem.

Suzana: Chego em dois minutos.

Conto para Suzana sobre a loucura de ontem no trabalho, no ônibus e o quanto estou aflita por minha mãe estar com o celular de Almeida.

– Que confusão hein, Shailinha! Por isso que você tá desse jeito. Deve ser pressão psicológica. Às vezes sinto um tremor no olho direito quando estou estressada.

– Não posso voltar a trabalhar com Donneli e você não pode contar isso a ele, promete? Pode ser perigoso. Tenho que dar

um jeito de pegar o celular da minha mãe, mas faz tempo que não entro na casa dela.

– Fala com a Estela. Você disse que ela orientou sua mãe a mexer. Tenta articular.

– Pode ser. E se ela ficar desconfiada?

– Shailo, você só precisa desinstalar o WhatsApp. Só isso.

– Já sei, vou pedir pra ela trocar o celular dele pelo meu.

– Não. Ela sabe que você não gostava do seu tio, então por que quer ficar com o aparelho?

– Ai meu Pai. Não sei o que faço.

– Já sei. Pra começar, vamos bloquear o contato do Almeida de nossas agendas. Assim não dá pra ver a nossa foto no perfil.

– Mas se nossos nomes estiverem gravados nos contatos?

– Fala com Estela mesmo. Sei lá o que aquele doido escondeu.

– Estou aflita.

– Sobre Donneli, aconselho não ir mais. Sinto muito por ter colocado você nessa furada.

– Bobagem. Você só quis ajudar.

– Quem está aí? – Vovó aparece na porta. Ela anda por instinto. Conhece cada parte da casa e costuma ir ao banheiro sozinha.

– É Suzana. Aquela sobrinha da Dona Beatriz.

– Beatriz? – vovó procura a direção do sofá e Suzana a ajuda

– Beatriz era uma grande amiga, criou você como uma filha. Você ainda tá perdida na vida?

– Vovó! Por favor!

– A gente vive perdido Dona Helena – diz Suzana rindo – , todos nós procuramos alguma coisa que não encontramos. Mas se tiver se referindo ao fato de eu ser uma garota de programa,

estou sim. Todo mundo sabe, porque nunca escondi o que sou. — Não sei se foi intencional, mas senti uma alfinetada que me faz encarar Suzana.

— Tá certo minha filha, a gente tem que ser o que é. — Acho engraçado ouvir vovó dizer isso quando somos de uma família onde os filhos são oprimidos a ser o que os pais determinam. Não conseguimos terminar a conversa com vó Helena contando histórias sem fim sobre a Praia do Peixe (como a Praia de Iracema era conhecida antigamente). Tiro a latinha de mentol e passo no nariz. Minha mãe entra.

— O que essa garota faz aqui? Já conversamos sobre isso.

— Eu a chamei. É minha amiga.

— Vou indo. — Suzana sacode os cabelos com um gesto de deboche. — Foi um prazer ouvir a senhora Dona Helena.

— Tá cedo, fique mais um pouco — Vovó querendo concluir sua história sobre um homem que aparecia e desaparecia no mar.

— Fique Suzana, a casa é da vovó.

— A casa é de respeito — grita minha mãe da porta —, e quem manda aqui sou eu. — Nem parece que ontem esteve debilitada.

Suzana dá um beijo na testa de vovó e sai.

— Você tá querendo me afrontar né, Shailo Maria?

Dou as costas e entro no quarto de Almeida, fechando a porta por dentro.

## Onde a dor ficou

Ainda com as costas escoradas na porta, encaro a cama de solteiro arrumada com uma colcha feita de rede velha e o travesseiro branco com manchas amarelas. Sinto uma dor forte em cima do peito esquerdo, pego no pescoço e sinto a pulsação como se o coração estivesse perto da boca. Dou alguns passos e sento na beira da cama. A voz da minha mãe ecoa distante, não entendo o que ela diz, estou no lugar onde prometi não mais entrar. Está tudo organizado, certamente Liliane fez a limpeza. Inspiro profundo até sentir todo o efeito do mentol, preciso de alívio. Observo lentamente cada detalhe, como quem fotografa com o olhar, mas evito cada flash de lembrança que insiste em iniciar. Inevitavelmente vem a primeira vez que ele me seduziu. “Deita aqui na rede como o titio”, “Somos os melhores amigos”, “Ninguém precisa saber”, sua voz parece ressuscitar. “Eu só quero um pai, apenas um pai, e não alguém que me toque assim”, “Minha carne está latejando, mãos suadas tapam minha respiração, algo escorre pelas minhas pernas, estou com nojo”. Calma Shailo, isso já passou. Não lembra disso. Ele já morreu. A terra está comendo sua carne. “Sua mãe não pode saber, ninguém pode saber, se você contar ninguém vai acreditar”. “Eu vou contar tudo ao meu pai quando ele voltar”, “Meu pai vai me proteger”, “Para tio, tá doendo”, “Eu quero morrer”. Volta Shailo, você não está mais lá, você está aqui. Abro a porta, sento no sofá, grito. Minha cabeça se movimentava do chão às costas do sofá, sem parar.

— Para com isso — ouço minha mãe dizer enquanto a vejo como quem gira num espalha brasa. Não sei o que está acontecendo. Sinto o ar se esgotando. A cabeça não para. Vejo uma

avenida e uma pressão no meu corpo. Deve ser assim a passagem para a morte.

Sinto algo gelado pressionando meu braço e uma voz dizendo “A pressão está normal”. É uma mulher negra de rosto afilado vestindo uma roupa branca. Estou sentada diante de uma mesa quadrada e pequena quando olho para o lado e vejo Estela.

– Pronto. Conduza ela até o corredor que fica à esquerda, depois pegue a direita e vá até a última sala, que é a do Dr. Henrique – diz a mulher para Estela. Sou conduzida pelo braço, não existe força alguma em mim, uma brisa suave me devastaria.

– O que você está sentindo? – pergunta um médico jovem enquanto não para de escrever em um papel sobre a mesa.

– Estou sem ar... sem forças... sinto doer em cima do peito esquerdo como se alguém o tivesse esmurrado... um fogo que não passa... estou sentindo fraqueza nas mãos... – Volto a inspirar e expirar expressivamente como se não houvesse mais ar. – Eu sinto que estou morrendo. – Rompo em um choro descontrolado e enfrento algum recurso esgotado. Estela de pé, conduz minha cabeça em sua barriga. O médico decide olhar pra mim como quem encara uma garota dramática, de forma que parece dizer “Você não tem nada”. Ele levanta, pede pra que eu levante a blusa e sinto o estetoscópio como pedras de gelo nas minhas costas.

– Calma Shailo, você vai ficar bem – Estela tenta me acalmar. Sinto o cheiro de cigarro em sua blusa e me afasto expirando com toda força.

– Provavelmente você está passando por alguma enfermidade de natureza psicológica, pois seus batimentos e pressão estão normais. Não vejo nenhuma anomalia física. Vou lhe dar um encaminhamento pra bater o raio-x dos pulmões e do exame de eletrocardiograma, infelizmente aqui nesta unidade os equipamentos estão em manutenção, mas aconselho sobretudo

procurar atendimento no CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) ou entrar na fila de espera pra ser consultada por um psiquiatra. — Volta a escrever e entrega o papel à Estela. — Dirijam-se até o ambulatório e faça uso dessa medicação como está prescrita.

Uma enfermeira me deu dois comprimidos pequenos e um copo descartável com água, preparou o aparelho de aerossol e fiquei um tempo com a fumaça no nariz.

— Como eu vim parar aqui? — perguntei buscando força pra falar.

— Você deu um ataque de pânico na sala, sua mãe chegou lá em casa pedindo ajuda. Arthur tinha acabado de chegar do trabalho, e pediu ao Diego pra te trazer na moto. Viemos os três infringindo a lei. — Ela ri.

Eu gritei mentalmente “Não acredito que fui trazida pelo Diego”, mas só consegui chorar fazendo sinal de reprovação. Ela continuou “Ele quis ficar, mas eu disse que voltaríamos de táxi”, confirmei com a cabeça.

Não sei como fiquei imersa no silêncio, mas já é manhã de Domingo. Estou deitada no meu antigo quarto. Parece estranho, como se fosse outro lugar, e tudo permanece igual. Os lençóis cheiram intensamente a sabão de coco como se tivessem sido lavados a poucos minutos. Tenho medo de não conseguir levantar, parece estranha a sensação de dormir uma noite inteira e ver o dia brilhar pelas frestas do telhado. “Shailo? Eu me chamo Shailo? Daqui há alguns anos não existirei. Se eu morresse hoje seria lembrada por algum tempo como uma garota de 20 anos que mora na favela escondida dentro Praia de Iracema. Aquela que enlouqueceu”, penso, penso e penso. Percebo que estou sozinha, e mesmo tonta, me levanto à procura do celular de Almeida. Reviro cômodas, caixas debaixo das camas. Passo a mão em cima do guarda-roupa e depois revisto todo o seu interior: gavetas, bolsos

de blusas, vestidos e calções, caixas de sapatos que comportam comprimidos. Abro portas e gavetas do armário da cozinha, olho no forno do fogão, nas brechas do velho sofá, desfaço as redes penduradas nas cordas que descem dos caibros, fecho os olhos e vejo uma ampulheta dizendo que o tempo está por dois grãos de areia, e ao abrir vejo o celular ao lado da garrafa de café, bem ali, no pratinho em cima da mesa, banalmente desprovido. Aperto o botão de ligar, ele vibra.

– Shailo. – Minha mãe aparece na porta. Minha alma parece sumir. – Está melhor? – Ela abre a porta de baixo sem importar que estou com o aparelho nas mãos.

– Estou. Como vim parar aqui?

– Você tomou duas Diazepam no hospital. Voltou dormindo nos braços de Estela. Ainda estou com dores no estômago.

– Quem dormiu com a vovó?

– Carmelina e Liliane. Inclusive ela decidiu que se mudaria para a casa da mamãe amanhã mesmo. E você volta pra sua casa. – Sinto um nó na garganta e um embrulhar no estômago que me faz sentar na cadeira com o celular ainda nas mãos.

– Como assim? Elas vão morar com a vovó?

– Sim. – Mamãe coloca uma sacola com peixes na pia. – Não faz sentido sua avó ficar sozinha e Carmelina numa casa pequena morando com Liliane. O quarto de Almeida está desocupado e cabe as duas. Ela vai colocar a outra casa à venda.

– Esse celular é seu? – Ela pega um pão que está no armário, uma xícara e coloca na minha frente.

– Sim. Era do seu tio. Estela levou em um cara pra desbloquear a senha, mas não sei mexer ainda. – Ela passa margarina no pão e enche a xícara de café com leite. Vejo a tela inicial e percebo que tudo foi desinstalado, o que me faz inspirar e

expirar de alívio. Molho o pão sem vontade de comer, mas como. Meu peito ainda dói e o fogo não se desfez.

Decido resolver minha vida deitada no colchão duro. Desbloqueio o número de James no WhatsApp e escrevo: “Olá James, nesses últimos dois dias, passei por situações bastante difíceis, sinto que não retornarei tão cedo às atividades. Por esse motivo, peço que contratem uma nova secretária e depois me diga como fica o pagamento dos dias trabalhados. Obrigada”. Logo após leio a mensagem de Suzana preocupada e se culpando pelo ocorrido: “Fiquei apavorada quando vi você no meio da moto com Diego e Estela logo após minha saída da casa de sua avó”, respondo: “Deixa de bobagem, não tem nada a ver com você, tá bom? Lembra que senti uma indisposição na Sexta? Pois é, se estendeu para o Sábado, mas estou melhor”. Conto sobre o celular que teve seus arquivos todos apagados e da vergonha de ter sido levada ao hospital por Diego.

Voltei ao velho quarto de vez. Trouxe até o baú. O recorte de hoje foi sobre uma espanhola que morreu baleada por um policial militar na Favela da Rocinha. Ao colar, vejo a coleira rosa que pertencia à Pretinha e lembro do quanto ela me faz falta nessas horas. Passo a pomada de mentol quando minha mãe entra no quarto.

– Quer dizer que você não vai mesmo tomar os comprimidos que o médico passou?

– Já disse que estou melhor. Não quero ficar viciada em remédio controlado.

– Você que sabe. Quando estiver passando mal lembre que a culpa é só sua.

Faz oito dias que não saio de casa e nem vejo Suzana. James e Donneli ignoraram minhas mensagens, o que me faz entender que Márcia tinha razão: eles não iam me pagar. Em menos de dois

meses minha vida escoou de tal forma que me sinto como uma idosa de 98 anos. Deve estar sendo um desafio pra minha mãe ficar sem reclamar de muita coisa, acho que ela tem medo de sentir-se culpada por algo. A ideia de sair da cama me causa pavor. Agora somos eu e o meu baú.

Arthur entra no quarto e senta na beira da cama. Entrar na casa da mamãe também é um desafio pra ele, o que me faz pensar que eu estou fazendo as pessoas ao meu redor sacrificarem seus orgulhos mais profundos.

– E aí garota, vamos tomar um cappuccino?

– Você detesta cappuccino.

– Mas você ama. Quero ver você saindo dessa cama.

– Você não tem que trabalhar?

– A boate não funciona na Segunda. E outra, quero comemorar uma coisa com você.

– Comemorar o quê?

– Vou ver papai. – Sentei bruscamente na velocidade de um raio.

– Vai ser o quê? Como assim?

– A Estela está grávida?

– Claro né, Shailo. Quem seria?

– Ai meu Deus. – Abraço Arthur numa felicidade que me faz esquecer a possibilidade de Estela nunca mais sair de perto da gente. – Quantos meses? A mamãe sabe? Como tiveram certeza?

– Calma maninha. A Estela falou pra Mara.

– Não chama sua mãe assim Arthur – repreendo com o canto da boca.

– Ok. A nossa mãe já sabe. Ela fez o exame de farmácia e depois o de sangue, deve estar com pouco mais de um mês.

– Ai. Vou ser titia – alguma fraqueza escondida me diz que não estou tão animada, as palavras saem sem sentido com uma angústia que me traz cansaço –, vou tentar levantar, por você.

Acompanho eles até uma pizzaria – acho sacrifício demais fazê-los tomar cappuccino comigo. No caminho, sinto olhares desconfiados da vizinhança. Me senti uma doente terminal, depressiva, digna de piedade. Estela lamenta o abandono ao cigarro e o quanto vai ser difícil. A criança que está por vir já me trouxe algum benefício. Sinto novamente um mal-estar, escorrem rios das minhas mãos, enxugo no short, disfarço o quanto posso. Como apenas um pedaço de pizza, sinto algo preso na garganta e me recuso a beber refrigerante. Desejo que eles terminem de devorar tudo, não quero estragar esse momento.

– Querida, você está bem? – Estela pergunta com um pedaço de pizza na boca.

– Sim, inclusive acho que você também deveria cortar o refrigerante da sua alimentação – tento demonstrar preocupação pra desviar o assunto sobre meu estado.

– A Shailo tem razão – Arthur concorda –, agora tem um bebê aí dentro.

– Pelo jeito, grávida não pode fazer nada – diz ela chateada.

Estou numa varanda com um bebê nos braços. Evito olhar pra baixo, não tem grades e eu tenho medo de altura. Uma voz me diz “joga ele, joga”, aperto a criança contra meu corpo como se quisesse que ele ficasse protegido dentro de mim. Ninguém nunca perdoaria se eu fizesse isso, mas é mais forte que qualquer coisa. Se eu não jogar, essa sensação não passa. Aperto mais forte, a criança chora desesperadamente. Fecho os olhos. Não pode ser real. O bebê não nasceu. O fogo no peito aumenta.

Percebo que estou no limite da ponta da ponte velha prestes a cair, dou um passo para trás em meio a escuridão, alguém

se aproxima, vejo a ponta de um cigarro acesa, penso ser Estela. Vejo na penumbra um cara de boné sentado na outra ponta e um cigarro acendendo. O cheiro de maconha decide que preciso ir.

– Onde você estava menina? – pergunta minha mãe escorada no portão acompanhada de tia Carmelina e Liliane.

– Fui dar uma volta na praia.

– Você poderia ao menos avisar – ela fala ainda moderando o tom da voz –, faz tempo que Estela chegou com Arthur.

Passo por elas e vou até o quarto de vovó. As coisas estão todas fora de lugar. A sala tem duas estantes, dois sofás, caixas empilhadas no canto, a televisão foi tirada e ao entrar no quarto, vovó está com um radinho de pilha ouvindo algo parecido com uma pregação – deve ser influência da tia Carmelina.

– Shailo? – Vovó lança um sorriso como não vejo a algum tempo.

– Sim vovó, sou eu. – Sento-me à beira da cama e beijo sua testa sobre uma fralda que ela amarra na cabeça.

– Vou ser bisavó, está sabendo?

– Sim. Arthur me contou.

– Vai ser uma menina.

– Como a senhora sabe? Não dá pra saber ainda.

– Batista me disse. Ele esteve aqui ontem à noite.

Penso lembrá-la que o vovô morreu, mas acho que a fantasia às vezes nos serve de consolo.

– Foi. Que bom. Será mais uma mulher pra família – concordo.

Algo naquele quarto me incomoda, e não é apenas as coisas da tia Carmelina que estão por toda parte. Vovó fala sem parar, mas sua voz parece distante. Preciso deitar.

Faz três dias que Suzana não visualiza minhas mensagens e nem atende o celular. Começo a ficar preocupada. Será que ela está chateada por alguma coisa? Será que ainda se sente culpada? Talvez esteja me punindo por demorar a responder suas mensagens.

Abro o celular e vejo sua última mensagem na Sexta-feira, uma frase que diz “Às vezes precisamos arriscar a vida para encontrá-la. Sempre existe uma rua que nos aceite. Langstrasse.”, enviei um emoji soltando um beijinho de coração, mas agora estou desconfiada não se tratar apenas de uma frase.

No dia seguinte, ainda sem forças, levantei e fui até o portão de Suzana. Bati palmas com as mãos desfalecidas, o sol parecia estar me consumindo, mesmo assim inspirei e comecei a chamar “Suzana, Suzana” e nada. Ninguém atendeu. Encontro Diego colocando a moto na calçada duas casas depois. Ele cortou o cabelo em Degradê com uma risca do lado direito, fez uma falha na sobrancelha esquerda e sua pele parece um veludo sem barba.

– Você viu Suzana esses dias? – tento parecer fria com um olhar crítico.

– Não. Faz dias que não a vejo. Acho que ela viajou. – Ele pensou um pouco. – Na verdade, minha mãe a viu saindo de casa com uma mala e, um carro branco de vidros fumê a esperava na esquina da Caixa Cultural. – Pra quem “acha” até que ele estava bem informado.

– Viajou? Como assim? Ok, obrigada. – Dou alguns passos quando o ouço me chamar.

– Shailo, você está melhor?

– Eu estou melhor, sim. Obrigada. – Dou mais um passo e volto o rosto novamente a ele. – Ah, e obrigada por me levar ao hospital naquele dia, espero não ter atrapalhado em nada.

– Não tem de quê. Pode chamar sempre que precisar. – certamente ele não mede a profundidade da palavra “sempre”, não

é a primeira vez que ele diz isso, e olha como estamos: somos apenas dois estranhos que de alguma forma deve favores um ao outro.

– Tchau.

## À deriva

Vovó insiste em ir ao cemitério levar flores ao túmulo do vovô e do tio Almeida enquanto Tia Carmelina repete que mortos não podem receber flores. Tento ficar passiva a discussão, não porque me sinto passiva, mas porque evito falar o máximo possível – principalmente quando a ira junto com a falta de fôlego me devasta.

Liliane entra na sala e me entrega um envelope recheado, sem dizer nada. Penso em perguntar do que se trata quando vejo o remetente com um carimbo da França: É o presente que Fernanda me enviou. Rasgo o embrulho e vejo que são cartões com imagens de Conflans Sainte Honorine e frases impressas em francês. Em um cartão maior ela escreveu “Não vale a pena se esforçar pra ser normal, buscar aceitação é uma coisa normal, então se a normalidade não permite que você seja quem quer ser: seja louca. Seja feliz” e no outro havia um papel quadrado anexado, antes de abri-lo li “Que isso possa te ajudar um pouco”. Minha vista encandeou com um cubo bem dobrado de notas amarelas. Pensei tratar-se de cédulas de 20 reais, mas eram Euros. Mais precisamente quinze notas de 20 Euros. Enfiei no bolso quando tia Carmelina passou pela sala ainda falando alto.

– Shailo, minha filha, me leva ao cemitério. Não podemos deixar de visitar seu avô e seu tio – insiste Vó Helena. Procuo um vestido no guarda-roupa e começo a vesti-la, sem dizer uma palavra. Liliane assiste tudo da porta: “Mamãe não vai gostar”, permanece muda. Prendo seus cabelos brancos com grampos pensando em como vou levá-la. Ainda tenho alguns trocados no cartão de débito, pesquiso sobre táxi que aceite a forma de pagamento. Ouço a voz

da minha mãe conversando com Tia Carmelina na nossa casa, torço pra que elas não nos vejam saindo.

– Isso vai sobrar pra mim – diz Liliane andando de um lado pro outro.

O táxi chega, peço a vovó pra fazer silêncio, Liliane abre a porta e o portão de fora. Fugimos.

Não demora muito pra chegarmos ao Cemitério São João Batista – que leva o mesmo nome do vovô. A rua está lotada de ambulantes vendendo flores, lanches, carros por todos os lados e lotação. Sinto-me como uma ilha que está desaparecendo no fundo do mar. Seguro firme a mão de vovó e caminhamos até o túmulo da família, onde estão também os meus bisavós maternos. Um suor descontrolado me banha, com a mão suada coloco força pra sustentar vovó e tento guiá-la falando o mínimo possível.

– Você está tão calada minha filha – diz ela dando uma pausa nas inúmeras histórias que vem contando desde que saiu de casa

– Estou um pouco tonta, só isso.

– Sua mãe disse que você fica pensando besteira demais por isso está desse jeito.

– Que jeito!?! – digo puxando o ar com toda intensidade.

– Não quer mais sair de casa, não namora, não tem amizades, nem comigo conversa mais.

– Não é pessoal, vovó. Não me sinto bem pra falar, me falta fôlego.

– Você não quer tomar os remédios e nem foi procurar o lugar que o médico indicou – vovó emite tudo o que minha mãe calou nessas duas semanas.

– Chegamos. – Ela se cala e apoia as duas mãos nas grades do sepulcro.

— João! Jardel! — Rompe um silêncio de quase três minutos.  
— Vocês me deixaram sozinha. Espero encontrá-los em breve. A Carmelina tá morando lá em casa com a Liliane, A Helda nem dá notícia, é a mesma ingrata de sempre. Jardel, o Arthur vai ser papai, não sei se o seu pai te contou, aliás só seu pai vem me visitar. As meninas ocuparam seu quarto, espero que não se importe. A Shailo tá aqui comigo, vocês precisam falar pra ela deixar de ser teimosa. Tá doente e não quer ir ao médico, acreditam? — ela continua a contar todas as recentes novidades enquanto escoro a cabeça na parede lateral sob um sol de queimar a alma. Confiro se o dinheiro ainda está no bolso e penso em como vou trocá-lo. Nunca peguei em dinheiro estrangeiro. Tiro o celular do bolso pra pesquisar, e percebo que estou sem internet móvel.

Tia Carmelina chega acompanhada de minha mãe. Sinto o coração no pescoço.

— Sua louca. Como você faz uma coisa dessas?

— Não fala assim com a minha filha, falei pra você que eu conversaria com ela — mamãe intervém.

— A culpa é sua Mara, que criou seus filhos soltos. Você não ver que eles fazem essas coisas pra nos afrontar. E ainda induz a minha filha a compactuar com a safadeza.

— Cala a boca, sua imoral — diz vovó —, eu ainda sou sua mãe, você que deveria ter levado uma surra de cipó. Não respeita nem a presença dos seus avós, do seu pai e do seu irmão.

— Eles não estão aí. São apenas ossos e pó.

— Não fala assim com minha avó — digo buscando mais fôlego. — Vamos vovó. — Seguro em um braço e mamãe segura no outro deixando Tia Carmelina pra trás.

Mamãe sentada a minha frente em sua cama de solteiro, enxuga as mãos no vestido floral e respira como se procurasse uma outra forma de falar.

– Cadê o dinheiro que você recebeu daquela empresa de cosméticos?

– Como assim? – esperava que ela comentasse algo sobre a ida ao cemitério, percebo que algum disfarce foi descoberto.

– Você trabalhou quase dois meses e não recebeu dinheiro algum? – seu tom me provoca arrepios. Essa mulher não parece com a velha Dona Mara.

– Sim, devo ter ainda alguma coisa na conta. – Ela tira do bolso largo do vestido um envelope, um pouco mais fino do que o de Fernanda. Levanto e sento com os pés ainda sobre a cama, e abro. São algumas cédulas que somam quase R\$ 900,00. Dou de ombros.

– Não sabe o que é isso? É a sua renumeração pelos dias trabalhados na CDN Investigações.

– CDN? Como assim? – Sinto a pressão cair e algo escurece minha vista.

– Pois é. Gostaria de saber. Cosméticos? Investigação? Você e seu irmão tem razão quando dizem que não conheço vocês.

– A senhora não ia entender.

– Claro. – Ela levanta e bate as duas mãos na perna. – Eu nunca entendo nada. Sou uma burra mesmo – ela anda de um lado pro outro chorando e moderando a voz –, você já se perguntou como eu me sinto? Uma criança que foi obrigada a trabalhar muito cedo em casa de família, nunca teve brinquedo, casei com o primeiro que me enganou, perdi minha casa por causa do vício daquele maldito, criei dois filhos sozinha, sou uma mulher feia, enrugada, mal-amada, mas que tinha acima de tudo que entender o mundo inteiro.

– Eu não penso isso.

– Pensa sim, você e seu irmão, que faz questão de me ignorar. Mas se o problema de vocês sou eu, a partir de hoje deixo vocês livres.

– Sofri assédio moral no trabalho e não era bem o que eu pensava. Tive medo de dizer que estava desempregada de novo.

– Sou eu algum bicho?

– A senhora passou seis meses passando na minha cara que se não fossem seus bolos estaríamos passando fome, me chamou de fraca.

– Mentira, você está colocando palavras na minha boca.

– Vai dizer que não lembra? A senhora me criou presa dentro dessa casa, nunca parou pra me ouvir, a não ser daquela vez que abriu meu baú e leu meu diário.

– Exatamente, onde você descrevia que eu era um monstro.

– Disso a senhora lembra, mas não reconhece as coisas que faz e diz. Das humilhações que já me fez passar na frente dos familiares e dos meus colegas de escola. – Enxugo as lágrimas e tento controlar o tremor interno com as constantes vertigens de 2 segundos.

– Tudo o que fiz foi pra proteger vocês. O Arthur andava na companhia dos filhos da Célia, todos ladrões. Já você fazia amizade com garotas de programa.

– E a senhora faz amizade com quem? Com essa fofqueira desgraçada da sua irmã e pra piorar conta minha vida pra rua inteira.

– Pois agora, levante e vá procurar fazer alguma coisa na sua vida. Vá procurar seu pai, sua amiga prostituta, ou quem quiser. Não vou mais sustentar você. Depois de tudo o que passei, estou aqui de pé. E você? Com 20 anos, não trabalha, vive vagabundando nessa praia à noite, que aliás, deve estar sendo influenciada por aquela negra nojenta.

– Não fala assim da Suzana. O seu problema é porque ela é prostituta ou negra? Diz. Você nem conhece ela.

– E você conhece? Tá sabendo que ela foi embora dessa rua?

– Ela não foi embora. Aconteceu alguma coisa.

– Ela vendeu a casa. Conheci até os novos inquilinos. Gente de família decente.

– Você nunca mais vai me ver. – Tiro os pés da cama e corro pra rua.

– Shailo, volta aqui.

Ando pelo calçadão. Um grupo de turistas, provavelmente do Sul, pedem pra eu bater uma foto deles. São bem-humorados, e suas bochechas rosadas denunciam que são uma família. Devem ser pai, mãe e filhos. Devem ser felizes. Estou apenas com os Euros no bolso, deixei o envelope da CDN Investigações cair no chão do quarto. Penso em ir ao Centro da Cidade, mas lembro que hoje é feriado. “Como ela descobriu sobre a CDN? Por que Suzana desapareceu desse jeito? Por que minha mãe gosta de ser tão cruel?”.

Meu corpo ainda treme, confiro se a mão me mostra algo, mas elas estão apenas pálidas e consigo controlá-las imóveis. Sento no aterro da Praia de Iracema, tiro o celular do bolso e releio as mensagens de Suzana. “Como sou egoísta, ela me disse que ia embora com o cafetão suíço, mas eu estava inerte no meu mundinho vagabundo”.

Preciso de internet, preciso encontrar alguém. Me aproximo de um turista que parece ser americano, ele aparenta ter uns trinta anos, pele muito vermelha e olhos azuis tão intensos que parecem um mar brotando de um buraco negro. “Oi, tudo bem?”, ele sorri como quem não entende. “Hi, I am Shailo” – me sinto envergonhada por ter um inglês tão péssimo, em parte é culpa de

Almeida que era meu professor e eu evitava ao máximo prestar atenção em suas aulas. “Yes, I am Michael”, a forma como ele sorri, com dentes perfeitos e brancos me dá a falsa sensação de que estou dando em cima dele. Tiro uma das notas de 20 Euros do bolso e fiz um gesto com as mãos sugerindo uma troca, “Real Brazilian” disse. Ele falou algumas coisas que não entendi e fiz apenas sinal de negação com a cabeça. “Eu preciso trocar esse Euro por Real” disse impaciente como se ele pudesse entender. “Dólar” ele disse, lembrei que ele deveria ter apenas cédulas de dólares.

Enfiando a mão no bolso e me olhando fixamente, ele estendeu uma nota de R\$ 50,00 e em troca coloquei a minha nota em sua mão. Ele fez um bolo com as duas cédulas e me devolveu. Retribui com um aperto de mão, “Thank you Michael. Very happy”. Ele disse alguma coisa e finalizou com “Shailo”, nunca ouvi meu nome ser pronunciado de forma tão bonita. Ele puxou meu braço com delicadeza e sorriu olhando em meus olhos – seu sorriso poderia competir com o de Suzana. Segurei suas mãos suavemente como se dissesse “Eu não posso ficar. Não seria interessante uma companhia feito a minha”. O deixei na entrada do Espigão e fui até uma Loja de conveniência colocar crédito no celular.

Abro novamente as conversas com Suzana e procuro por “Leon Müller” no Google. Encontro um jogador de futebol de apenas dezessete anos e outras pessoas. Volto ao WhatsApp e releio suas características “Barba avermelhada, olhos azuis, alto, atlético”, por um segundo penso que Michael tem essas características, mas ele não é ruivo e nem suíço. Abro fotos e páginas de quase todos os Leon Müller que encontro, nenhum se encaixa no perfil do cafetão de Suzana. Lembro de uma casa noturna que ela costumava falar, sempre me dizia todos os nomes dos lugares que frequentava e até nomes de colegas de profissão, os quais não lembro

absolutamente nada. “Que tipo de amiga é você Shailo!? Talvez Suzana esteja fugindo de você”.

No Instagram, abro meu perfil fake e continuo a busca, alguns perfis estão privados, mando convite pra todos. Meu número de seguidos pula de 0 seguidos para 147 – ele só me servia pra stalkear pessoas como Diego Marinho. Adiciono todo “Leon Müller” e associados que pude.

Chego à uma casa noturna antes que o sol imerja e bato a porta. Tudo é preto aqui, paredes, portas, janelas, o que faz destacar a foto de um cara musculoso sem blusa com um fone de ouvido no pescoço.

– Diga. – Sai uma loira de vestido curto e batom grape, fechando a porta como se impedisse que eu visse algo. – Se for pra pedir abrigo ou emprego, no momento...

– Não. Não é isso. Estou procurando a Suzana, ela sempre vinha aqui.

– Suzana!? Você deve estar confundindo.

– Não. Ela é negra, cabelos vermelhos encaracolados, 1,74 de altura...

– Ah, sim. Você deve tá falando da Shailo.

– Shailo? Como assim Shailo?

– A única pessoa que conheço com essas características se chama Shailo, se é fictício, não sei dizer.

– Tudo bem. – Busco saliva pra engolir, mas sinto a boca deserta. – Onde está a Shailo?

– Olha garota, ela não frequenta esse espaço há tempos, mas com esse nome não vai ser difícil encontrá-la.

– Você conhece Leon Müller?

– Quem é você?

– É... eu sou Maria... é que a Suzana... quer dizer, a Shailo sumiu. Ela é minha irmã. Estou muito aflita sabe?

– Olha Maria, não posso ficar dando informações dentro desse ramo, mas se sua irmã trabalhava pra Leon Müller, deve ter ido à Suíça. Ele vem aqui uma vez em cada ano só pra buscar garotas que querem ganhar a vida lá.

– Onde ele fica, quando vem? Sabe?

– Ah meu bem, aí você tá perguntando demais. Não sei nada desse homem.

– Como ele é?

– Você vai me dando licença que preciso terminar de arrumar as coisas pra abrir a boate. – Ela entrou batendo a porta.

“Suíça”, “Shailo”, onde é que a Suzana está? Volto ao aterro, lavo os pés gelados no mar, tiro o celular do bolso e escrevo para Fernanda. “Não acredito que você fez isso! Foi se preocupar em mandar dinheiro pra mim, mesmo com todos os seus problemas e dificuldades lembrou de gente como eu. Estou muito grata, amei os cartões e não posso negar que essa quantia chegou na hora certa. Preciso ver onde troco, nunca peguei em Euro rsrs”, penso mais um pouco e continuo “Como você está? Me fala da sua vida, tá namorando? Como vai a Faculdade? E seus pais?”.

Vejo que Fernanda está digitando quando penso que meu súbito interesse pela vida dela pode parecer apenas uma felicidade pelos 300 Euros. “Bem, eu estava prestes a dormir, aqui são quase 23 horas. Você me despertou e é uma boba mesmo. Não precisa agradecer. Eu estou bem, só um pouco cansada e com saudades de você”, ela responde. “Queria tanto que você estivesse aqui. Eu te amo tanto Fê”, digo com lágrimas quentes descendo pelo rosto. A respiração parece estar entupida, fungo, lembro da latinha de mentol, choro descontroladamente enquanto Fernanda prossegue “O que você tem hein sua malandrinha? Tá tudo bem mesmo?”. “Estou bem sim. Desculpe se parece que estou dizendo isso por

causa do dinheiro, mas não é.”. “Shailo, por favooooor tá. Não penso isso. Você continua com essa mania de querer justificar tudo né? Lembra que te peguei detonando uma mulher na ligação do telemarketing? Você chamou a mulher de imbecil rrsrs. Passou um mês se justificando, mas eu apenas ria. Poderia ter demitido você, mas eu já te amava”. Prossigo “Vai dormir, descansa, depois nos falamos mais. Você tem toda razão”. “Vou dormir sim, mas não quero ter razão. A razão só serve pra ensoberebecer as pessoas. Beijos. Bonne Nuit”, respondo “Arrevuar” e ela retorna “Au revoir, rrsrs!”.

Volto à boate que está bem movimentada. A loira me encara por trás do balcão e faz um gesto de reprovação com os olhos semicerrados.

– Quero uma porção de batatas fritas com suco de maracujá.

– Amor, você encontra lanches em toda a orla marítima, aqui vende álcool, cerveja, cigarro e afins.

– Eu preciso saber onde está a minha irmã. Ok?

– Onde ela disse que estaria? Se ela fugiu do país, talvez não quisesse que ninguém soubesse.

– Ela não ia embora sem me avisar, por mais que eu sofresse. Esse cara deve ter levado a Suzana... quer dizer, a Shailo, à força. Se eu não encontrar pistas vou até a polícia, já faz mais de uma semana que ela desapareceu.

– Ok, pois procure a delegacia porque não quero ver você incomodando os clientes. – Alguém acenou e ela me deixou sozinha no balcão. Estou suja, sinto como se houvesse cola no meu rosto e corpo, sacudo a areia grudada nas coxas, vou ao banheiro. Lavo o rosto enquanto observo uma drag queen se maquiando.

– Você conhece a Shailo? – ousou perguntar passando papel toalha no rosto.

– Shailo? – Ela olha pro espelho pensando. – Uma das garotas do Leon? Se for, embarcou pra Suíça. – Continua passando batom.

– Você sabe como posso encontrá-los? Conhece ele?

– Impossível bebê. – Sinto uma forte pontada em algum ponto do ombro esquerdo e corro em direção a porta da rua.

Escorada em um muro, o ar se esvai. Uma mulher percebe minha aflição e me conduz pela mão sem que haja alguma resistência em mim. Chegamos a uma mesa dentro de uma cozinha pequena e decorada. Tudo tem capa: botijão, liquidificador, cafeteira. Ela mora em uma rua nobre da praia, mas sua casa é simples. Tudo é simples. Duas crianças nos observam, parecem estar assustadas ao ver uma estranha dentro de casa. “Marcos e Larissa, vão chamar o pai de vocês”, eles obedecem quando me deparo com o Pastor Marcelo Thomas, faço a intenção pra levantar, penso que Tia Carmelina pode estar perto. “Calma moça, você está bem?”, penso que ele ainda não me reconheceu, até que “Acho que lhe conheço de algum lugar”.

– Sou sobrinha de uma membra da sua igreja, ou melhor, duas: Carmelina e Liliane.

– Sim, sim. Lembrei daquele dia fatídico. O que aconteceu?

– Acho que tive uma queda de pressão, mas sua esposa me ajudou. Estou melhor, preciso ir.

– Shailo, seu nome é esse?

– Você tem uma boa memória, deve saber a Bíblia de cor.

– Quem dera. – Ele ri. – Na verdade estou orando por você e confesso estar arrepiado pelo fato de ter entrado justamente aqui.

– Sei como é, amanhã vai contar o testemunho na igreja dizendo que um anjo me trouxe, e isso significa que devo aceitar Jesus e dedicar minha vida à religião da minha tia. – Perco o fôlego novamente. A mulher levanta e coloca um bule no fogão.

– Pode ser, acredito que nada acontece em vão, mas não sou isso que você está pensando.

– A Tia Carmelina deve ter colocado meu nome no livro dos perdidos, é isso?

– Na verdade quem pediu oração por você foi Liliane, e mesmo que não partilhe da mesma fé que ela, deveria saber que isso é um gesto de amor. – Engulo mais um gole de água, vejo a mulher abrindo o armário e colocando umas folhas no bule.

– Liliane?

– Sim, ela disse que você estava passando uns momentos difíceis, mas pode ficar despreocupada porque não entramos em detalhes. Também sei que deve estar assustada por termos uma membra como Carmelina em nossa congregação, mas saiba de uma coisa, o desafio do amor é amar quem não merece. Não estou falando de religião.

– Por que você falou aquilo no velório do meu tio? Por que desfez o que Tia Carmelina afirmou?

– Desfiz? Não foi intencional. Ah, lembrei. Não compactuo com a opinião dela. Não sei por que seu tio tirou a vida, e não acho correto que alguém discorra por esse caminho. Mas quem sou eu para julgá-lo? Tenho me aproximado mais das pessoas depois desse ocorrido, porque o que a gente tiver que fazer, precisa ser em vida.

– Você acha que ele foi pro inferno? – Sinto a morte me cercando o tempo todo e preciso saber disso antes de mergulhar na escuridão eterna.

– Deus não me deu autoridade pra determinar quem vai pro inferno ou pro céu. Só Ele sabe.

– Você acha que estou passando por tudo isso... é algum tipo de castigo? Acha que tudo de ruim que acontece é “Falta de Deus”? – uso os dedos pra abrir aspas.

— Eu não sei o que você está passando, mas tenho certeza de uma coisa, segundo a minha fé: Deus não falta, quem falta são as pessoas. E mais, Deus não castiga, nós fazemos as escolhas e colhemos as consequências. — A mulher me entrega uma xícara de chá, cheiro a fumaça como um aerossol na esperança de que abra minhas vias nasais. Tento administrar por alguns segundos o que ele disse.

— Vocês têm o número do telefone de Liliane? Preciso falar com ela. — Ele assente com a cabeça e me entrega o celular.

Ela atende “Oi pastor”, respondo “Disfarça. Aqui é a Shailo, não faz perguntas, apenas escuta”, ela diz “Pode falar, estou sozinha com a vovó, e inclusive, de castigo. Nossas mães brigaram feio e parece que elas não vão se falar mais, igual nós duas. Onde você se meteu?” — percebo que o Pastor Marcelo com sua esposa me observa, então peço licença para ir à área de serviço — “Escuta Liliane, preciso que vá até o meu quarto e traga uma mochila pendurada no gancho, perto do guarda-roupa, coloca algumas roupas, um envelope branco que deixei cair no chão e me encontre dentro de meia hora na Terra das Lágrimas Doces”. “O que está acontecendo? Não posso sair, estou de castigo”, “Olha, o seu pastor acabou de me dizer que Deus não castiga as pessoas, então sua mãe não pode te castigar, lembra do livre arbítrio? Te espero lá”, desligo. Anoto o número dela no meu aparelho e devolvo o celular.

— Só mais uma pergunta, pastor, Deus é propriedade de quem está na igreja? Somente os congregados O agradam?

— Shailo, ninguém é dono do sagrado. Deus é eterno. Muitas pessoas que congregam estão adoecidas, elas se esforçam para mostrar uma perfeição que não existe porque recusam aceitar que são humanos. Talvez sua tia seja assim, mas não podemos jogá-la fora.

– Boa sorte com ela. – Abraço os dois e agradeço. – O chá estava ótimo e obrigado por não me forçarem a aceitar Jesus. – Eles riem.

– A fé nunca deve ser imposta – diz a mulher. – Você está bem mesmo?

– Sim, obrigada. Como você chama?

– Rita.

Passo a mão na cabeça das crianças que estão na entrada da sala e vou descendo a ladeira ao encontro de Liliane – caso ela vá. Sempre quis discutir religião com a Tia Carmelina assim como tentei discutir com o Pastor Marcelo, mas ele falou de um jeito que me faz acreditar mais uma vez na primavera.

Avisto Liliane sentada, com aquele vestido azul abaixo dos joelhos, escorada numa estaca de pau como quem dorme. Seus cabelos compridos voam ao som do vento frio.

– Como consegui pegar as coisas?

– Eu abri a porta, juntei tudo e deixei a Tia Mara perguntando o que eu ia fazer com isso.

– Ela não te seguiu?

– Não. Nem a mamãe me impediu quando tentou me puxar pelo braço.

– Vem embora comigo.

– Você vai embora? Pra onde?

– Não sei.

– Por que você foi levar vovó ao cemitério sem permissão? Você também né, gosta mesmo de afrontar.

– Obrigado pelas orações, o pastor Marcelo me contou.

– O que você foi fazer lá na casa dele?

– Longa história. Depois conto.

– Lembra daquele dia que eu, você e Suzana choramos aqui. Cada uma tinha um motivo diferente. – O sorriso de Liliane às vezes era bonito e esperançoso, apesar de amarelo.

– Lembro. Não lembro os motivos, mas a gente riu em seguida quando Suzana disse que suas lágrimas estavam com gosto de tutti-frutti.

– Verdade. A gente esqueceu até porque estava chorando e começou a rir. Rir pra valer.

– Foi daí que batizamos esse lugar de...

– Terra das Lágrimas Doces – dissemos em uníssono.

– Bom, preciso ir. Cuida da vovó. Diga a ela que vou ficar bem e por favor cuide do meu baú. Não deixe ninguém o jogar fora.

Trocamos um abraço silencioso. Fim de Quinta-Feira.

## Perdida

Caminhei até a Praça do Ferreira, onde passei a noite em constante agonia. Nem o sol dessa vez trouxe alívio. As pessoas juntam seus papelões do chão com o barulho do levantar de portas comerciais. Vou a uma casa de câmbio indicada pelo Google onde troco as notas de Euro por quase R\$ 1.000,00. Deposito quase tudo no banco para usar no cartão no débito – agora moro na rua.

No Mercado São Sebastião encontro um lugar na sombra. Caminhões chegam a todo instante, frutas, verduras, carnes, gente buzinando. As nuvens bloqueiam parcialmente os raios solares, o que não impede que o calor me consuma. Preciso de um banho. Escrevo uma mensagem para James agradecendo por ter ido deixar o pagamento, mas pergunto como descobriram meu endereço.

James: Oi garota, pensei que você fosse mais inteligente.

Eu: Não estou entendendo.

James: A sua amiguinha, Suzana, ameaçou o Donneli caso não lhe pagasse.

Eu: Onde ela está? O que vocês fizeram com ela?

James: Como assim? O dinheiro foi entregue.

Eu: A Suzana sumiu sem deixar rastro. O que vocês armaram?

James: Tá louca. Sua amiga é garota de programa, esqueceu? Elas vivem sumindo.

Eu: Vou dar parte na delegacia.

James: Fique à vontade. Você é mesmo uma desequilibrada.

Bloqueio o número dele.

Chegando ao 34º Distrito Policial, aguardo cerca de meia hora até ser atendida. No celular tem ligações e mensagens de

Arthur, Liliane e números desconhecidos, todos ficam sem retorno. Não quero voltar atrás. Um número desconhecido liga novamente, penso ser Suzana, atendo e não digo nada. Ouço apenas uma respiração que logo após desliga. Confiro constantemente as redes sociais de Suzana, mas sua última postagem foi do dia 25 de outubro às 23:48h em um lugar que parece um restaurante, alguém tirou aquela foto, talvez o tal Leon.

– Quero fazer uma denúncia – digo a uma mulher que parece se tratar de uma recepcionista. – Minha amiga desapareceu.

– Quanto tempo? – Ela me olha sério como quem não dá credibilidade.

– Há mais de uma semana.

– Casos de desaparecimento devem ser feito com 48 horas.

Por que veio agora? Cadê a família dela?

– Eu sou a família dela. Não vim antes porque fiquei aguardando algum retorno. Ela é... garota de programa e suspeito que foi sequestrada. Ela não sumiria sem me dizer nada.

– Como é o nome dela completo?

– Nome completo? É... acho que é Suzana Castro, não lembro o resto. Olha, mas ela se apresentava como Shailo.

– Senhorita, existem milhares de Suzana Castro. Preciso de informações mais precisas.

– Olha, um tal de Leon Müller pode ter feito alguma coisa com ela. Ele é um cafetão suíço. Ou talvez, Carlos Donneli, por ter sido enfrentado por ela. – Sinto minha pressão cair outra vez e o coração pulsando em toda parte. Uma dor no estômago avisa que há mais de 12 horas não como nada. A cada sílaba fungo o nariz, percebo que a mulher me olha como se eu fosse foragida de um manicômio. – Minha amiga pode estar morta, tá entendendo?

– Sinto muito, senhorita. Como se chama?

– Shailo.

– Você e sua amiga se chamam Shailo? Bem confuso. – Ela colocou as duas mãos cruzadas na boca, apoiando os braços no balcão.

– Tudo bem, eu vou descobrir sozinha. Obrigada.

Enquanto tomo um cappuccino malfeito com pão amanteigado numa cafeteria de esquina, decido abri as mensagens no WhatsApp. Começo pelas do Arthur.

Arthur: “Shailo, onde você está garota? / Volta logo, deixo você ficar na minha casa / Você sabe que sua mãe é assim, isso nunca vai mudar / Responde por favor, nem consegui trabalhar direito / Se não der resposta vou sair te procurando / Fala alguma coisa”.

Depois abri as de Liliane.

Liliane: “Shailo, sua mãe passou mal / Ela está de cama e estou cuidando dela / A família inteira está me crucificando / Onde você está? / Se cuida por favor”.

Seguro uma ânsia de vômito, solto a xícara e saio correndo em direção ao Mercado São Sebastião. Passo mentol no nariz e nos pulsos, tudo volta como um furacão: a boca está seca, giro a língua em torno dos lábios, produzo saliva e engulo; ergo a cabeça inspirando e expirando ligeiramente, a cada falta de ar vejo os laços da morte me puxando; coloco a mão no peito esquerdo, puxo algo de dentro como se fosse um arrote preso, nada sai; arregalo os olhos a cada sensação de limite esgotado, até que tento escrever, com um sentimento de despedida.

Eu: “Arthur, eu estou morrendo / sabe quando eu dizia que não gostava de lugares fechados? / não era só claustrofobia como diziam / agora eu não gosto de lugares abertos também / sinto a necessidade de ficar só / acho que estou enlouquecendo irmão / não me procura / segue em frente / te amo”.

Solução tão alto que algumas pessoas ao redor param para observar, continuo para Liliane:

Eu: “Diz à vovó que eu vou ficar bem / pra ela não ficar triste / nunca queria magoá-la / cuida do meu baú / se eu não voltar, joga ele no mar”.

A água que escorre do nariz parece entupi-lo ainda mais. Tento me acalmar, inspirando em 4 e expirando em 8. Uma larva borbulhando está pronta pra explodir, levanto como um vulcão silencioso. Desligo o celular e coloco na mochila.

Penso na velocidade do Florence. Milhões de Florence cruzam o mesmo universo, eles estão prestes a se chocarem uns aos outros, mas são protegidos por algum tipo de sorte. Alguma janela na memória se abre e vejo, como um outdoor na lateral de um prédio enorme: Margot Perone. Não sei bem o que estou fazendo, mas dou passos acelerados até a parada mais próxima.

Enfio dois dedos na pomada e coloco no nariz e no pescoço. Não sou muito de fazer orações, mas mesmo assim faço “Deus, ou quem realmente possa estar me ouvindo, por favor me dê forças pra chegar até a casa de Margot, e que ela possa de alguma forma me ajudar”. Sento ao lado de uma janela bem aberta e seguro o plástico da cadeira a minha frente como quem segura uma corda sobre o abismo.

Faço todo o trabalho de respiração, desço intacta, perco dois ônibus, o mundo gira, entro em um que parece está vago, não há cadeiras livres, enfrento as terríveis vertigens, fecho os olhos, digo a mim mesmo o tempo todo “não vai demorar, está chegando”, o tremor aumenta, meu corpo fede, penso em descer a cada ponto, o fogo no peito aumenta, faltam duas paradas, o que vou dizer? o que estou fazendo? Desço.

Aperto o interfone a cada minuto. Ninguém atende. O segurança de um condomínio do outro lado da rua me encara e

fala ao rádio. Sento na esquina atenta a qualquer movimento. Será que ela viajou? Ligo o celular, ele vibra com um massageador elétrico, muitas mensagens, não quero abrir nenhuma. Procuo na lista por Margot, ainda tenho seu contato, e digito: “Olá, Margot, tudo bem? Eu sou a Shailo, aquela ex-líder da Tavares Cosmetics. A senhora foi me deixar em casa quando soube da morte do meu tio, lembra?”, espero ansiosamente que visualize, mas foi apenas enviada.

Passados duas horas, vejo um carro se posicionando em frente ao portão que está subindo. Corro com a mão direita estendida na esperança de que me notem, quando sinto uma força brusca tomar meu braço. “Me solta, eu só quero falar com Margot”, digo ao segurança que esperava qualquer movimento, como um gato à espera da ratazana indefesa. Ele pressiona meu peito justamente onde já está apertado, e me sufoca. “Solte a moça senhor”, Margot intervém. “Oi, Margot, sou eu, Shailo”, sou absolvida.

## Transtornada

Apreensiva e sem outra saída, entro na sala do psiquiatra. Ele me aborda de maneira engraçada, e eu devolvo um sorriso de boca fechada sem nenhuma vontade. Às fungadas aumentam todas as vezes que penso em falar – e pelo jeito preciso falar muito. Ele me dá um lenço de papel e diz que posso ficar à vontade, o que não é negociável. A conversa começa por nomes, ele inicia “sou o Dr. Nicolas Cavalcante” e logo após pergunta o que estou sentindo. Ele aparenta ter uns quarenta anos, tem olhos puxados como se descendesse de índios, e uma barba preta com fios brancos. Com as pernas descontroladamente balançando, despejo a lista como quem decorou um texto teatral em cinco segundos.

– Dores fortes no peito, coração acelerado, boca seca, suor, fadiga, insônia, vertigens... – Sinto que não lembrei todos.

– E por que acha que isso começou? – Sei as respostas exatas, tiro os braços da mesa e penso que não quero me abrir pra alguém que acabei de conhecer, mesmo sendo um profissional.

– Não sei. Nunca gostei de lugares fechados e... estava angustiada a procura de emprego – resumi a isso.

– Como foi sua infância? Por que você se chama Shailo? – Funguei três vezes pensando o quanto detesto responder essas perguntas.

– Minha infância foi normal, na praia, e meu nome foi uma homenagem que minha mãe fez à filha de uma antiga patroa, nada de especial.

– Entendo, mas o que quero saber é o que lembra de traumático, alguma lembrança a perturba?

– Não acho que precisamos falar sobre isso, pensei que psiquiatras apenas diagnosticava e mandavam comprar remédios.

– Tudo bem, Shailo. – Ele continuou sorrindo como se não se ofendesse. – Você tem um distúrbio que chamamos de Transtorno de Ansiedade Generalizado, analisei seus exames e constatei que fisicamente você é perfeitamente saudável.

– Transtorno? Como assim?

– É um distúrbio que afeta a saúde mental, caracterizado por preocupações, ansiedade ou medo exagerado que interferem nas atividades diárias. Afetam o corpo, a cognição, o sono, o comportamento, o humor, o sistema respiratório... – à medida que ele explicava senti como se descrevesse a minha vida atualmente.

– Tem cura? – o interrompi.

– Tem tratamento, por isso estou aqui, pra te ajudar.

– O senhor está querendo dizer que vou passar a minha vida inteira assim?

– Não. Você vai voltar a ter a sua vida normal, inclusive trabalhar, namorar, viajar, mas precisa colocar algumas coisas em prática. Inclusive, abrir seu coraçãozinho pra tirar os limites desse baú.

– Baú? Que baú? – perguntei assustada como se ele soubesse da existência do meu objeto pessoal.

– O seu interior Shailo, o seu ser. Nós somos um baú onde guardamos tudo o que julgamos importante, infelizmente grande parte são coisas ruins, até não caber mais e extrapolar o limite.

– E às vezes o revestimos de más notícias – completei como se pensasse alto.

– Como assim?

– Nada, estava pensando em outra coisa.

Margot me esperava na recepção enquanto lia uma revista antiga sobre moda. Ela é o tipo de mulher que eu costumava chamar de “burguesa”, mas a nobreza dela não está em sua posição social. Ela é filha de pais ricos, nunca trabalhou, casou-se com um

advogado de renome: Carlos Alberto Perone, tem um filho de 18 anos que estuda nos Estados Unidos, vende cosméticos por hobby – para visitar as amigas dondocas –, e gosta de assistir documentários sensacionalistas sobre o sofrimento humano.

Conto sobre a primeira sessão enquanto ela dirige ouvindo músicas de Natal em pleno novembro. Tiro o cinto de segurança que insiste em incomodar, ela olha como quem deseja dar sermões sobre regras de trânsito, mas desiste com uma gesticulação labial e olhar fixo à frente.

– Shailo, estou preocupada com sua família, imagino como a discussão com sua mãe foi difícil, mas já pensou que não foi tão grave a ponto de desaparecer? – sabia que esse assunto ia brotar a qualquer momento, o tom dela faz com que me sinta uma menina mimada, e sei que está sendo influenciada pelo marido que apesar de me tratar bem, não concorda com a minha presença na casa dos Perone’s.

– Margot, não foi só por causa da última discussão. Minha mãe faz questão que eu me sinta mal, na verdade, sempre fez. Nos últimos meses ela piorou, principalmente quando voltou a me sustentar. Fugí de casa quando eu tinha quinze anos após levar uma surra de concha, aquelas de ferro que se tira feijão da panela, e quando voltei no outro dia ela disse: “Quando fugir de novo faça o favor de não voltar mais”.

– Ela falou isso num momento de raiva – Margot defende.  
– E por que ela te bateu?

– Porque me viu beijar uma menina e pensou que eu era lésbica.

– E você não é lésbica? Teve medo de assumir?

– Não é isso. Eu estava brincando de “Verdade ou desafio” num tronco perto do mar onde as crianças se reuniam, e esse beijo foi um desafio a ser pago.

— Desculpe. — Margot riu. — É que o jeito que você conta parece engraçado. Você tem vocação para o humor. — Isso é a coisa mais bizarra que ouço hoje. Quer dizer, saber que esse transtorno não tem cura é mais bizarro ainda.

Nesses cinco dias que estou na casa de Margot, ela cuida de mim como ninguém cuidou antes. Recebemos o exame cardiológico, que não apontou nenhum problema e ainda estou sendo consultada por um psiquiatra particular, como um membro da família.

Após o banho, mastigo algo que parece uma lasanha, mas tem gosto de peixe.

— O que é isso? — aponto para o prato que ela comprou pronto em um restaurante internacional.

— Camarões italianos. — Tento imitar seu jeito diferente de usar o garfo e a faca. Sua pele está sempre maquiada e seus brincos de pérola se destacam entre fios azulados. — Shailo, eu e Carlos estamos preocupados — esperava esse assunto, então continuei.

— Eu sei. Imagino que não seja fácil acolher uma estranha e ainda por cima com problemas de saúde. Pretendo partir o mais breve possível.

— Não nos leve a mal. Por mim, você poderia até morar com a gente, mas penso na sua família aflita e não gostaria de estar no lugar deles. Diga pelo menos que você está bem, e continue conosco. Luís Eduardo chega em dezembro, mas peço pra Lilian arrumar o quarto de hóspedes pra você. Carlos é um advogado sério e teme que seu caso vá parar na polícia, entende?

— Tudo bem, vou ligar pra eles, hoje.

Ligo o celular, sentada na cama de casal com edredom azul, cercada por quadros do Naruto e o ar-condicionado no 20. O aparelho treme sem parar ao bombardeio de mensagens que parecem inesgotáveis. Organizo os pensamentos, sinto uma

fraqueza nas mãos, o fogo no peito aumenta, procuro algo de Suzana, mas o que encontro são os rostos de Liliane, Arthur, Fernanda, um número desconhecido, e pela foto vejo que é Estela – nada da Su.

Começo por Liliane, que conta o resumo dessa semana de “desaparecimento”. Ela conta que vovó não fala coisa por coisa e ultimamente está muito feliz repetindo “Minha Shailo está nas estrelas”. Minha mãe retomará a vida de sempre, com semblante mais caído que o de costume e não comenta absolutamente nada. As mensagens de Arthur são de preocupação devido meu último contato. Digito que estou bem, na casa de uma amiga. Digo a Liliane que vovó tem razão.

Fernanda não sabe o que está acontecendo. Ela mandou uma mensagem no Domingo avisando que nos meados de dezembro chegaria para ficar uns quinze dias na casa de uma tia e me procuraria, respondo com corações e escrevo que estou ansiosa – talvez ela interprete como “Não vejo a hora”, mas a verdade é “Estou doente”.

Estela inicia a conversa dizendo que precisa conversar comigo pessoalmente e não dirá onde nos encontraremos caso aceite, e finalizou “É sobre Almeida. Sei tudo que aconteceu”. O que ela sabe? Lembro que ela ensinou mamãe a usar o celular, pressuponho que teve acesso as conversas que foram apagadas. “O que você sabe? Do que está falando?”, respondo.

Margot insiste que eu vista o presente que me deu: um vestido rosê que parece escama de peixe. Ela e Carlos me convidaram para jantar num restaurante – imagino que, cinco estrelas – na Praia do Futuro. Penso resistir, mas sinto um desconforto com a ideia ficar sozinha na casa de pessoas que me conheceram a poucos dias. Lilian, a empregada, está de folga e isso é suficiente para um sonoro “Vamos sim”.

Margot me pinta com blush, batom e sombra como se eu fosse uma boneca – o sorriso em seu rosto demonstra que realmente gosta de mim. Talvez ela tenha bem-querido ter uma filha. Quando eu era criança ouvi minha mãe dizer várias vezes que após meu nascimento tudo ficou mais difícil, isso quando discutia com meu pai. Com apenas um filho tudo era mais fácil, o nome de Arthur tinha um significado “Era nome de um rei”, mas o meu não, o meu era o nome de uma garota branca, rica e educada chamada Shiloh – que fizeram questão de registrar errado.

Vejo outra mulher no espelho, sempre quis ficar assim, me sentir bonita e elegante como as turistas do calçadão. Sempre quis ser notada e especial, mais especial do que ter o nome escrito num prato de cafeteria. Agora me vejo assim, ainda que temporário, mas tudo o que me consome é imaginar que vou entrar num carro mais uma vez, que precisarei estar cercada de pessoas – e, pessoas diferentes das que estou acostumada a conviver – e o medo de se sentir mal é maior que tudo. Maior do que essa Shailo que reflete à minha frente.

– Brincos? – pergunto achando um exagero as argolas que Margot segura nas mãos diante do espelho.

– Sim. Vai realçar a sua beleza. – Enquanto cuidadosamente segura minha orelha, lembro de Suzana. Alguns segundos são suficientes para ver um filme ao fechar os olhos junto com a vontade de chorar, é como uma represa mal construída prestes a devastar tudo. Ela não me reconheceria se me visse assim e ficaria ofendida por ver outra pessoa conseguir essa proeza.

Diego entra elegante com um smoking azul perolado, os cabelos loiríssimos bem definidos com gel, um sorriso tão branco quanto o vestido de Margot – que sorrir com Carlos como se torcessem para que eu aceite a mão dele estendida – e então dou passos ao meio do salão, ao som de “Espumas ao vento”. Ele

encosta meu coração acelerado ao seu, e danço como se fosse habitual. “Você me perdoa meu amor?”, ele sussurra ao meu ouvido. “Eu deveria ter perdoado você da primeira vez, sei que fui rude, estava cega, acreditei que nunca seria feliz”, ele me interrompe com um beijo quando a banda cantava o trecho “De uma coisa fique certa, amor. A porta vai estar sempre aberta, amor”. Em seus olhos vi toda a primavera que preciso, capaz de suportar todas as outras estações. Ouço aplausos, olho ao redor e vejo Vovó, mamãe, Arthur, Estela, Liliane, Suzana e Fernanda. Estou radiante.

Ao me deparar com as batatas fritas esfriando sobre a mesa, digo alto “Que mania idiota de ficar pensando essas coisas”, observo Margot e Carlos dançando, eles sim estão vivendo o sonho. Ao retornarem, o Dr. Carlos me convida para dançar, mas recuso.

— Lembra que o psiquiatra disse que você precisa fazer algo pra ocupar sua mente. Fazer Yoga é uma boa opção. Sai dessa caixinha, filha — adverte Margot dando um gole num champagne branco. Tudo o que penso é na minha cama, ou melhor, na cama do filho dos Perone’s. — Está se sentindo bem, querida? Não quer mesmo comer nada?

— Estou sem fome. Mas estou bem — disfarço com um sorriso, a vontade de arrancar meu peito fora, permaneço rígida feito um jardim que floresce na época certa, mas sou uma flor pisada.

Os dias que antecedem o ciclo menstrual são os piores. As cólicas nunca foram generosas, mas confesso sentir saudade quando elas eram as únicas coisas que modificavam meu corpo e meu humor.

Não existia hora pior pra abrir o celular e ler a mensagem de Estela. “Shailo, imagino que não seja fácil / Sabe, eu também

fui violentada quando criança / Isso me causou grandes danos durante muito tempo / Estou tentando seguir em frente / Quero te ajudar a seguir também”, meu estômago embrulha e sinto o sangue fugir do meu corpo como se escoasse pelos pés. Me sinto exposta, nua, vulnerável, ameaçada, e tudo o que posso fazer é deixar escorrer a aflição pela base bege médio.

Algo me diz que devo ser grata por Estela ter descoberto ao invés de Mamãe, Arthur ou o cúmulo da Tia Carmelina, mas não consigo parar de tremer por dentro quando imagino que alguém sabe (alguém que não seja Suzana). E o pior, ela deve ter lido tudo, inclusive saber que a Su também foi uma das vítimas. Enfio o celular debaixo do travesseiro por alguns instantes, desligo o ar-condicionado e abro a janela.

Vou à cozinha tomar o remédio para amenizar as cólicas, volto e respondo: “Estela, espero que você esqueça tudo o que leu / Você não deveria fuçar a vida de uma pessoa morta / Eu estou bem e não preciso da sua ajuda / Aliás, estou muito bem, longe da fumaça do seu cigarro entupindo minha respiração e poluindo minhas roupas / Espero que agora você pense no seu filho e evite o tabaco / Tchau”. Não demora muito pra ela retornar: “Ok. Vou fazer o que preciso fazer. Desculpe. Adeus”. Tentei responder, mas fui bloqueada. O que ela precisa fazer? Contar?

Continuo a busca por Suzana. Visitei todos os Leon Müller que pude nas redes sociais – com exceção daqueles que não aceitaram meu convite e têm perfis privados. Nenhuma novidade, apenas duas opções: 1) Suzana foi morta 2) Suzana foi sequestrada. Acredito que por motivo nenhum nesse universo, ela deixaria de entrar em contato comigo, nem que fosse pra passar na minha cara o quanto sou egoísta. Não consigo dormir, penso em tudo o tempo todo.

Pesquisei na internet muitos sites sobre o Transtorno de Ansiedade. Os olhos pesam, mas não fecham. Leio sobre sintomas, causas, consequências, remédios caseiros, exercícios, tudo o que posso, anoto nome de livros sobre o assunto. Os momentos de maior alívio são as manhãs silenciosas, sinto que não vou dormir, mas permaneço de olhos fechados. Por alguns segundos penso estar livre, como se tudo tivesse desaparecido instantaneamente. Basta colocar o pé no chão pra sentir o coração amarrado e o fogo que não apaga.

Decido contar para Arthur: “Tenho uma doença chamada Transtorno de Ansiedade Generalizado / Sabe aquela ansiedade que sempre tive? / Aquela que me dava dor de barriga ou fazia minhas pernas balançarem de forma irritante? / Pois é, ela saiu da normalidade e assumiu a forma de doença / Não tenho controle sobre ela / Fiz a primeira sessão com um psiquiatra, mas não sei se quero voltar / Me sinto bem melhor quando estou deitada, bem mais que estar diante do médico / Sinto que se eu estivesse no ‘cárcere’ da nossa casa, não suportaria / Cheguei ao limite / Te amo”.

Sonhei mais uma vez com Diego. Dessa vez foi em um dos poucos minutos que mergulhei no inconsciente. Nos beijamos dentro de uma lagoa, assim como a história que vovó conta sobre como conheceu o vô Batista. Melhor do que sorrir com lembranças irreais, é a sensação de que por alguns minutos esqueci o gotejar na minha alma.

Assisti um vídeo de uma mulher chorando numa reportagem porque não conseguia consulta médica, o repórter perguntou “O que a senhora tem?”, ela respondeu “Transtorno de Ansiedade, sinto vontade de morrer”. Algo como um despertamento automático me disse que isso pode ser mais sério do que estou imaginando. Eu só queria um emprego, estava

determinada a me esforçar além dos meus limites, mas tudo mudou. As coisas escorreram das minhas mãos.

Passei pelo quarto de Margot, quando ouvi meu nome. Ela discutia baixo com Dr. Carlos. “Luís chega a poucos dias do Natal. Ele não quer ninguém em seu quarto. Já falamos sobre isso, Shailo é uma boa moça, mas não podemos mantê-la aqui”, disse ele. “Eu pedi pra vocês não se meterem nisso, Shailo é um problema meu. Ela é minha convidada”, defendeu Margot aumentando o tom. “Não. Ela é uma menina de favela, foragida por sinal”. Volto ao quarto e pego minha mochila. Talvez ele tenha razão, aqui nunca foi e nunca será o meu lugar. No fundo, o Dr. Carlos é como um cartão postal, mostra o que atrai as pessoas, mas esconde as mazelas.

## Titanzinho

“Todo baú tem um limite. Ela vive na tentativa de ajustar excessos” escrevo na areia molhada da praia. Percebo que o sangue desceu, o que me faz sentar entre as águas e lavar da cintura pra baixo. Tiro o short na expectativa de remover a mancha. Volto à areia seca e quente enquanto penso pra onde ir. Estou a 2 km de casa, o que pra mim não é nada, isso me deixa insegura como se a qualquer momento alguém fosse me encontrar, mas ao mesmo tempo desejando ser encontrada.

Uma surfista que aparenta ser mais nova que eu, sai do mar, segura e contente. Ela usa um biquini lilás, é magra, tem os cabelos castanho escuro com pontas queimadas pelo sol, sua pele é um laranja perfeito com algumas sardas, se aproxima como se fosse sentar ao meu lado, e se acomoda um pouco mais à esquerda onde estão seus pertences. Ela me encara e sorri. Quero perguntar se tem um absorvente, ela veste um shortinho jeans e uma blusa de renda branca e não possui nada nas mãos além da prancha.

— Tudo bem, Juliete? — ela me aborda com um sorriso tão aberto quanto o de Suzana.

— Desculpe, mas acho que você está me confundido. Meu nome é Shailo.

— É que você tem cara de Juliete. — Ela enterra a prancha na areia e se senta ao meu lado. — Vou te chamar assim enquanto estiver ao seu lado.

— Ah tá. — O primeiro pensamento que me vem é “ela deve ter problemas mentais”, e em seguida penso “eu também tenho”. — E você? Como chama?

— Eu chamo com as mãos. — Ela faz um gesto com as mãos e assovia. — Assim!

– Ok, você é comediante. – Devolvo um sorriso diante da bobagem presenciada.

– Não. Eu sou Fabrícia, filha das ondas. – O terceiro pensamento é “ela deve estar chapada”.

– Certo, Fabrícia. Eu estou com a vida mais quebrada do que a ondas que você costuma vencer, e pra piorar estou menstruada. Alguma sugestão? – sinto que posso ser direta com pessoas desajustadas, acho que Fernanda tem razão quando fala sobre não desejar ser normal.

– Bom, eu tenho absorvente em casa. Só é um pouco distante.

– Pra quem não tem onde pousar, distâncias não são empecilhos.

– Então vamos. – Mesmo com dinheiro em conta, não arrisco buscar uma agência bancária ou um mercado com algo latejando e escorrendo.

Chegamos à Praia do Titanzinho. Lembro que uma vez Arthur me falou sobre gangues rivais entre pessoas daqui com os moradores da rua debaixo – os quais minha mãe falava tanto. Nas andanças com Suzana nunca havíamos avançado até aqui. O pôr do sol é lindo daqui, tiro o celular da mochila e filmo. Fabrícia fica em silêncio ao meu lado. Andamos mais um pouco, pessoas nos observam e ensaio uma mentira com sotaque “Não, eu não moro na Praia de Iracema. Sou do Rio de Janeiro, ué” caso seja barrada por algum traficante.

A casa simples com telhado de palha me remete à Terra das Lágrimas Doces e concluo que estou chegando a um novo refúgio. A maresia forte me faz fungar mais forte. Uma senhora muito idosa está deitada em uma rede. “Essa é minha mãe”, apresenta Fabrícia. Ela estende a mão e sorri com a boca sem dentes. A fralda amarrada em sua cabeça me lembra vovó. Precisamos baixar a cabeça para

não bater nos portais que são menores que eu. Sento-me em uma cadeira na cozinha, não há luxo, tudo é feito de barro, as painéis penduradas numa bateria de ferro são externamente pretas do carvão do fogareiro.

Fabrcia me entrega um absorvente e indica o banheiro, pequeno e escuro, não cheira bem, o vaso sanitário não tem tampa, o chuveiro pinga dentro de uma tina feita de cimento. Dou de cara com uma rã, me contraio para perto da porta que tem frestas enormes, depois a enfrento pegando uma lata com água e espantando-a para o teto. Me lavo sem sentir privacidade, mas me sinto segura.

– Juliete, você pode ficar aqui o tempo que achar necessário.

– Sua família não vai se incomodar?

– Não. Meu pai vive no mar e minha mãe não se preocupa. Ela vive na rede. Na verdade, ela é mãe do meu pai, mas a chamo de mãe. Fui criada por ela.

– Entendo. E onde está a sua mãe?

– Morreu. Câncer.

– Sinto muito.

– Tudo bem. Sem tristeza. E você tem roupa?

– Poucas, mas pretendo comprar algumas. Vamos procurar amanhã?

– Pode ser.

Caminhamos até o Farol do Mucuripe. Deslumbro a visão que, as luzes junto com o mar formam. Fabrcia fala coisas engraçadas o tempo inteiro, consigo sorrir mostrando os dentes. Me sinto íntima pra contar sobre o Transtorno de Ansiedade e pedir desculpas por evitar falar muito. À medida que falo o ar parece que vai diminuindo. Ela entende e diz que consegue falar por nós duas. Voltamos às pedras junto ao mar, e até gosto das

histórias sem pé nem cabeça dela. “Sabe, diz uma lenda que um homem esperou por mil anos, um amor que iria surgir do mar, e todos diziam que ele era louco. Ele ultrapassou gerações até que emergiu das águas o momento esperado, e quando se aproximaram um do outro... o amor desapareceu novamente dizendo que ele precisaria esperar mais um milênio”, contou. “Que triste! Viver de esperar”, suspirei. “Nem sempre o amor termina junto. Ele não acontece no final, e se sobrevive, sobrevive de percursos”, disse ela olhando pra lua. “Você diz cada coisa, quem contou essa lenda?”, perguntei rindo. “Eu mesma”, devolveu.

Jantamos uma sopa de carne feita por Dona Raimunda (a avó-mãe de Fabrícia) mesmo com seus noventa e quatro anos cozinhando no fogão de barro. Ela ri e fala tão baixo que não consigo compreender, suas costas são curvadas e caminha arrastando o chinelo.

Margot, ela deve estar decepcionada, aliás todo mundo deve estar magoado comigo. Queria que tudo isso fosse apenas mais umas das fantasias as quais me entrego, mas é real. Estou aqui deitada num colchão ao lado de Fabrícia, que ronca como um motor velho de geladeira – sinto inveja dos que roncam. Por um instante penso que as pessoas suicidas sentem o que sinto agora, um vazio inesgotável, uma certeza de que não sabem o que fazer após uma sequência de golpes. Não há resposta. Ainda escolho viver.

Quase meio-dia de uma Sexta. Abro a carteira e encontro um cartão de crédito ainda com um adesivo branco orientando desbloquear na Central de Atendimento. Fico perplexa por não lembrar que eu possuía isso na mochila. “Burra, como você é burra Shailo”, repito mentalmente lembrando a tentativa de trocar Euro por Real quando eu tinha um cartão.

Desbloqueio e descubro que tenho um limite de R\$ 1.280,00. A atendente do Bazar no Mucuripe guardou minhas sacolas atrás do balcão e voltei pra pagar – agora com cartão. Comprei alguns shorts jeans, blusas de malha, chinelos novos pra mim e pra Fabrícia – que tentou recusar. Comprei um vestido para Dona Raimunda e, como retribuição ela me deu um cordão de nylon preto com um pingente feito de madeira no formato de uma jangada.

“O que te deixa ansiosa?”, pergunta Fabrícia enquanto tento sobreviver inspirando e expirando sobre o colchão. Ela assume uma expressão séria que me faz buscar mais ar. “Acho que a gente nasce assim”, respondo ligeiro sentindo minha vida se desmanchando.

– Juliete, eu não sei o que aconteceu com você, e talvez seus argumentos sejam os mais justos, mas sinto que você precisa enfrentar. E só você sabe o quê.

– Acho que sou minha própria opressora, como Suzana costumava dizer. Sempre culpei todo mundo por tudo ter dado errado, mas nunca me esforcei o suficiente pra dar certo. – Fabrícia levanta minha cabeça e posiciona sua perna sob ela.

– Às vezes a gente dirige um carro em alta velocidade numa estrada sinuosa e tem uma vista linda à frente. Não conseguimos colocar o pé no freio quando é necessário porque algo nos diz que precisamos chegar logo. E pra piorar, olhamos mais para o retrovisor do que pra frente.

– É – tento visualizar essa metáfora –, faz algum sentido.

– Faz todo sentido. Pena que não sei dirigir. – Rimos.

– Meu pai foi embora quando eu tinha sete anos – sinto que o ar está diminuindo, mas decido contar tudo –, ele me colocava no colo e dizia que quando eu fizesse dezoito anos pagaria minha faculdade e compraria um carro pra mim. Prometeu muitas

coisas que nunca cumpriu. Minha mãe disse que ele ficou viciado em jogos de azar e começou a ser ameaçado caso não pagasse as dívidas, os móveis da casa começaram a desaparecer até não restar nada, nem mesmo a casa. Um dia ele beijou minha testa e disse que ia me dá a bicicleta que nunca tive. Sair muitas vezes escondida da casa dos meus avós, descia até a rua de baixo onde ficava a velha casa, para esperar ele chegar com a bicicleta. — Respiro mais profundo e passo uma porção considerável de pomada de mentol no pescoço.

— Você quer continuar? — pergunta Fabrícia franzindo a testa.

— Sim. — Tiro a cabeça de seu colo e me posiciono ao seu lado sentada no colchão. — O meu tio, que morava com os meus avós, passou a me colocar no colo como papai fazia e prometeu que seria o meu novo pai. Eu acreditei, até perceber que um pai de verdade não forçaria a filha de sete anos a ficar despida, ou mexer em suas partes íntimas de forma violenta, ou até mesmo ferir sua carne e sua alma, até a morte. Ele não cumpriu o que prometeu. — Puxo mais ar que adentra gelado. — Se não fosse meu avô materno, eu não acreditaria em mais nada de bom. Por algum tempo achei que meu avô também poderia me ferir, mas ele foi meu refúgio do que ainda ousou chamar de amor. Tive medo de pertencer a alguém, a vida toda, de acreditar em promessas. Conheci Diego Marinho, queria entender que tipo de homem ele era: como meu pai, como meu tio ou como meu avô? Ele era só um garoto e nunca prometeu nada.

— Vocês não ficaram juntos?

— Não. Namoramos por quase dois anos. Minha mãe dizia que ele era um vagabundo, não tinha futuro, e fez de tudo pra nos separar enquanto eu mesma lutava pra entregar a ele minha total confiança. Até que o vi beijando uma garota na praia, foi um beijo

no rosto, mas o suficiente pra não querer prosseguir. Ele veio me pedir perdão, eu dei as costas pra ele e pra vida.

Ligo o celular. Decido ligar pra Arthur. “Oi, irmão, como você tá?”, ele apenas desfaz um audível nó na garganta. “Você esqueceu de mim, porque fez isso comigo, cara?”, diz recuperando o fôlego. “Arthur, eu olho todos os dias pra estrela azul no meu dedo e lembro de você. E mesmo que eu a perdesse, ainda lembraria. Preciso desse tempo.”. Ele prossegue “A sua mãe não menciona mais o seu nome. A vovó diz que você está entre as constelações dançando, acho que ela não está mais em seu juízo normal. E eu, acho que só tenho você. Briguei com Estela porque estava fumando escondida. Volta pra casa Shailo”. “Irmão, eu estou bem. Não sei se pretendo voltar, e mesmo que voltasse acho que não seria bem-vinda”. “Já disse que você pode ficar na minha casa”. “Preciso desligar. Diz a vovó que estou bem. Quando sentir que devo, apareço”.

Escrevo para Margot pedindo desculpas por ter saído sem avisar, e agradeço por toda a bondade oferecida. Ela responde de volta contando que ficou aflita, mas imaginou que eu tinha escutado a conversa dela com Dr. Carlos.

Olho o meu reflexo numa poça d’água dentro de uma pedra à beira mar, percebo o quanto conduzi meus passos a um descontrole sem fim. Uma garota na minha idade deveria estar namorando, trabalhando, saindo nos finais de semana, fazendo tutorial sobre maquiagem na internet, cursando uma faculdade, mas eu sou simplesmente a Shailo, sem planos, sem objetivos, filha da mulher que faz bolo, a metida da rua, a amiga da prostituta, a foragida e transtornada.

Fabricia senta em uma pedra ao meu lado, assistimos o sol indo embora. Ao voltar pra casa, um grupo de garotos estão assentados à porta da casa ao redor de Dona Raimunda, que conta

histórias da sua juventude. Eles riem e entendem tudo que ela fala, Fabrícia me convida pra sentar, mas prefiro ouvir as conversas do quarto. Percebo que sou olhada com curiosidade, se alguém andou dez vezes pela Praia de Iracema tem a grande probabilidade de ter me visto, ou caminhando pelo aterro, ou carregando encomendas de bolo, ou batendo foto pra grupos de turistas.

Um tal de Biel está afim de mim, “É um moreno alto, quase dois metros que está com boné verde”, conta Fabrícia. “Não lembro, mas certamente não estou interessada”, finalizo. O “não estou interessada” é uma forma resumida de “Eu não sinto vontade de nada, muito menos de beijar alguém ou ter algum tipo de relacionamento. Não consigo amar nem a mim mesma, eu seria com certeza uma péssima companhia e não estou disposta a abrir mão da minha nova forma de sobreviver”. Fabrícia coloca sua cabeça em meu ombro direito – o que me incomoda bastante e me faz fungar mais que o normal – não digo nada. Acho que dizer coisas do tipo “Olha, não coloca o peso do seu corpo em mim porque isso me incomoda desesperadamente” causaria estranheza ou concordariam com as meninas da rua de baixo ao me chamarem de “metida”.

Ligo o celular, vejo que entram algumas mensagens, evito abrir de imediato – não sei o que me deixa mais ansiosa: ler ou não ler. Procuo mais uma vez as mensagens de Suzana, percebo que a foto do perfil desapareceu e releio as últimas mensagens como quem procura alguma pista. A última frase me chama atenção “Às vezes precisamos arriscar a vida para encontrá-la. Sempre existe uma rua que nos aceite. Langstrasse.”, Arriscar? Encontrar? Rua que nos aceite? Será que ela ficou magoada com alguma coisa que eu disse ou porque não a defendi com mais força na frente da minha mãe?

Pesquisei na internet a frase desse tal de Langstrasse – não imaginava que Suzana era culta e lia frases de autores estrangeiros. Ela só estudou até a 7ª série quando abandonou a escola de vez. Não encontro nada sobre a frase, então procuro pelo nome do autor, e tudo o que encontro é uma rua em Zurique. Rolo a tela procurando mais alguma coisa, quando algo estrala na minha cabeça “Rua em Zurique? Rua?”, volto aos primeiros tópicos e descubro que Zurique é maior cidade da Suíça e Langstrasse é uma rua conhecida como “O distrito da luz vermelha de Zurique, com uma taxa de criminalidade acima da média, tráfico de drogas e bordéis”.

Isso, Suzana está em Langstrasse, na Suíça, onde Leon leva as garotas. Se ela foi para outro país, por que não me avisou? Por que não se despediu? Há algo de errado e preciso descobrir. O coração volta a acelerar. Leio inúmeras matérias sobre brasileiras que vão tentar ganhar a vida com a prostituição na Suíça, assim como o alto índice de casos de exploração sexual em torno da Praia de Iracema.

Perdi as contas de quantas vezes fui assediada por homens, mulheres e na maioria das vezes, turistas. Conto a Fabrícia sobre minha suspeita. “Suzana era uma menina doce e ingênua. Ela andava com uma boneca de pano cinzenta debaixo do braço pra onde quer que fosse. Pessoas como o meu tio extraíram dela o seu pior lado, não apenas porque se tornou uma prostituta, mas porque destruiu a inocência dela da pior forma possível sem direito a defesa”, conto com a respiração acelerada. “Ele também mexeu com ela?”, “Sim. Ele me usou pra atrair Suzana até a casa dos meus avós, disse que eu podia brincar com a minha amiguinha quando todos saíssem. Ele armava tudo e eu acreditei. Às vezes entrávamos juntas na toca do lobo”. Fabrícia apenas me abraçou. Sinto-me

sufocada como se quisesse afastá-la, mas aperto e estendo a duração como quem grita “Você precisa vencer isso Shailo”.

## Reencontros

O fluxo de turistas triplica nessa época, são meados de dezembro. As calçadas ficam cheias a cada minuto do dia, e a noite é quase impossível caminhar – caminho pelas beiradas do mar, entre a areia e o ir e vir das ondas. A famosa feirinha do calçadão ferve como um formigueiro, e recorro as inúmeras vezes que estive inserida no meio da multidão como nos shows do aterro ou nas viradas de ano novo – e hoje é assim, até imaginar me acocha como um parafuso.

Estendo as mãos e confiro pela octogésima vez se não estão tremendo. O vento espalha o frio, mas não é ele que incomoda. Por alguns segundos sinto um impulso pra levantar e voltar pra casa, talvez ficar com Fabrícia que nas últimas semanas está pálida, fria e se recusa ir a um hospital, mas decido ficar e esperar por Arthur. Faz mais de um mês que Fabrícia não surfa, me sinto culpada. Ela diz que surfar não era um hobbie corriqueiro, e sua pele agora tem um tom laranja ressecado ao invés do vermelho sol.

Comprei dois livros sobre Ansiedade e estou tentando colocar algumas coisas em prática, como escovar os dentes pensando na escovação, tomar café da manhã pensando na intensidade da cafeína, cortei refrigerante e folhas verdes da alimentação, desinstalei todas as minhas redes sociais e voltando ao café, não consegui cortar ele – é mais forte que eu, principalmente se for cappuccino, digamos que apenas moderei.

Arthur vem descendo a ladeira de areia, os postes brancos da avenida beira mar fazem seus ombros largos parecerem maior, seus passos apressados e tortuosos declaram o desejo de um abraço. Ao me apertar, sinto uma mistura de afogamento com redenção. Grande parte de mim deseja libertar-se de seus braços que parecem

duas paredes se fechando contra mim, mas estendo a duração. É meu irmão, ele se tornou tão bonito quanto nosso pai.

“Sua louca”, é tudo o que consegue dizer. Não fomos treinados a expressar coisas do tipo “Eu te amo tanto, sinto tanto sua falta”. Inspiro como se quisesse sugar todo o oceano para dentro de mim, ele segura meus ombros com suas mãos grandes e pesadas, me olha com a metade do rosto escurecido e em seu olho direito vejo um brilho radiante de uma lágrima não escorrida.

– Senta aqui. – Ficamos um ao lado do outro de frente para as ondas, que hora e outra molha a ponta dos nossos pés. Há uma semana atrás, contei a Arthur tudo o que tinha acontecido e onde eu estava, mas pedi pra não me procurar. Todos já sabem, inclusive mamãe, que segundo ele, evita mencionar o meu nome. Vovó repete que está feliz por mim e que eu não preciso me preocupar com ela. Aceitei o convite de Arthur para esse encontro, não queria que fosse na casa de Fabrícia. Temo alguma gangue rival o reconhecer como morador da Praia de Iracema.

– Como está Estela e o bebê?

– Estão bem. Não sabemos ainda o sexo, talvez no próximo mês. Às vezes enjoada, mais do que o de costume. Outro dia brigamos porque encontrei uma carteira de cigarro escondida dentro de uma panela.

– Não pode...

– É. Tem sido difícil pra ela. Acredita que ela lamentou ter engravidado? Estamos sem falar direito – temo que ele comente algo do tipo “Estela me contou sobre o celular do tio Almeida”.

– Ela tem outra mente. Quando você nasceu ela já tinha uns dez anos, o tempo dela é um pouco mais avançado.

– Você não gosta dela, né?

– Você acha?

– Tenho certeza. Você a trata diferente da minha ex. Com a outra, você sentava no beco e conversava por horas. Estela me contou que vocês discutiram por mensagens e que chegou a bloquear você.

– Estela é uma boa pessoa, mas fuma. Não consigo conviver cercada por fumaça, sentir o cheiro do sabão de coco substituído por tabaco nas minhas blusas, entende?

– Entendo. Cada pessoa reage à ansiedade de uma maneira. Estela diz se sentir mal com a ausência do cigarro assim como você fica quando as coisas desandam.

– Você tá querendo dizer que eu não tenho estabilidade emocional? É sério? – Dou uma risada como se dissesse “Quem é você pra me dizer isso?”.

– Calma “Shaolin”, só estou dizendo que vocês duas são as pessoas mais ansiosas que conheço – ele ainda me chama assim quando percebe que estou brava.

– Não. Você tá comparando o meu transtorno com um vício, como se eu tivesse direito de escolha. – Ele me abraça como se quisesse desfazer o assunto e com o peso da mão bagunça os meus cabelos mais ainda.

– Quando pretende voltar pra casa?

– Acho que não volto mais. Talvez daqui a algum tempo eu vá visitar vovó.

– Cuidado pra não ficar igual a tia Helda que só aparece em velórios.

– Vira essa boca pra lá Arthur. Você tá bem chato hoje hein! – Ele ri me deixando mais zangada ainda.

– Que cordão é esse?

– Uma jangada, não tá vendo? – fico impressionada com a habilidade que ele tem de mudar de assunto após me fazer tremer por fora também.

– Preciso ir, daqui a pouco começa o expediente da madrugada. – Ele pega minha mão olhando pro anel. – Lembre-se sempre o que isso representa tá?

– Tá. – Seguro as águas turbulentas nos olhos. – Se cuida. Ele beija a minha testa.

– Diz a vovó que estou bem e que todos os dias penso nela. Um dia vou visitá-la.

Manhã de Domingo. Acordamos com tiros, gritos e pavor. Meus olhos pesam como quem acorda de um sono profundo quando na verdade, eu só estava imersa em pensamentos perturbadores no decorrer da madrugada. Fabrícia me puxa para o chão e coloca o colchão por cima de mim. O cheiro de espuma velha me perturba tanto quanto os muito disparos.

– Fabrícia! – Espirro e fungo descontroladamente. Ela volta levantando o colchão e diz cochichando “Vou ficar com a mamãe no outro quarto. Fica quieta, são as gangues que voltaram a se enfrentar”. Deixo a cabeça pra fora até perceber que um silêncio foi estabelecido.

Fabrícia me chama em um gesto. Da porta vemos um grande número de pessoas aglomeradas em uma das casas na vizinhança. Soubemos que um rapaz foi morto, e alguém comenta “Ele era envolvido”. As vítimas sempre são culpadas de alguma coisa, é sempre a mesma história. Olho pro mar e vejo muita gente, Fabrícia diz que hoje vai ter um campeonato de surf. Após conferir o corpo da vítima, a multidão retorna à praia como se nada tivesse acontecido.

– Isso é comum por aqui – comenta Fabrícia enquanto deixa um pão quase inteiro em cima da mesa.

– Não vai comer? Logo você que costuma devorar no mínimo cinco pães pela manhã.

– Estou sem fome. Essas guerras embrulham meu estômago.

– Você precisa ir a um médico. É sério, você não tá bem. Parece mais magra, pálida, reclama de dores nas costas, não saiu mais pra surfar...

– Ok, você já disse isso. Estamos empate. Talvez sejamos parecidas.

– Tudo bem, desculpe. – Levanto da cadeira e caminho para o quarto. – O universo agora quer provar que eu sou uma hipócrita.

– Por que você está dizendo isso?

– Nada. Só estou cansada.

– Vamos ver os surfistas – percebo que não há empolgação na sua voz –, talvez a gente melhore.

– Vou ficar aqui. Não me sinto bem.

O celular toca. É um número local, mas sem identificação. Atendo.

– Shailo?

– Fernanda? – reconheço sua voz.

– Onde você está sua maluca? Há dez dias te mando mensagens. Seu celular só dava desligado e você não me respondeu mais no WhatsApp.

– Desinstalei tudo, mas me diz: você chegou à cidade?

– Cheguei anteontem em Fortaleza. Onde você mora?

– Longas histórias. Estou morando na casa de uma amiga, segui seu conselho de sair da normalidade. – Conto à Fernanda tudo o que aconteceu nos últimos meses. Da procura por emprego até a Praia do Titanzinho. Fungo mais do que falo, ela demonstra entender e diz o tempo todo “Não acredito. Por que não me contou nada?”. Combinamos de sair, e mesmo sem vontade aceitei.

Ao desligar volto a deitar fazendo o exercício de respiração. Falar mais que 30 segundos faz com que eu me sinta uma bexiga murcha.

Observo as teias de aranha no telhado, as caixas no canto do quarto com nossas roupas dentro, a velha máquina de costura, e choro, não sei exatamente o porquê. Lágrimas parecem me bloquear ainda mais. Ouço gritos de uma mulher desesperada, deve ser a mãe do defunto – a gente reconhece os gritos de uma mãe. Eu queria que as coisas tivessem sido diferentes pra mim, pra minha família, mas eu sou apenas a Shailo, uma garota sem graça e transtornada.

Ouçó passos na cozinha, e encontro Dona Raimunda sentada, tomando café com bolachas água e sal. Ela diz algo que não entendo até que aproximo meus ouvidos de sua boca “Como se chama a sua doença?”, respondo constrangida “Transtorno de Ansiedade”.

– É cada doença né minha filha? No meu tempo o povo só morria de parto e de fome. E como é isso? – Procuo uma forma de simples de dizer, não sei se existe.

– É um problema psicológico. Os médicos dizem que está tudo na mente, mas o corpo também padece.

– Você tem quantos anos? – Puxo a cadeira e me posiciono ao seu lado na mesa.

– Vinte.

– Vinte? – Ela ri deixando toda a gengiva com farelos de bolacha a mostra. – E você com vinte anos tem esse tipo de problema? Se eu contasse pra você o que passei na vida nem acreditaria como sobrevivi. – Ela morde mais uma bolacha enquanto lembro da minha mãe. Sinto o rosto arder como se algo acendesse por dentro e trato de logo apagar por se tratar de uma pessoa bastante idosa que me acolheu em sua casa.

– Essas coisas não escolhem idade, Dona Raimunda. Cada pessoa encara a vida de um jeito diferente, nem todo mundo é forte como a senhora. – Apesar do meu tom movido pela irritação, pego em sua mão esquerda com carinho.

– Pois se tudo está nos seus pensamentos, trate de mudar cada um deles – aconselha com a voz falhando com hálito de café.

Volto ao quarto. Com as mãos trêmulas pego um dos livros que comprei e volto a ler. Sinto que minha concentração não ajuda, rejeito as fantasias perturbadoras, e leio aumentando a voz como se dissesse as frases a mim mesmo. Após ler um dos capítulos, repito com os olhos fechados e o livro sobre o peito “Esses transtornos são como as minhas fantasias, parecem que existem, mas são irreais”. Existe uma luta constante, desejo que tudo desapareça como uma mágica, mas o fogo ainda domina. Volto a pingar o soro no nariz e usar a pomada de mentol.

Pesquisei na internet “O que é necessário para ir à Suíça”, do passaporte à hospedagem ouço algo me dizer “Esquece”. Fabrícia me pega enxugando lágrimas.

– O que aconteceu?

– Suzana está morta. Eu tenho certeza. Não é possível que ela tenha desaparecido dessa forma sem deixar rastros.

– Calma.

– Suzana é esperta, mas ao mesmo tempo boba. Se ilude com a ideia de que um dia alguém fará dela uma rainha. Esse tal de Leon estava prometendo alguma coisa a ela. Preciso fazer algo.

– Você não pode fazer nada a não ser esperar.

– Esperar o quê? Encontrarem uma pessoa morta e enterrarem como indigente?

– Você não tem certeza se ela está na Suíça, e se ela deixou uma frase com o nome de uma rua já sabia que ia pra esse lugar. Ela deve ter motivos pra não ter falado.

— Suzana sabia que eu estava mal. Sabia que eu precisava dela.

— Juliete, se você quer encontrar sua amiga precisa se acalmar. Ficar assim não vai alterar nada.

A cena de Suzana ensanguentada em uma rua sem saída me persegue. Às vezes a vejo acorrentada em uma sala suja, ela chora e tenta falar meu nome com a boca vedada com uma fita cinza. Não posso fazer nada. Lembro de uma vez que ela apanhou de um cliente e passou uma semana com os olhos inchados. As pessoas debochavam dela, inclusive mamãe e tia Carmelina que diziam “Esse é o futuro dessas mulheres que querem ganhar dinheiro fácil”. Ninguém tinha compaixão e não enxergavam nela um ser humano despedaçado. Agora, esteja onde estiver, Suzana está sozinha. Ela só tinha a mim para juntar seus pedaços.

Noite de Terça. Fernanda chega ao farol do Mucuripe. Ela buzina de um Prisma Branco, não se contém e desce do carro. Seu abraço forte de quase um minuto faz meu mundo balançar, sinto o cheiro do perfume de grife que atravessa o mentol e entra gelado com a profunda inspiração.

— Você está mais magra, e os cabelos bem cacheados. — Ela me observa dos pés à cabeça enquanto segura meus ombros, e sorri. Da última vez que nos vimos, o que deve estar com uns dez meses, eu devia estar com chapinha nos cabelos e mais bem vestida. Ela franze a testa e tenta esconder um possível susto ao ver minha atual aparência, talvez ela quis dizer “Você está só o osso, tem um novelo de gato na sua cabeça e cheira a gel refrescante para massagens”.

Ela abre a porta do carro, sinto o terror me consumir como uma condenada que senta na cadeira elétrica, lembro do cinto de segurança, mas finjo esquecer com um “Você está tão linda, como foi a viagem?” e sorrio de boca fechada. Ela fala enquanto dirige olhando pra frente e numa luta travada tento prestar atenção, pego

nas mãos suadas, depois no pescoço, arregalo os olhos a cada pontada no peito, fungo e solto o ar com a boca.

– Shailo, coloca o cinto – ela adverte com naturalidade, quando na verdade interpreto como “acorrente-se e morra”. Procuro a ponta do cinto com o braço esquerdo apertando o peito ao mesmo tempo, mas solto dando um brusco “click”.

– Eu não me sinto bem.

– Está tonta? – Ela vira a cabeça assumindo uma expressão séria.

– Faz quase um mês que não ando de carro ou ônibus, e o cinto me sufoca. Desculpe.

– Você me falou sobre um problema psicológico, me conta direito. – Na verdade eu queria começar dizendo que “falar muito é um dos maiores problemas, que estou sufocada com esse cheiro de veículo novo, fragrância doce e mentol misturados”.

– A minha ansiedade saiu da normalidade. Ela assumiu a forma de doença, o que tornou muito difícil manter o controle. Sinto que não vivo, apenas tento respirar. É isso. – Ela encosta o carro numa vaga aberta pra carros na Avenida Abolição e caminhamos até o Jardim Japonês. Observo o quanto Fernanda está com a pele mais clara, e se veste como uma jovem de classe média (o que ela é), cabelos negros e lisos até a cintura, uma blusa azul tipo bata que transparece seu top, calça branca e uma sandália salto alto pra aumentar seu 1,55 de altura, o que fez ela ser rejeitada no sonho das passarelas.

– Não sabia que estava tão mal assim, e você nem pra me contar. – Sentamos em uma pedra junto a uma fonte seca. – Vou ficar uns vinte dias na cidade. Posso marcar umas consultas pra você. – Com muitas fungadas e pausa nas palavras faço um resumo de coisas que eu não tinha contado, inclusive sobre Margot, Fabrícia e claro, Suzana.

- Preciso encontrá-la.
- De Paris à Zurique não deve ser mais que um dia de viagem... de trem.
- Perto da sua casa? Sério?
- Não é perto, mas dá pra ir de boas.
- Fernanda, você tem como procurá-la quando voltar?
- Eu acho melhor procurarmos juntas.
- Juntas? Como assim?
- Estou te convocando para ir à França? Volto no começo do mês.
- Você está falando sério mesmo? Faria isso por mim?
- Não. Estou fazendo isso por mim, preciso de alguém pra sair se não enlouqueço.

Ao abraçar Fernanda tenho um déjà-vu, como se uma das mais impossíveis fantasias estivessem se materializando. Tenho certeza de que é real porque meu peito ainda dói, e nas fantasias costumo ser uma pessoa normal. Fernanda conta detalhes sobre os processos da viagem, balanço a cabeça confirmando tudo sem ainda acreditar. Será que coisas raras também foram feitas pra mim?

Sentada numa pedra perto das ondas, aguardo Fernanda. Recusei o convite pra entrar no McDonald's, quando vi o aglomerado de gente bem vestida e calorosa. Um pensamento intruso goteja: "Como você vai passar horas dentro de um avião? Ele é fechado, não pode abrir janelas e não há pra onde escapar numa possível crise". Junto as mãos pra roer os restos de unha, na tentativa de encorajar-me "Você precisa enfrentar, Shailo. Outra oportunidade dessas pode demorar tanto quanto o Asteroide Florence".

- Ah, você sabia que a Holanda também é um país vizinho?
- diz Fernanda, se ajeitando com um embrulho nas mãos

cheirando a carne e dois copos de suco. Ajeitamos o lanche sobre a pedra: hamburguer e batatas fritas.

– Holanda? Jardim Keukenhof? – falo ao mesmo tempo que penso “que golpe baixo”.

– Sim. Você vivia dizendo que era seu sonho conhecer esse jardim. Pois é, podemos passar por lá.

– Fernanda você não existe. – Baixo o olhar deixando a preocupação erguer meus ombros.

– O que foi? Está com medo?

– Na verdade eu estou desesperada. Quando tenho a oportunidade de realizar um sonho, e mais isso, procurar por Suzana... sinto que não tenho forças suficientes pra encará-la.

– Shailo, o que aconteceu já aconteceu. – Ela mastiga algumas batatas e bebe um gole de suco. – Então tenta focar no seu presente. Por enquanto esquece essa viagem, esquece o passado e pensa agora o quanto esse suco de laranja está uma delícia. Deixa cada coisa no seu tempo. Eu vou resolver tudo e você vai conseguir superar isso. Tudo bem?

– Tudo bem. – Tentei pensar apenas no hamburguer, mas não consegui evitar pensar em Fernanda, o quanto ela é boa pra mim. Ela poderia estar em um desses restaurantes requintados comendo camarões italianos com amigas belas e ricas, mas escolheu está comigo: A Shailo sem graça e transtornada.

– Você visitou suas outras amigas?

– Que amigas? As que são filhas dos amigos dos meus pais? Não tenho paciência pra futilidades e histórias perfeitas de quem não faz nada de interessante na vida, a não ser gastar. – Dou uma risada tão estranha que sai suco pelo meu nariz.

– Eu estou comendo sua louca. Quer me matar?

– Eu prefiro ficar com minha amiga maluquinha.

– Não acredito que estou ouvindo isso.

– Pelo menos, eu consigo estar com alguém que é o que realmente é. Sem máscaras e sem frescuras.

– Você pensa isso de mim?

– Penso, sua chata. Só não gosto dessa sua mania de repetir tudo o que falo. Preciso sempre te dizer duas vezes a mesma coisa pra você acreditar?

– Desculpe. Você sabe que...

– Olha, se for pra justificar alguma coisa pode parar, já te conheço. Viva sem a razão, lembra? Pega a razão e lança no fundo do mar. Talvez ela sirva pra ser comida de peixe.

– Me conta sobre seus pais, sua faculdade...

– Ah não. Nada de passado ou futuro agora. Vamos olhar pro mar e pensar como é incrível que estejamos juntas outra vez.

– Tem razão.

– Olha a razão! – Rimos.

## A Lenda

Encontro Fabrícia deitada no colchão, encolhida e suando. Percebo que seus cabelos estão grudados na testa.

– O que você tem? Tá pegando fogo.

– Já tomei um comprimido, vai passar logo. Vou dormir hoje no colchão pra amenizar o frio. Vou ficar bem.

– Fabrícia, eu sei que não sou a melhor pessoa pra dar lição de moral, mas precisamos ir à um hospital.

– Eu não vou Juliete. Sempre tive essas crises e superei todas. Amanhã de manhã, vou acordar melhor – percebo em seu tom que ela é tão teimosa quanto eu, por isso não insisto, armo a rede e me deito. Conto sobre a noite com Fernanda e o convite de ir à França.

– Que massa. – Ela levanta a cabeça sorrindo e tenta demonstrar contentamento, mas seus olhos estão escurecidos ao redor.

– Amanhã te conto tudo, descansa.

– Tá, quero saber todos os detalhes. – O aspecto pálido e molhado em seu rosto faz um nó surgir em minha garganta, como se algo de terrível estivesse acontecendo e eu me vejo de mãos atadas.

Entro na ambulância com Fabrícia. Ela está sobre a maca, branca como a neve, sem sinais de vitalidade. “Tem certeza de que ela não está morta?”, pergunto à socorrista que pela décima vez responde que “Não”. O barulho da sirene me perturba tanto quanto essa angústia que me desnor-teia. “Você não deve colocar esse produto dentro das narinas, e sim no peito ou no pescoço” adverte a socorrista enquanto encho o nariz de pomada.

Seguro na bancada como uma desfalecida, tão vulnerável quanto uma gelatina no asfalto, observo carros abrindo caminho, outros não. O tempo está esgotando pra alguém. Chegamos ao Instituto José Frota – o maior hospital público do estado –, Fabrícia é encaminhada para uma sala na entrada e alguém manda que eu procure a assistente social. Respondo perguntas, muitas eu não tenho respostas.guardo por horas num corredor enquanto tudo o que me dizem é que ela está viva e foi encaminhada para fazer exames. Vejo um maqueiro passar com Fabrícia em direção a um dos elevadores, seus olhos estão semiabertos e ela sorri deixando uma lágrima rolar de canto.

– Sabe aquela lenda do amor que vem do mar? – seguro em sua mão gelada antes da porta abrir – Ele me apareceu um dia com uma prancha de surf nos braços, me levou pra sua casa e fez por mim o que pessoas que me conhecem há anos nunca fizeram. Eu espero esse amor voltar. – Ela entra no elevador com um sorriso mais largo. Fabrícia morreu. Tinha leucemia. Ninguém sabia.

Sem reservas contratei o melhor funeral, se é que posso chamá-lo assim. Fernanda está ao meu lado. Não conseguimos avisar ao pai de Fabrícia, ele ainda está em alto mar. Dona Raimunda foi levada por uma irmã mais nova e não me restou saída, a não ser aceitar o convite de Fernanda para passar alguns dias na casa de sua tia.

Algo em seu olhar me revela que essa não é a melhor opção, e está descartada a hipótese de me deixar ao léu. A vida parece tão descontrolada quanto meu corpo, tento respirar e manter tudo em ordem, mas existe algo que não depende apenas do que quero. A região “T” do meu rosto dói como se um murro tivesse quebrado ossos. Aceito qualquer remédio pra mergulhar na escuridão.

Noite de Domingo. Véspera de Natal. Não lembro se em algum dia gostei dessa data, mas sempre foi importante para vovó. Arthur leva o celular até ela.

– Shailo? É você mesmo filha?

– Sou eu vovó – controlo o choro conferindo se as mãos também estão tremendo.

– Olha, se eu pudesse tinha ido com você. Ninguém merece conviver com a Carmelina, mas Liliane está cuidando muito bem de mim. Faça o que você tiver que fazer e não se preocupe comigo, estou bem.

– Estou ligando pra desejar Feliz Natal e dizer que eu te amo muito. Não queria ter deixado a senhora, mas tenta ficar bem.

– Seu avô me disse que você está cercada de anjos. Isso me deixou despreocupada. – O fôlego falha por alguns segundos e desfaço um nó na garganta. – Ah, eu te amo também.

– Preciso desligar.

Desabo em um choro contido há anos. Não permito que cesse mesmo quando afundo no chão em busca de ar.

Terceiro dia na casa da Sra. Libânia, tia de Fernanda. A Fê a chama apenas de Tia, mas eu a chamo igual de Senhora, assim como Deuselina (a empregada) a chama. Ela tem sessenta e cinco anos, é viúva, cabelos acinzentados sempre presos por uma presilha dourada e costuma me olhar dos pés à cabeça. Vejo pelas cortinas do quarto dois carros chegando, algumas pessoas bem vestidas descem, volto pra cama e resisto à insistência de Fernanda.

– Vamos Shailo, são apenas amigos da família. A Tia vai achar estranho se você não descer.

– Diga que não estou me sentindo bem, o que não deixa de ser verdade.

Fernanda me empresta um vestido e ajeta meus cabelos com uma escova enorme. Lembro de Margot. Ligo pra ela e desejo

uma noite feliz. Ela pergunta como estou e conta que seu filho chegou de viagem. Seu tom demonstra que não há mágoas. Respiro e peço desculpas pela forma como sair de sua casa, ela é um abismo de compreensão.

Na sala, sou apresentada pela Sra. Libânia como “Sheila, amiga de Fernanda que mora na Praia de Iracema”, Fernanda corrige “Shailo”, uma das mulheres, que aparenta ter uns quarenta anos, pergunta “Em qual condomínio? Eu moro no Porto de Iracema”. “Minha casa é perto da sua, mas sou da favela perto do Dragão do Mar”. Um homem idoso, careca, que usa roupas de frio tosse colocando parte do champagne pra fora.

A Sra. Libânia muda de assunto enquanto suas bochechas deixam o blush vermelho mais intenso. Tudo gira ao meu redor, estou novamente em um mundo que não é meu. Digo à Fernanda que vou pegar um pouco de ar no jardim e a deixo fazendo sala para as visitas que a todo tempo a bajulam. Dou de cara com uma jovem loira na porta que me diz “oi”, respondo e saio do caminho para que ela passe. Ela caminha e olha pra trás como se eu fosse uma criminosa. Tento lembrar de onde a conheço, tenho certeza de que já vi em algum lugar, mas minha memória é recobrada imediatamente quando dou de cara com Diego Marinho.

O rosto dele se transforma fazendo seus olhos arregalarem e sua mão esquerda sair do bolso. “Shailo?” é tudo o que consegue dizer, deixando a taça de champagne tremer em sua mão. Apesar de não parecer mais a mesma pessoa, ele continua lindo, seus lábios parecem estar mais corados. Diego agora se veste como um rico, uma blusa social verde-clara por dentro de uma calça caramelo. Ele usa um topete sustentado por gel máxima duração.

– Oi – digo externamente inabalável, e coisas continuam desmoronando.

– O que faz aqui? Você fugiu de casa? – a pergunta me irrita porque imagino que a rua inteira deve estar sabendo o ocorrido da forma mais distorcida possível.

– Eu moro aqui, por enquanto – digo num tom que o faça entender que ele é o intruso

– Como a Tiffany nunca me disse!?

– Quem é Tiffany? – já sabia que é a namorada dele, a que passou por mim, vasculhei algumas vezes o Instagram.

– Minha namorada. A Sra. Libânia é madrinha dela.

– Vou me retirar, talvez ela não goste de nos ver juntos. E espero que você não comente nada com a vizinhança.

– Sobre o quê?

– Sobre me ver aqui.

– Tranquilo. Também peço que você não comente com ninguém de onde me conhece.

– Por quê? Você é um daqueles caras que diz pra família da namorada que mora numa mansão?

– Acho que não devemos colocar as mentiras na balança.

– Eu não sou nenhuma mentirosa. Já você.

– No fundo você sabe que eu sempre falei a verdade, mas prefere dizer que eu sou um mentiroso pra esconder alguma coisa. Alguma coisa que nunca quis contar.

– Você se acha. – Dou uma risada forçada como uma péssima atriz que interpreta a vilã. – Nunca escondi nada de você.

– Estava chorando?

– Não interessa. – Dou as costas quando ele decide tocar a ferida.

– E o beijo que você deu no seu tio? – sinto minha vista embaçar, seguro na coluna da entrada da casa, ele segura meu braço e eu solto num movimento brusco.

– Que beijo?

– Acho melhor não falarmos disso agora.

– Fala. Agora eu quero saber.

– Depois que terminamos vi vocês se beijando perto da ponte dos ingleses. Eu estava te procurando pra conversar. Nunca contei pra ninguém. Fui tirar satisfações e ele contou que você gostava dele, mas não podia assumir porque sua família não aceitaria um incesto.

– Desgraçado. – Me coloco de pé numa força súbita. – Eu sempre tive nojo daquele homem, o beijo foi forçado. Ele me perseguia desde criança. Fui abusada até os dezessete anos, ele conseguiu destruir a minha vida quando a gente namorava, achei que você nunca ia querer uma garota que não era mais virgem e foi violentada pelo próprio tio. – Coloco as duas mãos no rosto e choro compulsivamente.

– Até os dezessete? E quando isso começou?

– Aos sete. Quando nos mudamos para a casa dos meus avós.

– Você poderia ter me contado. – Ele passa a mão no meu braço como se fizesse um carinho, retiro as mãos dos olhos, vejo uma lágrima escorrida no canto do seu rosto, Tiffany chega com outra taça de champagne.

– Aconteceu alguma coisa? – seu tom de irritação tenta amadurecer a voz infantil.

– Desculpe – olho pra ela –, eu e Diego somos amigos de infância, a gente estava falando do meu querido tio que se suicidou a poucos meses. Não conseguir conter as lágrimas. Com licença. – Caminho em direção ao jardim onde me sento em um banco posicionado de frente a uma estátua branca que representa uma mulher nua e acorrentada por galhos. – Assim como eu.

Fernanda me convence para sentar-se à mesa com todos os convidados. Elisabet e Ed, pais de Tiffany, Valberto e Glória, um

casal de empresários que falam o tempo todo de outras pessoas como quem passa relatórios completos; Diego e Tiffany posicionados a minha frente na mesa – o que me faz sentir mais medo de pegar os talheres, Fernanda ao meu lado e a Sra. Libânia, que sentada na cadeira da anfitriã observa tudo – principalmente a mim.

Não sinto gosto de nada, com o olhar fixamente voltado à coxa do peru, respondo as perguntas de Fernanda mexendo apenas a cabeça. Tento separar o osso da carne quando o pedaço voa para o centro da mesa derrubando uma garrafa de vinho tinto. Levanto num impulso fazendo o prato virar com arroz e uvas passas. “Tá tudo bem”, diz Fernanda enquanto olho para o estrago e todos na mesa me olham com pavor. “Deuselina!”, grita a Sra. Libânia.

– Desculpem, por favor – é tudo o que consigo dizer.

– Tudo bem Shailo, acontece – Diego intervém.

– Vocês se conhecem? – pergunta a mãe de Tiffany num tom surpreso.

– Somos amigos de infância e vizinhos.

– E ex-namorados – completa Tiffany.

– Quer dizer que você mora na favela perto da praia? – pergunta Elisabet.

– Como assim? – Diego fala com a voz arrastada.

– A sua amiga, vizinha e ex-namorada mora lá. Não sabia? E você Tiffany, dizia que seu namorado morava em um apartamento na Avenida Desembargador Moreira?

– Mamãe, acho que não é um bom momento para discutirmos isso – diz Tiffany, constrangida.

– Com licença. – Saio e corro em direção ao quarto. Fernanda me segue.

Jogada com a cara no travesseiro, Fê tenta me consolar.

– Calma Shailo, depois converso com minha tia.

– Quero ir embora – digo com a voz abafada.

– Faltam apenas alguns dias para nossa viagem. Suporta só mais um pouco. Eu também quero sair daqui, mas estou evitando problemas com os meus pais.

– Parece que eu carrego algum tipo de maldição, onde eu chego acontece coisas ruins. Você não merece. É capaz do avião cair com a gente.

– Deixa de falar bobagem – Fernanda fala num tom de riso –, foi o Natal mais engraçado da minha vida, aquela coxa de peru voando no vinho, o prato virando, ai meu Deus. – Ela dá um ataque súbito de gargalhadas. Tiro a cara do travesseiro e olho sem acreditar.

– Você tá rindo da minha desgraça?

– Você precisava ver a cara da Glória, foi a mais engraçada, segurei a risada na mesa.

– Sério? – Começo a rir também com o travesseiro na boca.

– Ah, e quero saber que história é essa do namoro com o boy da Tiffany. Que gato hein? Ele é o mesmo que você falava no trabalho?

– Eu só tive um namorado, Fernanda, lembra?

– Je ne peux pas y croire.

– Hã? Não entendo inglês.

– É francês sua boba. Eu disse que não posso acreditar.

A cada dia que penso na viagem, minhas pulsações aumentam. Uma veia do pescoço me incomoda como se fosse paralisar toda a minha cabeça. Tenho saído mais do que de costume. Polícia federal, banco, loja de roupas para frio, escritório de seguros, Fernanda deve estar gastando uma nota preta com todos os detalhes. Tento demonstrar o mínimo do quanto a minha ansiedade está me devorando, mas acho que não consigo.

Fernanda marcou uma consulta com outro psiquiatra, lembro de Fabrícia e ajo como se eu desejasse muito ser analisada – o que não é verdade.

Antes da virada de Ano Novo, falei com Arthur e vovó. As coisas não mudaram muito por lá, a não ser a novidade de que ele será pai de uma menina. Vovó repetia “Eu já tinha avisado, mas eles duvidaram e foram gastar dinheiro com essa tal de ultrassom”.

Contei sobre a viagem à Europa. Não quero esconder mais nada. O céu explode de fogos e eu estou deitada pensando na minha mãe. Às vezes sinto que sou uma pessoa muito perversa e outras vezes acho que isso precisava acontecer, como se não houvesse outra maneira de descobrir quem realmente sou. E agora eu sou o que nunca imaginei que seria.

## Conflans-Sainte-Honorine

Eram 6h33min quando o sol apontou entre os prédios no Meireles. Chegou o grande dia, não sei se isso significa ser é maravilhoso ou terrível. Passei a madrugada enxugando suor, esfregando as mãos frias e andando de um lado pro outro pensando nas nove horas que vou ficar presa dentro de um avião.

Confronto-me com o conselho da psiquiatra “tente pensar em coisas boas que aconteceram”, então busco uma sequência de memórias, como a de Suzana furtando a bomboniere e colocando as guloseimas na minha mochila; do dia em que Pretinha deitou dentro do penico de alumínio que mamãe colocava ao pé da cama, e quando foi se sentar à noite, levou uma arranhada na bunda, e a vez que Diego mandou uma carta dizendo que me amava. Fernanda bate na porta e entra.

– Está pronta?

– Acho que nunca estou pronta. Passei a noite sem dormir e minha pressão baixou. Vou tomar dois comprimidos que a Dra. Greyce passou de uma vez só. – Vou até a cômoda e pego a caixa do remédio quando Fernanda segura minhas mãos e iguala sua pupila a minha.

– Não Shailo, agora não. Ela passou esses comprimidos pra dormir e não pra você deixar de encarar a vida.

– Mas eu preciso dormir por nove horas.

– Você precisa viver sua primeira viagem de avião e ver o mundo do alto. Acordada.

– Tive mil pesadelos acordada de que esse avião caía, de que eu vou passar muito mal e vão cancelar o voo por minha causa.

— Isso não aconteceu. O que é real agora é que você está só de calcinha e blusa, e precisa se vestir o mais rápido possível porque vamos sair em 40 minutos. Ok?

— Ok.

— Já que insiste no futuro, pense que possivelmente vamos encontrar Suzana, vai ser como procurar o pote de ouro que dá início ao arco-íris. Ou pense nas tulipas do Keukenhof. — Fernanda sai e fico pensando o quanto ela está se sacrificando pra me dar essa viagem de presente.

A Sra. Libânia ligou para os pais dela dizendo que sou uma pobre coitada e que Fernanda está pagando tudo. Ela tentou esconder sua preocupação, mas sei que isso vai gerar grandes pautas em família. Tentei fazê-la desistir e fui rispidamente mandada calar a boca.

Deuselina traz torradas com um chá de camomila com erva-cidreira, como tem feito todas as manhãs. “Vou sentir falta de fazer chá pra você”, ela diz toda sentimental. “Obrigada, quando eu ficar rica te contrato e reservo um lugar pra você na mesa junto comigo”, digo enquanto a abraço. “Vou colocar isso em minhas orações” responde sorrindo e chorando.

Ao conduzir as malas ao taxi que nos espera no portão, Fernanda conta que sua tia está indisposta, mas sei que ela não quer se despedir de mim. Peço para Deuselina, que ainda chora, dizer que agradeço pela acolhida.

Ainda do lado de fora na calçada, meus olhos atravessam a rua e encontram os de Diego Marinho. Ele dá passos em nossa direção, Fernanda entra no carro e fecha a porta nos deixando a sós. “O que você faz aqui?”, pergunto segurando a mala de mão, ele a toma e coloca no chão. Logo após segura meu rosto com as duas mãos e enxerga o fundo da minha alma.

— Vim me despedir de você.

– Quem te disse que eu ia viajar? A rua já está sabendo?  
– Não. Digamos que foi um anjo que quer te ver feliz.  
– E quem é a minha felicidade?  
– Eu não sei, mas a minha tem um nome raro. Nunca vi ninguém com o nome igual o dela. – Baixo a cabeça e fujo de seus dedos que se movem suavemente.  
– Tiffany é um nome bem comum.  
– É verdade – ele responde sorrindo. – Na verdade nunca me acostumei com coisas comuns.  
– Preciso ir. Obrigada por vir.  
– Shailo. Não paro de pensar que nossa história acabou por falta de confiança da sua parte. De como eu poderia ter sido sua defesa. Sabe, muita coisa fez sentido. Você nunca quis deitar comigo...  
– É passado. Se não aconteceu, é porque não tinha que acontecer.  
– Não. Você deve ter sofrido muito e eu não pude fazer nada – sua voz embarga sustentando muitos pesos.  
– Shailo. – Fernanda baixa a janela do carro. – Desculpe interromper, mas precisamos ir.  
– Tudo bem – diz Diego enxugando uma lágrima –, que tudo dê certo pra você.  
– Se cuida. – O abraço e dou um beijo em seu rosto. – Não se perca.  
– Se eu me perder, você sabe onde me encontrar.  
Entro no carro. Nos encaramos até onde pudemos.  
– Eu te mato Fernanda.  
– Mas a gente tá atrasada, ainda temos que fazer Check-in.  
– Não estou falando disso. Estou falando de um certo anjo que mandou Diego aqui.  
Ela tosse rindo denunciando a culpa.

O túnel do aeroporto me faz pensar em uma cena em que as pessoas estão passando da morte para uma nova vida – na realidade acho que é o contrário.

Meu assento fica entre Fernanda e um homem que ler jornal. Aos três minutos de acomodação me sinto sufocada, passo mentol no nariz, no pescoço e fecho os olhos. Imagino que estou em um campo aberto deitada na grama, o que não funciona muito, sinto o coração como se as batidas pausassem, faço o exercício de respiração. “Você está presa entre duas pessoas, eles vão te esmagar”, o cérebro grita.

– Fernanda, deixa eu ir à janela por favor. – Abro os olhos e suspiro.

– Não é um procedimento legal, mas vem. – Trocamos. Pego os fones e tento assistir o que está passando na TV a minha frente, inclino a cadeira, arranco os fones do ouvido e inclino mais a cadeira.

– Não vou conseguir – sussurro.

– Respira. Vai dar tudo certo – diz Fernanda.

Fico de olhos abertos vendo o avião se distanciar da pista até que casas pareçam os desenhos dos livros de Geografia. Não tenho medo da altura. Penso apenas nas janelas e portas que não abrem no ar. Fecho os olhos, inspiro o mentol e passo as mãos suadas no cabo da cadeira.

Nas primeiras duas horas, fui ao banheiro umas vinte vezes. Na última ida demorei uns 15 minutos lavando o rosto e respirando em pé. O homem ao lado desistiu do jornal e respira de forma que me faça entender o quanto estou incomodando. Fecho os olhos mais uma vez e prometo mentalmente não levantar. Em algum momento sinto momentâneos alívios. Penso dos jardins da Europa. Estou realizando um sonho.

– O Rio Sena está interditado devido o nível das águas terem se elevado – lamenta Fernanda olhando pro celular –, eu ia levar você lá, mas os passeios de barco foram suspensos. Tem chovido esses dias. – Ela ler mais alguma coisa franzindo a testa. – O clima está em 5°, coloque aquelas luvas que compramos.

– É tão frio assim?

– É suportável se você usar as roupas corretas. Ah, os ringues de patinação no gelo estão sempre abertos e possivelmente teremos dias com neve.

– Climas frios costumam entupir meu nariz mais ainda – lamento com os olhos fechados.

O relógio de Fernanda marca 19h, mas ela diz que aqui são 4h a mais. Ajusto o horário no celular com as mãos adormecidas de frio. Coloco as luvas. Caminho aliviada por ter saído da aeronave e penso que em breve precisarei retornar sozinha.

– Nunca vi um lugar tão grandioso. – Sinto a respiração cortando algo por dentro.

– É apenas o aeroporto.

Olho ao redor e vejo um mundo diferente. Entramos em um taxi, limpo a janela com uma das mãos enquanto Fernanda fala com o motorista em francês. Não vejo muita coisa, aperto o peito com o braço e busco ar, tudo está gelado. O cheiro do mentol chega a doer. Fecho os olhos, tudo o que penso é afundar em um colchão.

A chuva nos faz andar apressadamente por um trilho de pedras até chegar à porta. A minha frente uma casa grande, com janelas de vidro iluminadas formando o desenho de uma cruz. Os pais de Fernanda abrem a porta e a abraçam, eles sorriem, apertam minha mão e nos ajudam com as bolsas.

O gorro e casaco de lã parecem pesar 10 quilos. Tudo parece pequeno, mas é aconchegante, cortinas beges por todos os

lados, lareira acesa, uma TV enorme na sala, um filhote de buldogue que cheira meus pés. “Esses são meus pais, Salustiano e Keila. Essa é a Shailo, minha amiga”, apresenta Fernanda. Ele tem cabelos tingidos fazendo parecer uma peruca avermelhada e usa uma dentadura que o deixou totalmente diferente do quadro de família pendurado na parede. A Sra. Keila assumiu os fios brancos entre o loiro desbotado e fala como se estivesse chorando.

Fernanda já havia me contado que eles não suportavam mais morar no Brasil e vieram para França, onde o irmão mais velho de Fernanda casou-se e é pastor de uma igreja cristã para brasileiros. A Sra. Keila comenta que arrumou o quarto de hóspedes e Fernanda reclama que a mãe deveria contratar uma ajudante. “Louise tem me ajudado bastante”, comenta nos conduzindo pelo corredor. “É minha cunhada francesa”, diz Fernanda.

O chão, todo no carpete marrom com espirais, me dá a sensação de estar em uma cena de filme hollywoodiano. Fernanda me apresenta seu quarto – o qual eu já tinha visto por fotos. “É mais bonito e vivo pessoalmente”, comento. O quarto reservado a mim é quase igual ao de Fernanda, com exceção das pelúcias e estantes com livros. Desejo me jogar na cama coberta por esse edredom floral como quem se joga em um abismo de olhos fechados, mas continuo ouvindo a Sra. Keila, extremamente simpática explicando tudo sobre o quarto e apresentando o restante da casa.

“Está gripada querida? Isso é normal devido a mudança de clima”, continua. Dou um sorriso de boca fechada pra não ter que explicar que estou sufocada, com o peito em chamas e a cabeça a ponto de explodir. “Estou sem fome”, digo após um convite à mesa. “Shailo está cansada, precisa descansar”, Fernanda pega nos meus ombros e me empurra até o quarto como se ouvisse meu grito

de desespero. O ar começa a ficar mais suportável e sinto que algo está quebrado. Cheguei viva de uma tormenta, meu corpo treme, tudo é novo.

O cansaço intenso fez com que por algumas horas eu apagasse. Abro os olhos e penso “eu dormir?”, lembro do quarto de casa, das paredes úmidas e o cheiro de mofo misturado a cigarro, do colchão velho que dava pra sentir os detalhes do estrado, e da minha mãe. O cheiro do bolo assando e o café feito sobre a pequena mesa de madeira. O nariz escorre, me sinto injusta e talvez, ingrata.

Abro as cortinas, chove, mas consigo avistar a rua, um caminho moldurado por arbustos verdes bem definidos e flores lilás. As casas não têm muros e parecem castelos, uma mais bonita que a outra. Sinto o frio nos pés e volto a deitar. A boca e a garganta estão secas, a inspiração entra e a expiração parece ficar presa, preciso de água, mas aguardo Fernanda acordar enquanto tento produzir saliva.

Ela chama, vamos até a geladeira, encho minha garrafinha e volto pra cama.

– Hoje vamos conhecer um...

– Fê, desculpa, mas não vou conseguir sair da cama. Por favor, comente com seus pais sobre o meu problema pra eles não pensarem que sou alguma esquisita ou mal-educada.

– Tudo bem, mas vamos pelo menos tomar café. Já tomou cappuccino francês? Aliás as cafeterias daqui são fantásticas.

– Estou sem fome.

– Entendo. Vou dar uma saída, mas qualquer coisa me liga tá?

– Tá. – Ela saiu com uma expressão de constrangimento, me senti ainda pior. Me cubro como um enroladinho de salsicha deixando apenas o nariz pra fora.

– Shailo querida!? – Tiro o edredom do rosto e me deparo com a Sra. Keila sentada na ponta da cama. – São 8 da noite, Fernanda pediu pra não incomodar, mas estou preocupada.

– Já é noite? – Me ajeito sentada na cama. – Nossa, desculpe, perdi a noção do tempo. A minha cabeça não tá muito boa.

– Fernanda nos contou sobre o transtorno. Imagino que a viagem foi duplamente exaustiva pra você.

– Vou ficar bem – digo duvidando das minhas próprias palavras –, só preciso de um banho.

Desço para o jantar.

– Você perdeu um dia lindo em Conflans – disse o Sr. Salustiano sentado à mesa.

– Papai gosta do inverno. Na verdade, não é o melhor período para se visitar a França, mas é o que temos antes de retornar às atividades na faculdade – diz Fernanda.

– Aliás, você deveria estar estudando – ele adverte olhando para a filha.

– Não se preocupe, papai. Tirar um tempo pra descansar também faz parte de uma mente saudável pra quem estuda.

– E vocês? – o Sr. Salustiano olha pra mim –, trabalhavam juntas no telemarketing?

– Sim – respondo colocando macarrão no prato –, Fernanda era minha gerente.

– E você mora na Praia de Iracema?

– Sim. Desde que nasci – detesto responder perguntas que as pessoas já sabem a resposta, mas mantenho a simpatia forçada.

– Quando retorna ao Brasil?

– Pai! – diz Fernanda com um tom de repreensão.

– É só uma pergunta. Sua amiga pode ficar o tempo que quiser.

– Volto o mais rápido possível – respondo sorrindo –, só preciso resolver umas coisas.

– Vamos comer antes que esfrie – diz a Sra. Keila olhando fixamente para o marido.

Fernanda senta ao meu lado dividindo a cama, e estabelecemos alguns segundos de silêncio.

– Estou preocupada – começo.

– E é isso que está te consumindo – ela diz com um tom mais frio que a temperatura de 3°.

– Tenta se colocar no meu lugar. Quando eu retornar ao Brasil, onde vou ficar? Como vou conseguir emprego desse jeito?

– Já te disse pra focar no presente.

– Tá bom, no presente estou sendo bancada por uma amiga que deve estar gastando rios de dinheiro com uma pessoa confusa, esquisita e transtornada. Os pais dela não estão gostando do que ela está fazendo e sua amiga...

– Pode parar, Shailo. Desse jeito você me ofende. Eu sonhei com esse dia, que a minha melhor amiga, talvez a única, estivesse aqui. Calculei gastos, economizei e quando fui ao Brasil já ia te fazer essa surpresa. Eu sabia que você amava a Holanda, pesquisei rotas, hotéis, mas só podia te dizer quando tudo estivesse certo.

– Desculpa. Essa minha atual condição está me roubando tudo. Estar aqui era um sonho, andar pelas ruas da Europa. Se eu fosse a mesma de um ano atrás, estaria correndo como uma desesperada pra ver tudo, com chuva ou sol.

– Então, você precisa enfrentar. A cama te deixa confortável e esse conformismo não te ajuda.

– Estou tentando. Nesses últimos dias tenho suportado a vida social além do que imaginava. Inclusive quase 12 horas de locomoção até aqui, foi um recorde.

– Pois vamos quebrar mais recordes, porque ir ao Jardim Keukenhof e depois a Zurique, vai demandar bastante energia. Aliás, pesquisando a Rua Langstrasse, ela é longa e não imagino como encontrar uma pessoa. Vi também que é uma zona perigosa marcada por prostituição e tráfico de drogas. Ou seja, esteja bem preparada. Você vai sair viva dessa.

– Ai meu Deus.

– Você gosta de futuro. Pois é. – Rimos e nos abraçamos.

Numa tarde em que a chuva cessou, caminhamos pela Vila de Conflans, ao lado de um lago. Me sinto em um cenário cinematográfico de um filme romântico, talvez em O casamento do meu melhor amigo, uma trilha sonora toca mentalmente enquanto Fernanda conta como é estudar em outro país. Lembro de Diego, olho para um barco pequeno entre outros e imagino que ele está lá. Talvez Fernanda combinou com ele de me surpreender, seria perfeito.

– Shailo!? – Fernanda me empurra contra a beirada do lado e me segura. – Acorda.

– Você me assustou.

– Claro, eu estou falando sozinha.

– Estou ouvindo.

– Como é o nome do meu professor? – Ela levanta uma das sobrancelhas.

– Tudo bem. Eu estava distraída. Quando vamos à Suíça?

– Bom, primeiro vamos visitar o Keukenhof, ok? Amanhã mesmo.

– Ok. – Puxo a inspiração.

– Vamos de trem, passaremos pela Bélgica, mas sem chance de explorar. Dormiremos na Holanda mesmo e seguimos para a Suíça.

– Uou! Se as pessoas da praia ouvissem isso teriam mais motivos pra me chamar de metida.

– Para aí. – Fernanda tira uma das luvas, ajeita o celular no caule de uma árvore e o programa para bater uma foto.

– Minha cara está horrível para fotografias.

– Tá louca? Vir aqui e não registrar tudo. Vamos lá garota, sorri. – Ela corre e se posiciona ao meu lado, três flash nos capturam.

Manhã de Quarta-feira. O Sr. Salustiano reclama o tempo todo enquanto a Sra. Keila coloca comidas prontas em nossas bolsas. “Você nunca foi além de Paris”, diz o pai à filha. “O senhor que pensa”, Fernanda responde dando-lhe um beijo na testa e nos despedimos em seguida sob muitas recomendações. Horas até Paris. Horas até Holanda.

Com a bolsa abastecida de água, dou um pequeno gole a cada três minutos, fecho e abro os olhos como quem deseja que um pesadelo acabe. Fernanda fotografa tudo e fala sobre um francês pelo o qual deva estar apaixonada. Ajeito minha posição na cadeira e tento abrir bem os olhos pra ver o mundo, aquele mundo.

O trem de cadeira vermelha é confortável e o mais rápido que já vi. Penso em quebrar as janelas retangulares de vidro para o vento entrar, mas mantenho o bom humor forçado: acho que Fernanda não merece ter seu sonho frustrado. Ela compreende os meus máximos silêncios e fala por nós duas. Ao chegar em Amsterdã, paramos em uma cafeteria, pegamos mais um táxi, e vamos à Lisse.

– Acho que está fechado – digo olhando o letreiro verde e algumas tulipas na entrada. O motorista diz alguma coisa em outra língua, acho que em inglês, e Fernanda altera a voz como se

estivesse furiosa. Ela manda eu descer do taxi e ficamos de frente a calçada para a entrada do parque.

– Shailo, o parque só abre em março – diz com um tom decepcionado.

– Março? Como assim?

– O motorista disse que precisávamos ter pesquisado sobre o período de visitas que vai de março a maio deste ano. E os ingressos precisam ser comprados com antecedência. Sinto muito.

– Tudo bem.

– Não. Não está tudo bem. Queria tanto dar isso de presente pra você.

– Vem aqui. – Sentamo-nos no chão perto de algumas tulipas. – Só de estar aqui com você e saber que enfrentei mais uma vez meus medos, já é um presente. Eu sei que as flores estão sendo cuidadas para um tempo certo, assim como eu, assim como você. – Fernanda me abraça e chora ainda frustrada.

– Estou pensando no dia que você tiver que ir.

– Não pensa no futuro, lembra? – Rimos.

– Pois vamos. Reservei um hotel aqui perto. Pelo mapa do celular podemos ir andando.

– Sabe, tem outra coisa que queria ver e estou vendo agora.

– O quê?

– Neve. – Pego uma porção de gelo em uma barra de ferro na rua e jogo em Fernanda que em seguida devolve. Nossas risadas produzem uma nítida fumaça ao compasso de cada expiração.

## A pouco vapor

Após uma noite fria e agradável em Lisse, voltamos para Amsterdã onde tomamos cappuccino e Fernanda me levou aos jardins do Rijksmuseum. “Sua boba, esquece o Keukenhof, juro que não estou mal”, digo. Andamos entre arquiteturas inigualáveis, algumas casas me lembram relógios e igrejas, cores como o bege e o marrom são predominantes, rios gelados, pontes, bicicletas, bondes, tudo é diferente e único.

Tiramos fotos no monumento “I Amsterdam” e seguimos rumo à Zuriq. Ouvir Fernanda dizer que a viagem pode ter uma duração de até doze horas não me assusta tanto quanto à ideia de que posso voltar sem nenhuma notícia de Suzana.

Reinstalo o WhatsApp e envio mensagem para Arthur. Posto algumas fotos e conto o que está acontecendo.

Arthur: Finalmente né? Deu notícias.

Eu: Já tinha avisado sobre ficar longe de redes sociais.

Arthur: Ok. Quer dizer que você está indo em busca da ovelha perdida.

Eu: Não fala assim, você sabe como Suzana é importante pra mim.

Arthur: É, bem mais que seu irmão.

Eu: Deixa de ser chato. Vai sair pra trabalhar agora?

Arthur: Não, só daqui umas três horas.

Eu: Verdade. Sempre esqueço do fuso horário. Como estão as coisas por aí?

Arthur: Todo mundo fingindo que tudo está normal e que a vida está seguindo, mas a vovó fala em você todos os dias. Sua mãe foi ao hospital mais uma vez com aquelas dores de estômago, já está melhor. Estela foi com ela.

Eu: Arthur, cuida da mãe por favor. Nunca vou me perdoar se algo acontecer com ela.

Arthur: Ela é dura na queda.

Eu: Ninguém é duro o tempo todo. Sempre chega a hora de quebrar. – Ele pausa por alguns segundos.

Arthur: Quer dizer que você conheceu a França, Holanda e agora está indo pra Suíça?

Eu: Sim, e ainda passei de trem pela Bélgica, ou seja, estive na Bélgica.

Arthur: Tu tá besta hein curubenta?

Eu: Tô nada. Continuo lutando contra a ansiedade.

Arthur: Estela tá aqui. Mandou dizer que desbloqueou você no WhatsApp e precisa lhe dizer algo. O que é?

Eu: Não faço ideia, mas se ela não te contou, certamente é pessoal.

Arthur: Por que ela te bloqueou? Brigaram?

Eu: Deixa de ser inconveniente. Diga a ela que depois chamo lá.

Arthur: Ok.

Eu: Beijos.

Pretendia conversar mais com Arthur pra tentar distrair as vertigens, mas ele poderia estender o assunto até extrair algo indevido.

Um dia eu disse “Nunca vou sair de Fortaleza”, a viagem mais longa que fiz foi à Senador Pompeu – onde mora tia Helda – na infância. Eu devia ter uns cinco anos, não lembro de muita coisa a não ser um velho sentado à porta, um quintal parecido com uma ribanceira de pedras e um tanque no banheiro onde diziam “Não pode entrar aí, a água é limpa”, mas com a porta trancada, fazia dele minha piscina particular. Lembro que havia uma mancha no fundo feita de cimento grosso que lembrava a figura de um

tubarão, é uma das primeiras lembranças de como eu enfrentava meus medos. Descobrir que aquilo não era um tubarão, e sim uma marca de cimento, me deixava poderosa.

Agora estou no vagão rumo ao próximo país, enfrentando o inferno. Fecho os olhos e imagino que estou na Terra das lágrimas doces, com os pés na areia, escorada num tronco, sentindo o vento e ouvindo o som da quebra das ondas. Fernanda dorme ou finge dormir pra não ter que me ouvir perguntar mais uma vez se estamos perto de chegar. Ela inclina a cabeça para o lado como se procurasse um ombro, meu corpo não está disponível para repouso e explicar as razões é muito complicado. Me retraio para a janela, ela abre os olhos após um leve impulso e se firma na poltrona.

Sento na estação. Não posso ir além, o limite chegou. “Respira, você só está ansiosa”, diz Fernanda passando a mão nas minhas costas em movimentos circulares, o que me deixa pior.

– Preciso deitar – digo mais ofegante que o de costume.

– Vamos para o hotel. – Ela tenta puxar minha mão, mas permaneço imobilizada. – Lá você pode descansar.

– Você não entende... – Coloco as mãos no rosto e choro. Copiosamente.

– O que foi Shailo? Diz. – Ela me aperta como quem oferece um cais, mas a tempestade levanta.

– Eu não vou conseguir, queria voltar, mas voltar também cansa. Acho que vou ficar aqui, aqui mesmo, pra sempre.

– O que você está dizendo? Já estamos em Zurique.

– Estou tentando ficar calma por você. Você merecia uma amiga melhor, uma companhia melhor, e não alguém que está te danificando.

– Para com isso. Nada disso te ajuda. – Ela senta ao meu lado enquanto enxugo as lágrimas e percebo as suas também. Afrouxo o cachecol no pescoço e inspiro de olhos fechados.

– Desculpa... é que... tá doendo muito... tem algo preso dentro de mim... e não quer sair... não adianta ninguém dizer que está na minha mente... eu sinto... eu sinto muito forte... sempre fui muito ansiosa... uma vez, a escola marcou uma visita ao zoológico da cidade, devíamos chegar umas 8 horas, eu disse a minha mãe que era pra chegar às seis, por medo de perder... fui a primeira a colocar o crachá no pescoço, mas por volta das 10 horas disseram que o passeio havia sido cancelado, todos foram embora, mas eu fiquei... acho que eu tinha uns oito anos... nunca fui a um zoológico.

– Shailo – disse Fernanda tirando o olhar de um trem que partia e fixando em mim –, você é criativa, engraçada, inteligente, competente. Eu já fui sua líder, lembra? Mas tem alguma coisa que você precisa resolver. Sei que sua enfermidade é crônica e está atingindo seu corpo, e também sei que você precisa continuar vivendo, mesmo desse jeito. Então resgate algo que parece perdido e jogue fora tudo o que não presta. Lembra que você me contou sobre o baú? Você é como aquele baú, mas precisa se adornar de boas novas.

– Ontem... eu estava lembrando... do quanto você é diferente da primeira impressão que tive... quando te conheci... pensei que ia ter problemas com aquela gerente agoniada.

– Agoniada não – ela corrige limpando o rosto e abrindo um sorriso. – Pressionada. Pensa que é fácil ser cobrada por todo um setor? – Após uma pausa seu semblante foi se modificando. – Outro dia meu pai falou ao meu irmão, que largou a odontologia e agora só quer saber de Jesus, que ele deveria seguir meu exemplo, ser responsável e focado em ser um profissional de sucesso, e isso

me dá a certeza de que eu estou condenada a não os matar de desgosto.

– Você não... se sente... realizada?

– Sinto que devo ser grata, mas ainda não sou aquilo que sonho. É difícil também ser a filha perfeita, a que seria incapaz de errar. É como se eu sustentasse dentro de mim duas vidas: aquela que eu sou e aquela que eu preciso mostrar. Tento equilibrar as duas pra não ferir ninguém, a não ser a mim mesmo. – Após uma pausa, levanto, estendo a mão e saímos da estação de mãos dadas.

– Sabe onde estamos?

– Na Suíça, espero.

– Sim, mas especificamente na Bahnhofstrasse, a estação rodoviária mais famosa do mundo.

– Nunca ouvi falar. Você é bem informada.

– Google querida.

Por algum motivo me sinto mais calma. As ruas são marcadas por trilhos, ônibus compridos e vários trens atravessam as avenidas, arquiteturas gigantes, estátuas, praças, fontes jorrando, pausa para um cappuccino. Existem muitas distrações que conseguem me paralisar e pensar “uau, eu estou aqui”.

– O que você quer fazer? – digo a Fernanda enquanto ela mexe no celular.

– Como assim? – Sinto um aperto por saber que ela não está se divertindo. Está apenas acompanhando e torrando sua grana com uma pessoa cheia de vazios, e transtornada.

– O que gostaria de fazer na Suíça? Algum shopping, bar, museu, sei lá?

– Bom, acho que já estou me divertindo nessa cafeteria super agradável com minha melhor amiga. – Dei um gole no cappuccino e pensei em retribuir com um “você também é minha melhor amiga”, mas apenas sorrir pensando em Suzana e Liliane.

Acho pesado esse título de ser “a melhor”, e prefiro apenas sentir o valor que cada uma tem.

– E depois da cafeteria? O que quer fazer com sua amiga?

– Talvez descansar num quarto de hotel e depois sair a procura da outra amiga dela num formigueiro.

– Você acha que não vamos conseguir encontrar a Suzana?

– Pra ser sincera. – Ela dá outro gole procurando as palavras certas. – Acho que tudo é possível, inclusive não a encontrar. Esteja preparada.

– Vou tentar.

Perdemos a noção de tempo, hibernamos. Apesar do cansaço e intensa indisposição, senti alguma gratidão por ter naufragado no inconsciente. Fernanda parecia se sentir culpada, lembrei ironicamente sobre “viver o agora”. Nos trocamos e pegamos um taxi para a Rua Langstrasse. “É conhecido como o distrito da luz vermelha de Zurique, com uma taxa de criminalidade acima da média, tráfico de drogas e bordéis”, senti um arrepio quando ouvi Fernanda ler as informações do local. O taxista me olhava pelo retrovisor e senti por algum momento que estava caminhando para um filme de terror.

Era quase meio-dia quando chegamos a uma rua aparentemente normal, com lojas anunciando suas liquidações, restaurante japonês, pessoas caminhando com seus cachecóis sob um sol que não se revela totalmente. “É um lugar considerado repugnante para algumas pessoas e para outros, aqui você pode ser o que realmente é”, diz Fernanda caminhando e lendo. Ela prossegue falando sobre o comércio ilegal do sexo, a exploração, a legalização da profissão no país, e ao passo de cada palavra tenho certeza de que Suzana está por perto. Esse seria o lugar ideal para quem é discriminada pela vizinhança, não tem refúgio e sempre quis uma vida na Europa.

Observo o que posso, muita coisa está fechada por paredes enormes, penso em gritar olhando para o céu que se destaca entre dois prédios, mas seria impossível alguém me ouvir – não vou encontrá-la.

– Calma Shailo, se não encontrarmos hoje podemos voltar amanhã. – Fernanda fala em alemão com um homem que parece ser um guarda. A única palavra que entendo é “Suzana”, a interrompo e digo “Diga que o nome dela é Shailo”, e mesmo assim o homem meneia a cabeça.

– Fernanda, é impossível encontrar alguém aqui. Você mesmo disse que foi proibida a prostituição exposta. Não vamos achar nada na rua.

– Vamos lá – Fernanda encosta no batente de um prédio e procura algo no celular. – Vou pesquisar sobre garotas de programa em Langstrasse, deve ter sites ou algo do tipo.

– Fernanda, eu já entendi.

– O quê Shailo?

– Você também falou sobre tráfico humano. Por isso Suzana não entrou em contato comigo. Ela foi traficada por esse tal de Leon e deve estar em cativeiro. Presa em algum lugar, não vai adiantar procurar nas ruas. Precisamos ir à polícia local. – Esfrego as mãos na outra numa frequência que deixa Fernanda aflita.

– A gente não sabe. Você precisa se acalmar.

– Não tem outra explicação pra esse silêncio. Mesmo que ela fosse pro Japão, me ligaria.

– Você pode estar certa, mas ainda não está. Ok? – Ela segura meus braços com força e penetra seu olhar em mim. – Já pensou que ela veio por vontade própria e a polícia acaba causando um grande constrangimento?

– Tudo bem, você tem... razão. – Continuamos a caminhada enquanto Fernanda fica o tempo inteiro procurando algo no celular.

Sento na parte interior da janela de vidro do pequeno quarto. Observo as luzes refletirem sobre o lago escuro, está frio, mas pessoas caminham com seus casacos e gorros me fazendo imaginar que são peças de um jogo de xadrez. Não ouço o barulho do som vindo do aterro e nem das ondas fervilhando ao chegar, não sinto o cheiro do bolo assando e nem da fumaça do cigarro de Estela, não vejo o semblante caído e revoltado da minha mãe ao acordar e nem o olhar de condenação de tia Carmelina, eu estou exatamente como desejei muitas vezes, mas estranhamente não sinto paz.

Imagino um anjo ou um gênio da lâmpada perguntando “O que você quer Shailo? O que quer agora?” e respondo “Eu não sei. Nunca sei o que realmente quero”. Fernanda dorme como uma princesa a espera de um beijo, e nunca poderei pagar tudo o que ela está fazendo por mim. Talvez ela seja o meu Asteroide Florence.

Ainda na janela de olhos fechados, o sol me faz observar a cor do sangue entre a pálpebra e a pupila. Amanheceu.

– Shailo, o que faz aí? – diz Fernanda com um sorriso observando algo lá fora.

– Aproveitando a paisagem. Está chegando o dia de ir.

– Não pense nisso agora, ainda não comprei sua passagem de volta. Dormiu bem?

– Digamos que sim.

– Você passou a noite nessa janela? – confirmei com a cabeça – Pois, bem. Vamos tomar nosso café da manhã e voltar a Langstrasse.

– Fernanda, eu quero voltar pro Brasil.

- O quê? – Ela puxa meu braço me fazendo sair da janela.
- Vai vestir sua roupa agora.
- E por que...
- Nada de justificativas. Não me faça ficar mais frustrada do que o vacilo que dei no Keukenhof.
- Para de falar nisso. Já superei.
- Então se vista e vamos encontrar sua amiga. – Mesmo com a dor no peito lhe dou um abraço como não costumo dar.
- Eu te amo.
- Sua boba.

## Langstrasse

Entrei bruscamente em um prédio onde estava pichado de spray vermelho a palavra SEX. Subi as escadas enquanto via flash da Vó Helena dizendo a minha mãe “Mara, cuidado com essa menina, ela é astuciosa”, e apesar de nunca me autodefinir assim, sinto que não há muito o que perder. Um homem me barra na porta, ao final dos degraus, ele diz algo que não entendo e Fernanda parece se desculpar em outra língua. Seus olhos estão arregalados e mais uma vez ela me puxa pelo braço.

– O que deu em você Shailo? Pensei que tinha visto alguma coisa. – Ela pisa forte atrás de mim enquanto acelero a descida.

– Desculpe. Por um instante senti que Suzana estava presa aqui.

– O que você sente não está te ajudando a pensar.

– Lembra que a razão está na barriga de um peixe na profundidade dos oceanos? – Encosto em um muro, fecho os olhos e começo o exercício de respiração.

– Se sente bem?

– Queria minha pomada de mentol.

– Sem ela o seu perfume fica melhor.

– Engraçadinha. – Devolvo um sorriso irônico. – Estou sem ar.

– Vamos sentar um pouco. Ver se não corre da próxima vez que imaginar algo.

– Você já sentiu vontade de pular uma varanda? Deitar no trilho do trem? Ou se jogar em um rio? – digo enquanto sento.

– Não né. Não tenho esses pensamentos suicidas.

– Não estou falando de suicídio. São pensamentos que vem mesmo quando me sinto bem. Como se algo me puxasse, assim como você costuma fazer com meu braço.

– Pois trate esses pensamentos. Isso não é normal.

– Você mais uma vez falando em normalidades. Mudou suas filosofias?

– Digamos que precisamos pensar nas exceções. Pular da varanda? Você quer que eu diga que isso é normal?

– Não estou falando de pular, mas de sentir vontade.

– Eu tenho vontade de ficar nua debaixo da Torre Eiffel, mas nunca faria. Então digamos que eu entendo. – Solto uma risada estranha. – Vamos caminhar, isso sim ajuda a diminuir a ansiedade e os pensamentos esquisitos.

A cada cinco minutos dou uma pausa para respirar. Goles de água aliviam a sequeidão da boca e a dificuldade de engolir saliva. A força nas mãos se desfaz como geleiras aos buracos da camada de ozônio.

Após milhares de passos sem respostas, o corpo escoia pelo chão. Sinto o fundo do mar nas costas de onde não se pode mais enxergar o sol brilhar na superfície. Chega. “Um homem me disse que existe um distrito um pouco mais abaixo, onde reúnem-se um aglomerado de pessoas à noite”, ouço Fernanda falar como se tivesse mais expectativas que eu, mas estou desaparecendo. Cubro o rosto com as luvas. Devo ficar feliz por ver uma demonstração de que há algo vivo em mim, águas transbordam. A tampa do baú estourou.

– Não posso forçar. A partir daqui você decide. Podemos voltar se preferir.

Retorno ao Natal de 2004, lembro da mesa montada no meio da rua, em frente à casa dos meus avós. Eu estava triste porque meu pai ainda não tinha aparecido e seria a primeira noite

que o Papai Noel não deixou nada na minha cama ao acordar. Suzana chegou com sua tia. Ela era tímida e frágil, precisei usar meu ursinho de pelúcia pra intervir na nossa conversa, e vi seu sorriso grande – o mais lindo.

Às vezes via em seus olhos um brilho como se lágrimas quisessem correr, e eu tratava de dizer algo engraçado porque nunca fui boa pra ser um bálsamo. E, apesar das minhas próprias limitações, sentia que Suzana possuía menos que eu. Menos amor, menos cuidado, menos compaixão. Por vezes, tive a audácia de pensar que ser órfã tinha seu lado bom, como um motivo pra ser livre, mas éramos apenas dois extremos. Nem livre demais, nem presa demais, apenas livre. Acho que foi isso que nos uniu, ser duas faces diferentes de uma mesma moeda.

Comemos frango assado, eu, ela e Liliane sentadas em um tronco de coqueiro lançado ao chão. Vô Batista nos olhava sorrindo, e Almeida também. Cada um com sua intenção. Um com olhos de amor, e o outro com destruição. Isso também contribuiu para estarmos aqui e ser quem somos. Criança não esquece nada.

– Eu vou. Vamos a esse distrito. Vou até onde eu posso. – Fernanda segura minha mão e me coloca de pé. Caminhamos à medida que a luz do dia se apaga. “Quando eu crescer quero ser médica, pra ajudar todas as crianças do mundo”, a voz de Suzana se mistura a uma força que só o peso de meus passos poderia dizer. Em algum lugar, aqui ou aonde for, ela espera por mim.

Ruas movimentadas, como o Centro de Fortaleza em pleno dia. Restaurantes e hamburguerias abertos com suas fachadas reluzentes, pessoas ocupando todas as calçadas, outras escoradas nos carros enquanto conversam e riem alto, carros buzina e sons ecoam, por um segundo me sinto próximo ao Aterro da Praia. No chão há bastante lixo, embalagens de cigarros, restos de comida,

bicicletas abandonadas e um cheiro forte de fumaça — o que me dá uma sensação comum.

Do outro lado da rua há uma mulher com um vestido preto e curto, deve ser uma prostituta discreta, puxo Fernanda e vou em sua direção. “Pergunta se ela conhece alguma Shailo, Suzana ou uma negra de sorriso largo”, ela fuma com olhar altivo enquanto Fernanda a aborda. Após uma nuvem de fumaça que nos cobriu, ela faz um gesto negativo. Continuamos à procura como um animal que está chegando próximo a presa.

“Shailo, o frio e a escuridão aumentam”, diz Fernanda quase sussurrando. Fungo, fungo e fungo. Entramos em um beco vazio e silencioso, ao longe algumas luzes vermelhas e azuis piscam. Um velho de gorro preto surge de um espaço entre duas paredes, ele agarra o meu braço direito e rir com dentes estragados e amarelos. Ele tem um olho azul e outro verde, e diz algo que não entendo. “Solta ela”, grita Fernanda pelas costas dele, quando leva um golpe no rosto que a lança para o canto de uma vitrine apagada. Como Davi e Golias, só que dessa vez, o gigante ganhou pela vantagem.

Ele consegue dominar meus braços e tento impostar um grito que sai rouco. Sinto um cheiro de erva forte vindo de seu bafo que está saindo junto com tosse e risos. “Me larga”, chuto sua perna e sou brutalmente jogada contra a parede. O seu corpo me esmaga e ele tenta me beijar a força. Olho pro alto e vejo luzes de quartos se apagando. Meu gemido ecoa rumo a escuridão colorida. Encosto minha testa em seu nariz pra evitar o contato labial. Sua língua nojenta faz desenhos em meu rosto, traços de horror.

Minhas pernas estão imóveis, ele solta um dos meus braços e tenta abrir o zíper do meu casaco. Ouso olhar em seus olhos que se transfiguram nos olhos de Almeida. A mesma tensão, o mesmo sentimento de que não há saída, mas eu não sou a mesma. Com

uma força que desconhecia, solto o braço direito e dou um soco em seu nariz. Não satisfeita, o derrubo no chão enquanto ele confere com as mãos o sangue escorrendo. Olho para a estrela azul do meu anel que também está ensanguentada e em seguida ajudo Fernanda a levantar.

“Corre”, grita ela ao ouvir mais uma risada do velho que paulatinamente move o corpo sob um monte de lã. Adentramos no interior do beco rumo às cores. Um homem vislumbra uma vitrine com as mãos no bolso. Fernanda se comunica com ele. Ele olha na direção da entrada e faz um gesto pedindo calma. Enquanto buscamos algum sinal do velho, desvio o olhar para a direita e dentro da vitrine com luzes azuis tem uma mulher de lingerie nude. Ela é morena, tem cabelos ruivos encaracolados até os ombros, olhos marcados por um forte traço de rímel e parece perder a postura ao perceber que algo de estranho está acontecendo.

Divido a atenção entre uma sombra e uma luz. “Ele está dizendo que nos acompanhará até a outra saída”, diz Fernanda traduzindo o homem. “Não podemos confiar nele também”, digo segura, com a certeza de que ele não entende o que falo. “Não temos opção, precisamos de um lado pra sair”, decidimos segui-lo. Em cada curva, mais luzes e a cada luz uma mulher seminua. Loiras, morenas, ruivas, gordas, mais velhas, mais novas, e negras.

Negra de cabelo vermelho incandescente, um sorriso inconfundível, lingerie rosa escuro, cercada por uma moldura de madeira, como um baú. O baú de Shailo. Coloco uma das mãos no vidro, trêmula, e a mão do outro lado se iguala a minha. É Suzana, ela se desmonta e fica de joelhos.

Nossos rostos e mãos estão juntos. Separadas por um vidro. Percebo que ela mostra os dentes, mas sua expressão é de pavor. Ela fecha as cortinas. Entro com Fernanda em uma porta e nos

deparamos com uma mulher enrugada, com maquiagem forte, atrás de um balcão. “Quero que me traga a mulher negra de lingerie rosa, agora”, dou a ordem. “Calma Shailo, ela não entende o que você diz”, Fernanda fala com a mulher, que em seguida entra num corredor fechado por cortinas e volta com Suzana.

O rímel escolhe por seu rosto. A mulher olha desconfiada. Fernanda parece negociar algo e caminhamos a um outro corredor. O homem ficou do lado de fora nos esperando, mas a conversa pode durar até o sol nascer. “Ela pensa que somos lésbicas a procura de fetiche”, explica Fernanda enquanto olho fixamente pra Suzana desconfigurada.

– O que você está fazendo aqui Shailo? – pergunta ainda com o olhar baixo – Veio me entregar a polícia?

– Polícia? Por que teria que ir à polícia? – Percebo que o rosto de Fernanda está sangrando, tiro um lenço do bolso e pressiono pra estancar.

– Oi, eu sou a Fernanda. Ouvi muito falar sobre você. – Ela estende a mão e Suzana aperta.

– Eu também ouvi falar de você – diz Suzana.

– O que você fez? Por que desapareceu?

– Estela não te disse? Eu pedi pra ela te contar quando eu fosse embora.

– Estela? O que tem a Estela? – lembro da insistência de Estela ao querer contar algo e não quis ouvir.

– Ela não contou?

– Suzana, depois que você foi embora aconteceu uma tempestade de coisas. Fugi de casa, dormi na rua, até chegar aqui.

– Por quê? – Sentamos em uma espécie de cama apenas com a luz de uma TV que exibia filmes pornográficos.

– Primeiro, preciso saber o porquê de estar aqui.

– Estela descobriu tudo. – Ela se levantou da cama e ficou com o rosto virado pra parede. – Ela leu as mensagens de Almeida.

– Isso eu sei, mas o que tem a ver com sua vinda pra cá?

– No dia que você disse que Almeida tinha te pressionado na entrada do portão, o procurei naquela madrugada através do WhatsApp. Disse a ele que... se não parasse de te incomodar ia contar o que ele fez com você durante a infância e quando te forçou aos dezessete anos. Prometi contar à sua mãe tudo o que ele fez com você e comigo. Ele falou que... era obcecado por você. Que muitas vezes, armou para o fim do seu namoro, quando você viu Diego dando carona de moto àquela garota, e quando ele viu você e Almeida se beijando na praia... foi tudo armação dele.

– Naquela manhã você havia dito que ele te mandou uma mensagem, como se não tivesse falado com ele antes. Por que mentiu? Por que não me contou nada depois?

– Porque ele se matou! – Levanto da cama e puxo o ombro de Suzana fazendo-a olhar em meus olhos.

– Ele se matou por causa disso? – ela confirma com a cabeça.

– Por que você não me disse? – grito. – Você sabia o quanto eu estava culpada.

– E eu tentei tirar a culpa da sua cabeça. Eu ia te ajudar.

– Então por que você fugiu? – Derrubo uma pequena estátua da prateleira lateral.

– Eu falei que havia essa possibilidade, mas você não perguntou nada. Você estava fragilizada com tudo o que vinha acontecendo e com suas crises de ansiedade. Respeitei sua dor e sua condição, agora você me julga como uma criminosa.

– Por que você fugiu? Não foge da pergunta.

– Porque a desgraçada da Estela descobriu tudo e ameaçou entregar os prints à polícia. Almeida conseguia clientes pra mim. Foi ele que me apresentou Leon... e muitas vezes eu sair com ele.

– Não acredito. – Ando pelo quarto com as mãos na cabeça. – Vocês me traíam debaixo do meu nariz.

– Almeida me colocou no mundo da prostituição desde criança. Me ofereceu meu primeiro cliente aos quatorze anos e junto com ele, meu primeiro dinheiro. Titia tinha falecido a pouco tempo e eu ia viver de quê? É fácil dizer que eu estou errada quando você tem uma mãe emocionalmente desequilibrada, mas ela nunca deixou de estar ao seu lado.

– Eu só quero saber por que você não confiou em mim?

– Você odiava o Almeida.

– E você devia odiá-lo também.

– Ele fez isso com várias meninas. Inclusive com Liliane.

– Liliane? O que ela tem a ver com isso?

– Ele também pediu perdão a ela antes de morrer. Era mais uma de suas vítimas.

– Ela nunca me disse nada.

– Pois é, ela escolheu esconder suas feridas através da fé. Cada pessoa tem seu próprio caminho.

– Se você tivesse me procurado eu ia entender.

– Estela pediu pra mim se afastar de você. Ela disse que estava muito mal com tudo isso e não sabia quanto tempo ia conseguir esconder de Arthur e da família. Ameaçou denunciar Almeida mesmo estando morto. Havia contatos de muitas meninas, algumas adolescentes, todas iam ser expostas. Inclusive você e Liliane.

– Ai meu Deus – sento com as mãos geladas cobrindo o rosto. Sinto uma mão tocar meu ombro, penso ser Fernanda que permaneceu imune pressionando o lenço sobre a face ferida.

Levanto a cabeça e percebo que é a mão de Suzana, ela olha pra mim, seminua e transbordante. Ajoelhada, ela coloca as duas mãos nas minhas pernas.

– Shailo, eu sabia que você não ia me perdoar de qualquer forma. Muitas vezes eu te defendi das investidas dele. Suportei agressões. O enfrentei como pude.

– Nunca te pediria pra fazer isso. Eu só queria a verdade. O estrago era maior do que eu pensava. Você sabia que Diego tinha me visto com ele e não disse nada. Permitiu que eu pensasse que ele me traía.

– Eu tentei alertar todas as vezes que você estava enganada. O meu silêncio tinha um preço.

– Preciso ir. – Levanto bruscamente em direção a porta.

– Shailo, me perdoa. – Suzana agarra minhas pernas e evita um encontro de olhar. – Eu pedi a Estela pra te avisar, nunca imaginei que você chegaria aqui. Você não pode ir sem falar comigo.

– Me solta. Você tem noção do quanto me doe a nossa amizade? Eu estou enfrentando a mim mesmo pra estar aqui.

– Você está aqui porque me ama de verdade.

– Pena que não é recíproco.

– Eu fugi pra você não ser exposta. Quantas vezes quis conversar com você sobre a desgraça desse assunto, quem sabe até dizer a verdade, e era impedida até de começar, lembra? – Ela solta minhas pernas e fica de pé. – Você nunca quer enfrentar nada Shailo. Prefere ficar agarrada a droga de um baú colecionando passados. Seu avô morreu. Seu gatinho de estimação morreu. Sua mãe é controladora e obsessiva. Seu pai sumiu. Seu abusador se matou. Você está desempregada. Sua cunhada fuma entre os varais. O que mais você precisa visitar nesse baú? As notícias ruins? Ou a fotografia de uma amiga da época que ela parecia ser uma

garota normal? — ela baixa o dedo indicador após enumerar cada ferida — Ou você joga tudo isso fora, ou vai continuar tentando ajustar excessos.

— Ahhhhh — Esmurro a parede com a testa encostada. Olho para a prateleira, abro uma caixa marrom retangular, pego um cigarro, acendo e dou uma tragada. Faço círculos de fumaça como uma profissional.

— Você não é assim, não precisa ser assim. — Suzana tira o cigarro da minha boca. Tusso por alguns segundos. — Não tente dar continuidade ao que a maldade começou, veja aonde cheguei.

— Vamos comigo. Vai se vestir.

— Não posso — ela meneia a cabeça —, Leon vai me legalizar no país, e se ele não conseguir, precisarei retornar em breve. Eu não quero voltar. É isso que eu sou.

— Então você escolhe dar continuidade?

— Eu tenho escolha?

Nos abraçamos como uma despedida eterna. Não penso o quanto meu corpo está moído, apenas preciso deixar ir mais uma parte de mim.

Abro a porta e saio, ouço os passos de Fernanda me seguindo, atravesso carpetes, cortinas, risadas e gritos. “Eu te amo Shailo” é a última coisa que escuto. Existe uma Shailo em Zurique. Ela é rara.

Dou passos destemidos em direção a entrada do beco. Tenho a força que esmagaria todos os abusadores que possa encontrar no caminho. O homem que aguardava na porta, aparenta ter uns quarenta anos, é branco como cera e tem um cavanhaque preto, e continua a nos acompanhar. Fernanda conversa com ele enquanto sigo na frente. “Shailo, cuidado.”, ela adverte. Entramos em um táxi e emudecemos. Até amanhecer.

É noite de Terça-Feira. A neve cobre Conflans Sainte Honorine assim como Fernanda cobre parte do rosto com o cachecol e diz aos pais na entrada de casa, que está exausta. Na verdade, a fuga para o quarto evita que eles percebam o hematoma arroxeadado.

Tiro as botas e me lanço na cama com a mesma roupa, meu corpo fervilha e parece que só agora compreendo a intensidade. Há um mundo em chamas. Ele seca a boca e a alma. Durante a madrugada sinto a coberta me roubar o pouco de ar que sustento, o exercício de respiração não ajuda, tateio as paredes em busca da maçaneta, me arrasto no carpete até a próxima porta e bato. O frio retrai o som e insisto com um pouco mais de força.

Vejo o Sr. Salustiano me colocando sentada com as costas para a parede enquanto baixo e levanto a cabeça numa frequência que tornam as cores ofuscadas. A luz do teto e o bege do carpete se fundem, e eu busco ar. Dessa vez não escapo. Tudo está se esgotando. Ouço vozes, vejo luzes em sequência, sinto mãos me apertando, a voz está congelada e ecoa em mim um gemido agudo.

Acordo em fevereiro. Parece que já vi esse lugar algumas vezes, mas só agora percebo que é um hospital. Olho pro lado e Fernanda está dormindo em uma cadeira acolchoada. Penso chamá-la, mas prefiro juntar os pedaços e entender como vim parar aqui. Levanto e vou ao banheiro ao lado. Sinto algo solto dentro da cabeça como uma porca que saiu do parafuso. Lavo o rosto e me deparo com Fernanda no espelho, ao descer os dedos molhados pelo rosto pálido.

– Tudo bem? – diz ela com um sorriso que abriga um conforto.

– Não sei. – Fico de frente pra ela. – O que aconteceu?

– Você teve uma crise ansiosa, mas está tudo bem. Já foram feitos todos os exames necessários e seu corpo funciona normalmente.

– Não está tudo bem. O meu ser está um caos e ele habita dentro desse corpo que disfarça dores.

– Eu sei. Quis dizer que você já recebeu alta.

– Há quanto tempo estou aqui?

– Quatro dias.

– Tudo isso? Passei esses dias dormindo? – Passo por ela e volto pra cama.

– Você acordou algumas vezes, mas parecia inconsciente. Teve mais crises e achamos melhor deixá-la aqui até acordar.

– O que os médicos disseram?

– Bom, tentei lembrar o máximo que pude dos seus sintomas, como a insônia, a falta de ar, o incômodo com a cabeça, a preocupação com as veias das mãos...

– Você observou que olho as mãos?

– Na verdade, eu observo muita coisa. Você sempre procura escorar a cabeça em algum lugar, ao comer observa se o talher está tremendo em sua mão, pega na nuca de cinco em cinco minutos, sempre anda com a alça da mochila do lado direito, não larga sua garrafinha d'água, e no fundo, eu já sabia que o médico ia confirmar o transtorno de ansiedade generalizado e um começo de depressão. – Ela dar uma pausa e passa os dedos em meu rosto. – Apesar de cursar medicina, entendo algumas coisas sobre a área psicológica. Ainda tenho que me aprofundar, aliás, vou começar o segundo semestre da faculdade.

– Depressão? – deixo o semblante cair como quem ouve uma sentença de morte.

– O que foi? Ficou triste?

– Lembrei de uma amiga que teve depressão. Ela secou em um mês após ouvir o diagnóstico.

– Pois eu tenho uma amiga que também foi diagnosticada e está curtindo a vida no Alasca.

– Talvez porque ela tenha condições financeiras.

– Não. Não tem a ver com dinheiro. A forma como enfrentamos faz toda a diferença.

– Eu sinto muito que tudo isso esteja acontecendo. Foi um erro...

– Chega Shailo. Chega de listar coisas que só te deixam pior. A sua mente todo dia te pede pra lutar e vencer, e você quer vencer, você quer viver. O seu corpo não está respondendo às expectativas dela. Essa é a sua luta.

– Sabe o que é conviver com uma coisa que não tem cura?

– Sei. Eu não tenho transtornos psicológicos, mas tenho outros transtornos. Eu posso ser considerada uma garota normal, mas eu tenho conflitos que me deixa fragmentada, e sinceramente não sei se tem solução. A única certeza que tenho, é que a vida continua e eu continuo com ela. Você pode ter uma vida normal se aprender a administrar suas emoções, até o ponto de esquecer que esse problema existe, ou até mesmo que ele desapareça de vez.

– Você fala com tanta certeza.

– Digamos que pesquisei.

Finjo que estou distraída conversando com Balzac no colo enquanto o Sr. Salustiano tenta arrancar alguma informação nova sobre o rosto de Fernanda. “Quer dizer que ela caiu na estação?”, diz ele com um tom desconfiado. Fernanda entra com duas xícaras de chocolate quente e interrompe me salvando de um possível vacilo.

– Papai, por favor, eu já contei essa história um bilhão de vezes. Deixe Shailo em paz.

– O problema é que preciso ouvir mais um milhão pra acreditar.

Coloco o buldogue no chão e recebo a xícara. Fico o mais próximo possível da lareira. O frio intensifica meus bloqueios nasais e tudo o que está lá fora, é neve. O Sr. Salustiano ver um jornal onde há como destaque a imagem de policiais atacando pessoas e palavras em francês. Fernanda sugere dar uma volta na Torre Eiffel, e sacudo a cabeça com a expressão de quem mordeu um limão muito azedo.

– Tudo o que menos quero é sair. Neve só é agradável em filmes. – Ela ri. O Sr. Salustiano levanta e diz que vai ajudar a Sra. Keila com a janta.

– Se meu pai descobrir sobre a Langstrasse, vai ser o início da Terceira Guerra Mundial. – Cochicha se certificando que ninguém está ouvindo.

– Por minha culpa... – Fernanda arregala os olhos como minha mãe faz quando dá ordens sem dizer palavra alguma. – Bom, mudando de assunto. – Limpo a garganta. – Precisamos falar sobre a minha volta. Gostaria de retornar essa semana.

– Pra onde pretende ir?

– Pra casa.

– Que casa? Da Praia de Iracema?

– Tenho outra?

– Do jeito que você é tinhosa, imaginei que nunca retornaria.

– Pensar na recepção me dá calafrios, mas no último caso, fico na casa de Arthur.

– Ok. Vou pesquisar hoje mesmo os voos. Gostaria muito de convidá-la pra ficar pra sempre, mas temos regras. Quem sabe quando eu me casar com um francês e tiver minha casa em Paris...

– Ou quando você tiver seu próprio consultório de medicina, posso ser sua secretária. E nem precisa estar casada pra isso.

– Tem razão.

Manhã de Segunda, é o dia mais limpo, sem chuva e sem neve, desde que cheguei. Coloco as últimas coisas na mala enquanto Fernanda me ajuda em silêncio. Sei que está segurando o choro, o que me faz sentir o quanto sou amada. O café da manhã foi especial e os seus pais estão com um sorriso tão aberto, que penso se eu deveria me sentir contente ou expulsa.

Ensaiei algumas palavras para expressar profunda gratidão, mas tudo o que consegui dizer com o olhar perdido foi “Muito obrigada. Nunca poderei retribuir tamanha bondade”. Falei com Arthur ontem à noite, e ele me deixou mais apreensiva dizendo que quando chegasse me contaria algumas novidades. Insisti em saber de uma vez, mas ele não se abriu. Nunca se pode fazer isso com uma pessoa ansiosa, e pior, transtornada.

Pensei em mil cenas durante a noite: Vovó morrendo, incêndio na casa por causa de um bolo no forno, separação de Estela e Arthur, Tia Carmelina se jogando da ponte – o que não seria má ideia – ou mamãe me esperando com um pedaço de pau na porta.

O Sr. Salustiano fez questão de me deixar no aeroporto, assim a Sra. Keila e Balzac também vieram. Durante a viagem lamentei não ter conhecido Paris, e na verdade não aproveitei quase nada, meu mundo interior se fechou para as belezas de fora. Um nó na garganta e uma fraqueza nas mãos me lembram que está chegando a hora da despedida, detesto. Bloqueio as lembranças pra não desmanchar os rios contidos, mas às vezes é inevitável.

– Shailo. – Fernanda me puxa para perto do portão de embarque após o abraço que recebi de seus pais. – Isso é pra você.

– Ela tira do casaco uma caixa bege amarrada com um laço vermelho e me estende.

– Se for dinheiro...

– Não é dinheiro. Abra quando chegar em casa. – Recebo.

– Sei que você não gosta das minhas justificativas, mas eu preciso dizer algo pra me sentir melhor. Você gastou seu tempo e seu dinheiro comigo, e ambos não foram poucos, de uma forma que me faz querer retribuir. Não sei como retribuir. Até prostituta de vitrine você pagou. Isso me constrange, o seu amor me constrange.

– Você sacudiu a minha vida nesses últimos meses. Ela estava muito monótona, o que significa que vou retornar a velha e chata rotina. Às vezes procuramos algum sentido investindo em nós mesmos, quando ele pode ser encontrado mais facilmente ao investirmos nos outros. A sua presença e a sua busca pessoal me ressignificaram. O significado de viver não tem nada a ver com chegar ao final ileso ou morrer na velhice, são nos percursos superados que a gente pulsa.

– Eu te amo, amiga. – Tento esconder meu rosto, mas a estatura de Fernanda não contribui. Coloco o queixo sobre sua cabeça e a acolho nos braços. O choro sai como uma britadeira quebrando um asfalto velho. – Desculpa por tudo. Eu não seria onde estaria se não fosse você.

– E eu não sei o que seria de mim se não fosse você. Com você aprendi que não tenho alma burguesa. – Rimos enxugando lágrimas.

– Que horror.

– Queria voltar com você.

– Pai, ela não sabe o que deseja. Perdoai. – Desfazemos o enlace, aceno para o Sr. Salustiano e a Sra. Keila, que segura Balzac nos braços, e entro no portão sem olhar pra trás. Atravesso o túnel

com um sentimento inenarrável, acho que pavor, medo ou pânico se tornaram palavras pequenas. Estou voltando sozinha.

Mesmo orientada por Fernanda, me sinto perdida. Sento na poltrona da janela perto do banheiro, assim como pedi. Tiro a pomada de mentol da mochila e deixo disponível nas mãos. Coloco algumas gotas de soro no nariz, escoro a cabeça na janela e fecho os olhos. “Você precisa enfrentar isso, Shailo” grita algo no meu inconsciente. Ouso abrir os olhos algumas vezes, mas as palpitações aumentam.

Vou ao banheiro, uma, duas, três, não sei quantas vezes. Fico em pé e faço os exercícios de respiração buscando ar. Olho pro relógio, o tempo não passa, faltam oito, sete, seis horas e o pouso parece uma eternidade. Não tenho mais domínio sobre a perna esquerda que ganha vida própria, coloco o fone no ouvido e procuro a playlist do John Mayer, começo por “In the Blood”, tento acompanhar fazendo um som baixo com a boca, agarro forte o braço da poltrona, minhas mãos estão encharcadas, e então aumento o som até vibrar na cabeça.

A mulher sentada ao meu lado sacode uma revista como se protestasse algo, e pelos seus traços europeus percebo que somos incomunicáveis por palavras. Em uma das vertigens seguida de uma falta de ar que dura uns dez segundos, arranco os fones do ouvido e vou até uma aeromoça. “Estou passando mal”, digo e ela faz um gesto para outra moça que corre. “O que está sentindo?”, ela pergunta me conduzindo a uma cadeira lateral depois do banheiro. Ela não é brasileira, mas tem um bom sotaque. Uma voz em inglês anuncia algo no alto falante, e logo após em português “Senhores passageiros, temos uma passageira a bordo que necessita de atendimento, se há algum médico a bordo por favor dirija-se ao espaço próximo aos sanitários”. A aeromoça pergunta o que estou sentindo, respondo “Ansiedade”. Ela adverte que eu precisava ter

procurado orientação médica antes de vir, mas lembrei que recusei quando Fernanda ofereceu. Um rapaz bonito se aproxima com um aparelho de medir pressão, “Como se sente?”, ele pergunta e com a voz ofegante tento descrever, até que minha respiração acelera, meu corpo se contorce, e tudo se apaga.

Sinto um cheiro de sabão de coco e bolo assando antes de abrir os olhos. Não consigo me mover. Presto mais atenção aos sons até que ouço chinelos arrastando, folhas de árvore se batendo ao vento, e ao longe, não tão longe, ondas se quebrando no mar. Não pode ser, qual é a fantasia dessa vez? Será que estou sonhando dentro do avião ou será que nunca sair de casa e fantasiei meses não vividos.

Se isso tudo for mentira, Suzana deve estar em casa, hoje ainda é Dia de Finados, sim, tudo foi uma ilusão. Abro os olhos e vejo minha mãe sentada ao meu lado com uma xícara de chá. “Graças a Deus”, diz ela sussurrando e me ajudando a sentar. “O que aconteceu? Há quanto tempo estou aqui?”, Arthur e Estela entram no quarto. A barriga dela já está bem redonda e todos sorriem com os olhos como quem espera uma paciente em estado terminal sair do coma.

“Toma esse chá e descanse”, diz minha mãe assumindo uma expressão séria segurando minha cabeça com uma das mãos. Olho pro lado e vejo minha mochila escorada na velha cômoda e a caixa que Fernanda me deu em cima do baú. “Foi real?”, pergunto.

– Você voltou pra casa irmã. Sua casa.

Sem noção do tempo, abro os olhos voltando de mais uma sessão de cochilos e pesadelos, e pouco a pouco flash surgem como pedaços espalhados de um quebra-cabeça. Estive o tempo todo acordada, mas o desgaste em busca da superfície me faz esquecer coisas do caminho. Lembro de mamãe chegando no aeroporto

com os cabelos desarrumados e a blusa amarela suja de chocolate, Arthur estava com ela, cada um segurava em meus braços doloridos. Em um dos momentos de consciente submersão, despertei com a cabeça no peito de mamãe após tomar dois comprimidos. Fechei os olhos e apenas senti seus dedos acariciarem meus cabelos enquanto o carro sacolejava.

O som da sua voz falando baixo com Arthur vibrava no meu corpo, mas permaneci imóvel. Ela entra no quarto com uma montanha de roupas no braço e joga em cima da sua cama. Sentada começa a dobrar peça por peça, sem dizer palavra alguma, estou de frente pra ela com as pernas dobradas sobre a cama pensando em algum assunto.

– Como está vovó?

– Ansiosa para vê-la – seu tom de voz parece irreal. Outra pessoa talvez.

– Tia Carmelina está em casa?

– Acredito que sim. – Ela empilha as roupas num movimento ininterrupto e nossos olhares às vezes se encontram em um silêncio angustiante.

– Vou vê-la. – Visto minha blusa de malha verde e um short jeans que vai até a metade da coxa, e percebo o quanto gosto das minhas roupas e o do constante verão de Fortaleza. Sigo até a casa de vovó, giro a maçaneta apreensiva e dou de cara com Liliane. Ela me encara por alguns segundos e abre os braços, me entrego como quem encontra uma ilha após nadar por muitos mares. Afasto seus ombros com minhas mãos e percebo que seu rosto está corado com um blush laranja e seus cabelos compridos foram cortados da altura dos meus – um pouco abaixo do ombro. Dou um sorriso de aprovação.

– Gostou? – diz ela dando uma volta.

– Bem ousada – respondo.

– Sempre quis um corte assim.  
– Saiu da igreja?  
– Não. Apenas cortei o cabelo do jeito que me sinto bem.  
Acho que Deus gostou, diferente de mamãe.  
– Entendo. Ela está?  
– Não. Foi à oração do meio-dia e não chegou ainda.  
– E vovó?  
– Vem ver. Hoje ela cismou que tem um caminhão descarregando lenha no quarto.  
– Hã? – Entro no quarto e ela está sentada na cama olhando para os fios de luz que saem das brechas do telhado. – Vovó?  
– Shailo minha filha, você chegou? – Ela fala como se tivesse me visto cinco minutos atrás. – Pensei que você ia viver pra sempre no castelo, por que voltou pra essa masmorra?  
– Porque eu vim resgatar uma rainha. – Me jogo sobre a cama e encosto minha cabeça em seu peito.  
– Você viu o caminhão que saiu daqui? Sujou o quarto inteiro com essas lenhas – diz ela apontando para o canto do quarto onde fica uma penteadeira. – Não posso reclamar, aliás vai dar pra fazer comida no fogareiro por um bom tempo.  
– Verdade vovó. – Concordo piscando o olho pra Liliane que meneia a cabeça com pesar. – Estava com saudades da senhora.  
– Mas a gente se ver todos os dias.  
– Eu sei, a gente sempre esteve junta. É que eu queria ficar sempre aqui, no seu colo. – Apesar da caducidade penso que vovó não estaria melhor, a não ser no seu mundo imaginário. Aliás, quem é normal?  
Vou com Liliane à Terra das Lágrimas Doces após Tia Carmelina ter chegado e ignorado minha presença.

– Ela também está sem falar comigo direito. –  
Confidencia.

– Quer dizer que você resolveu enfrentá-la?

– Estela encontrou o celular de Almeida...

– Fiquei sabendo. Suzana me contou.

– Suzana? Você sabe onde ela está?

– Na Suíça. Depois te conto. Ela disse o que aconteceu com você. Por que nunca me contou?

– Porque tive medo, mas acho que isso fez com que eu me aproximasse de Deus. Nunca tinha falado sobre isso com ninguém até que Estela me mostrou a última conversa que tive com ele. Printada. Foi quebrada uma parede que havia em mim. A princípio fiquei com raiva e frustrada, mas até agradei depois.

– Desde quando?

– Acho que com oito ou nove anos, durante umas férias que passei na casa da vovó.

– Agora ele está morto. Precisamos retomar a partir daqui.

– Fechei os olhos pra sentir o sol e ouvir o mar, pensando apenas no sol e no mar. Sorri. Voltei a atenção ao som da respiração de Liliane, era forte como a quebra das ondas.

Abri os olhos lentamente e vi Liliane ao longe, perto da antiga ponte. Diego estava ao meu lado agora, pensei ser um desejo inconsciente, mas era real. Ele está com uma regata branca, calção azul com desenhos de ondas, os pés enterrados na areia, e um sorriso reluzente como um farol a noite. “Foi combinado? Você agora está manipulando minhas amigas”, pergunto. “Digamos que eu persigo você”, responde.

**6 meses depois**

## Mara Hope

Madrugada de segunda-feira. Levanto com os gritos de Estela. “Eu disse pro Arthur que a qualquer momento essa criança poderia nascer”, repete minha mãe enquanto levantamos ela pelo braço. Já sentada, Estela solta o ar com força e limpa a testa encharcada. Nos últimos três meses sua pressão estava alta por ser o primeiro filho e por conta da idade, segundo os médicos.

Tive muitos pesadelos e pensamentos ruins sobre esse dia, ele finalmente chegou. Acordo Diego com uma ligação, que de imediato pega o carro do seu pai e nos leva à maternidade. Minha mãe, que aprendeu a mexer no smartphone, avisa a Arthur sobre a possível chegada de Rafaela. Digo “possível” porque temo o pior.

Bloqueei todas as minhas expectativas no nascimento dessa criança cada vez que Estela ia ao pronto socorro passando mal. Fico tensa ao imaginar Arthur recebendo a notícia que a filha não resistiu.

Faz algum tempo que não vejo ruas. Desde que cheguei da Europa, só sair uma vez de casa. Fui a uma entrevista de emprego, era pra trabalhar como estoquista em uma padaria de bairro nobre, mas a contratante deve ter percebido que eu estava muito mal. Desde aquele dia terrível não saio de casa, nem mesmo para ficar na Terra das Lágrimas Doces. Ajudo mamãe a fazer massas de bolo e a embalar, ela até insiste para que eu saia um pouco, mas agora eu que não quero.

Sinto segurança abraçada por lençóis, assistindo Netflix no celular, lendo livros sobre ansiedade e alguns romances, e melhor, sem o cheiro de fumaça — graças a gestação de Estela.

Diego aguarda comigo no corredor enquanto mamãe entra na sala com ela. Ele insiste em segurar minhas mãos suadas, mesmo quando insisto que volte pra casa.

– Fica calma. Vai ficar tudo bem. – As pessoas costumam prometer o que não depende delas. Coloco a cabeça em seu ombro.

– Eu só quero que tudo isso termine. – Depois que voltamos a ser amigos, Diego se aliou com mamãe para me tirar de casa, e acho que agora eles estão pensando “De alguma forma, conseguimos”. Confesso não ter me sentido tão mal com o cinto de segurança afivelado ao meu peito ou o fato de ter esquecido a garrafinha d’água. Talvez minhas tensões tenham sido desviadas para outro problema. Ele me olha com aquele ar apaixonado que costumo desfocar com um assunto aleatório, como “que lugar frio”, mas não funciona quando ele resolve tirar a jaqueta e me cobrir.

Contei sobre meu estado psicológico e foi acordado não falarmos em namoro, não tenho cabeça pra isso. O liberei para dar uma outra chance à Tiffany, mas desde que soube o motivo do nosso término, Diego diz não se conformar.

O sol já brilha nas vidraças quando mamãe entra eufórica anunciando que a menina nasceu. Chorei. Chorei num alívio como quem se liberta de correntes no fundo do oceano e volta a respirar. O parto foi de risco, mas as duas estão bem. Arthur chega e ao saber da notícia abraça a nossa mãe. Faz anos que não a vejo com um aspecto tão feliz. Ela está satisfeita. Não deve ser fácil pra ela abrir mão de sua dureza, mas é o que tem feito.

Como a visita não estava liberada, volto pra casa com Diego. Ele entra comigo e me beija na porta do quarto. “Vai pra casa, você vai perder o horário”, digo. “Pra quem já perdeu tanto tempo, o que são algumas horas?”, ele responde e me aperta com

seus braços buscando outro beijo. Me solto e baixo a cabeça “Olha o que foi combinado”, lembro.

– Shailo, eu entendo suas limitações. – Ele levanta o meu queixo e invade meus olhos. – Quero te ajudar, mas eu preciso estar mais próximo. Sei que agora você é uma ilha, mas quero que entenda que de todos os lugares do mundo, é aqui que eu quero ficar. Habitar essa ilha deserta com o que ela tem, mesmo que seja escasso.

– Acho que você vai precisar mergulhar alguns quilômetros ainda.

– Eu já nadei mais da metade, e única coisa que não posso, é voltar à praia.

O Beiji. Puxei seus braços para dentro do quarto e fiz um gesto para que fizesse silêncio. Sobre o colchão duro me entreguei totalmente. Só que dessa vez, foi de verdade. O amor torna as coisas diferentes. Diego me faz acreditar que não sou as migalhas que sempre pensei que fui. O cheiro e o calor de seu corpo me fazem esquecer todo o caos. Ao deitar com a cabeça sobre o seu peito entendo que nem a mais perfeita fantasia se compara à imperfeita realidade de viver.

Rafaela é perfeita. Pequena, indefesa, frágil, mas perfeita. Tem olhos puxados como os de vovó, lábios vermelhos, cabelos pretos e a pele morena. Ela agarra com força meu polegar. Me desculpo em pensamentos por não acreditar que ela me faria ser tia. A tia Shailo. Estela está deitada mexendo no celular, coloco Rafaela de volta no berço, ajeito sua cabecinha no travesseiro e puxo a cadeira pra perto da cama.

– Eu quero os prints.

– O quê? – diz Estela pálida com os olhos arregalados.

– Vou fazer o que preciso fazer.

– Tem certeza?

— Sim. Por mim, por Suzana, por Liliâne, por Maria, por Alice, por Joana, por Jéssica, por Antônia, por Cristina, por Francisca, por Beatriz, por você, e por Rafaela. — Ela volta a mexer no celular em silêncio enquanto espero alguma resposta. De repente meu celular vibra. Todos os arquivos são enviados via WhatsApp.

Ir à uma delegacia denunciar Almeida, pode não ser tão eficaz quando o acusado já está morto, mas calar a injustiça pode fazer todas as suas vítimas morrerem a cada dia, ainda vivas. O caso saiu no jornal e através das investigações foram descobertos esquemas de exploração sexual na capital. Inclusive uma ordem de prisão à Leon Müller, que está sendo procurado fora do país.

Recortei todas as notícias do caso e coleí no interior do baú, por sobre as antigas matérias. Escondemos o mundo lá fora de vovó, ela não merecia mais essa dor. Mamãe e Tia Carmelina ficaram arrasadas por alguns dias, mas agora, minha tia me oferece até uma xícara de café quando entro na casa. E minha mãe, beija minha testa.

Escrevo tudo no diário que Fernanda meu deu de presente, e sempre reflito sobre a dedicatória que ela deixou “Quando tudo terminar, você sabe o que fazer”.

Suzana escreve uma carta dizendo que conheceu um italiano. Ele exigiu exclusividade. O remetente vem de Prato, na Itália. Conta que está grávida e o DNA comprovou que o filho é dele. Ela ficou magoada pela desconfiança, mas o perdoou. A polícia da Suíça está de marcação cerrada na Langstrasse, mesmo quando a prostituição é considerada uma profissão legal no país. Ela foi apreendida duas vezes quando tentou encontrar clientes na rua, o que fez com que temesse a permanência no lugar. Leon Müller está sendo caçado. Diz que me ama e se seu bebê for uma

menina, será chamada de Shailo. E encerra pedindo para que eu escreva de volta contando novidades.

Liliane me acompanha à primeira consulta com o novo psiquiatra. Minha mãe conseguiu uma vaga na fila de espera. Tentei resistir mais uma vez, mas a sequência de crises foi mais forte. O Dr. Ulisses Queiroz, é bonito e me lembra o Superman sem a roupa de herói. Diferente da primeira vez, chego disposta a contar tudo, desprezando o conceito de que a confiança deve ser construída. Ele me olha atento a cada narrativa e faz poucas perguntas – respondo a quase todas as questões que imaginei que ele perguntaria.

Abandono paternal, abuso sexual, assédio moral, são algumas coisas que tiro do baú. Sinto-me surpresa com a naturalidade que enumero lembranças dolorosas, não posso mais seguir em frente de mão dadas com elas. Após aconselhar exercícios físicos, caminhadas matinais e viver um dia de cada vez, ele receita alguns remédios – era o que eu temia. Nunca gostei da sensação de dependência – seja de pessoas ou comprimidos.

Marcamos outras sessões. O grupo secreto no Facebook “Ansiedade da Depressão TAG” me esclarece muitas coisas. Todos os dias leio relatos de pessoas sobre o Transtorno de Ansiedade, Síndrome do pânico, Depressão e outros distúrbios, os quais nunca imaginei que existiam. Pedidos de socorro, ameaças de suicídio, dúvidas constantes sobre sintomas e medicações, e até mesmo superações são comuns. Tão comuns como nunca poderia imaginar, se eu não fosse mais uma vítima.

Noite de Sábado. Estou acordada ouvindo o som potente vindo do Dragão do Mar misturado ao choro de Rafaela. Contra as fortes pontadas no peito trago à memória os últimos acontecimentos, dos quais devo ser grata. Escrevo no diário com as mãos suadas tudo o que vou lembrando como um Brainstorming.

Não funciona, solto tudo nas pernas e sustento a cabeça que gira feito carrossel.

“De novo não”, digo enquanto mamãe se vira na cama. “Você precisa enfrentar. Isso não vai te destruir”, repito buscando ar e mais ar. Vou até a porta pisando com o calcanhar no chão, os olhos abrem e fecham com intensidade. Na rua há um deserto e um caminho que direciona ao mar, miro como uma flecha minimamente calculada. Inspiro tudo o que posso e corro, corro sem pensar em nada, apenas corro como toda força que encontro, nem o peso da areia nos pés me impedem, caio e levanto, continuo a correr, entro no mar de short e blusão, mergulho de cabeça em uma onda e nado.

Não posso medir a pulsação do corpo, penso apenas em bater os pés e os braços, não vejo nada, águas escuras me cobrem, se eu sobreviver a isso, sobreviverei a tudo. Em um levantar de cabeça vejo a sombra do velho navio e uma luz no limite das águas. Não sinto frio, medo, cansaço, apenas tudo está em movimento. Continuo a nadar, nadar, nadar. Até entrar na escuridão.

Um barco com uma forte lanterna ligada rodeia o Mara Hope. — A parte de um navio que encalhou sobre um banco de areia e se tornou um curioso ponto turístico, quando eu era criança achava que aqui era uma casa de pesca. — Estou no topo. Sinto o coração mais acelerado que nunca e a respiração sai junto com um gemido em soprano.

Alguém diz alguma coisa, mas não ouço. As luzes da lanterna encandeiam minha visão, fico de pé enfrentando o frio, o medo e o cansaço, agora evidentes. Observo a cidade ao redor, prédios, as duas pontes escuras — uma porque não tem luz e a outra foi desativada enquanto estive fora — e finalmente as águas escuras que dançam e cercam as ruínas. Sem pensar, pulo de cabeça, até abrir os braços e sentir o corpo afundar.

Acordo na areia da praia, é quase manhã. Um homem pressiona minha barriga, ele tira a mão e diz “Graças a Deus”. Pergunto o que aconteceu e descubro que fui resgatada das profundezas. Seu nome é José, pescador, tem rosto e mãos feridas e marcadas. Ele conta que me viu correr contra as ondas. Agradeço e me despeço.

Estou deitada. Cheirando a sal. Antes que minha mãe desperte. Sobrevivi.

Fortaleza, 01 de setembro de 2018.

Querida Suzana,

Todas as manhãs coloco meu tênis e vou às entregas de bolo da Dona Mara. Aproveito pra me alongar e caminhar, às vezes consigo ir até a Praia do Titanzinho. Esse tem sido o meu atual trabalho.

Me inscrevi para o vestibular e caso minha nota seja satisfatória pretendo cursar a faculdade de psicologia.

Pensar em enfrentar a vida de uma vez só, ainda é desconfortável pra mim, mas estou tentando aos poucos.

Diego está me ajudando bastante, não imaginava que ele fosse tão paciente e cuidadoso, nem parece aquele “surfistinha playboy” que aparentava ser.

Vovó está ótima, todo dia inventa um mundo novo. Intentaram colocá-la numa casa de repouso, mas me opus. Ela vive sobre os cuidados da Tia Carmelina, que está um pouco menos fanática depois que viu o nome da família na lama.

Liliane está namorando um candidato a pastor, e daqui uns dias teremos uma pastora ou cantora gospel na família. Eles estão

falando em casamento, mas percebo que ela tem pressa em sair do domínio da mãe.

Por falar em mãe, a minha está um doce. Depois que virou avó vive na casa de Arthur e às vezes deixa a fornada de bolo queimar.

Estela parou de fumar, mas desconta a ausência do antigo vício em doces e pastilha de menta – o que acho sensacional.

Rafaela já está com dois meses e é o riso da casa. Algumas vezes nos reunimos todos ao redor dela e competimos quem vai segurá-la.

Mantenho quase à risca as recomendações do psiquiatra, e tento voltar minha atenção para a escrita. Sim, ganhei um notebook do Diego e estou escrevendo minhas experiências com o Transtorno de Ansiedade. Mesmo quando me sinto desanimada ou cansada, tento descansar e recomeço. Sem me cobrar demasiadamente. (P.S. Não cheiro mais a mentol e minhas fungadas diminuíram cerca de 80%).

Queimei o baú. Literalmente. Liliane me ajudou a levá-lo até a Terra das Lágrimas Doces e fizemos uma fogueira com tudo o que havia dentro. Não que houvesse necessidade, e às vezes até quer bater um arrependimento, mas foi uma simbologia do meu passado. Agora eu tento viver de presente, com aquilo que tenho hoje.

Meus avós paternos me convidaram para um final de semana em um sítio. Fica em Milhã, cerca de seis horas de viagem. De ônibus. Não sei o que temo mais: encarar um veículo fechado ou reencontrar meu pai por lá.

Desculpe não ter escrito antes. Não sabia muito bem o que contar, passei meses sem ver o sol.

Sinto sua falta, e acho estranho me comunicar por carta. Temo um extravio no caminho. Mas no fundo, é tão poético.

Eu era apenas uma garota comum à espera de coisas raras  
no céu. Agora eu sou o céu.

Amo você, independente de quem seja hoje,  
Aguardo respostas suas.  
Com amor,

Shailo.

**Caro(a) leitor(a),**

Abrir esse baú com você é um processo que me exigiu muito mais do que uma construção narrativa, pois nele foi inserido minhas dores, medos e esperanças pessoais, além da ousadia de escrever sobre mulheres e suas multiformidades. Algo que nunca poderei falar com propriedade.

Sinto-me tão íntimo da alma feminina, e isso pode ser fruto de vivências tão fortes com mulheres, crescendo ao lado da minha mãe e da minha irmã, dos laços com minha avó materna, tias e primas, sem deixar de ressaltar as amizades mais profundas que tive e tenho na vida que sem dúvidas são com elas, as mulheres. Então desde já peço desculpas se não consegui em algum momento representar essa voz própria, mas agradeço a cada uma dessas vozes que são a alma desta obra.

Vivi uma experiência incrível com os vários temas abordados aqui e visitei quase todos os lugares narrados (com exceção da Europa), e resalto que apesar da profundidade que tenho com tudo que foi escrito respeitei cada uma das minhas personagens. Nenhuma sou eu.

Após ser acometido com Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), a minha vida mudou em um antes e depois, e por mais que pareça estranho e doloroso: foi esse tempo que peneirou muitos conceitos que eu tinha sobre a vida, as pessoas e o amor. É como se não houvesse outra saída a não ser entrar pela porta que não havia fechado ainda.

Abordar esse tema não foi uma estratégia didática. Eu gosto de histórias com ações, mistérios, aventuras e personagens tão comuns quanto nós. E ao ver uma matéria na TV que apontava o

Brasil como o país número 1 em casos de transtornos de ansiedade, principalmente entre os jovens, foi o momento em que a inquietação deu lugar à ação. A reportagem mostrava uma jovem chorando na fila de um posto de saúde com falta de ar sem conseguir atendimento, dizendo que estava com TAG. Lembro de alguém dizendo: “E isso é só coisa da cabeça dela!”, o que me remeteu aos preconceitos que ainda enfrentamos e que são tão desgastantes quanto os próprios sintomas.

A Praia de Iracema faz uma alusão com o interior de Shailo e das pessoas que entendem na alma o que ela passou. São como cartões postais que disfarçam suas obscuridades ainda não tratadas. A exploração sexual de crianças e adolescentes e a vida em periferia entre prédios luxuosos e a orla marítima infelizmente não é apenas ficção.

Durante a escrita conheci uma “Fabrícia” da vida real e uma das coisas que ela me pediu cumpri nesse livro: “Se você puder me incluir em uma história sua”. Obrigado Fabrícia (in memoriam) por brilhar em minha vida antes de ir às estrelas.

Obrigado a você por ter dedicado o seu tempo a esta leitura. Desejo ardentemente que ela tenha provocado inquietações que lhe remetam às mudanças significativas. Se você é uma “Shailo” eu lhe ofereço meu coração e saiba que fiz essa obra porque acredito em você e nas suas lutas, nunca foi frescura! Você é tão resistente! E se você conhece alguma “Shailo”, vai lá abraçá-la porque não é fácil, mas você pode ser uma ponte.

Não espere raridades no céu. O céu é você.

Com paixão,

Marcos de Sá.

## AGRADECIMENTOS

Aos quinze anos já ouvia alguém dizendo: “Marcos, você deveria escrever um livro”, e pensando bem, não queria ter escrito em outro tempo que não fosse esse. Todos temos muitas histórias contidas, mas escrevê-las exige reflexão sobre cada peça do quebra-cabeça até entender como encaixá-las. E então, tudo flui.

Estou grato por este meu segundo livro e por ter entendido que era o tempo. Por não ter recuado naqueles momentos em que a gente sempre acha “que nunca está bom!”.

O meu agradecimento especial vai aos meus amigos-leitores, apoiadores e incentivadores. Cada resenha, comentário, crítica e palavras de carinho com certeza foram os meus melhores impulsionamentos (e continua sendo) para continuar acreditando que tem sentido e vale a pena! Não há nada mais gratificante do que o envolvimento de vocês com os meus personagens. Por favor, continuem me contando tudo!

Aos amigos escritores: Vera Oliveira, Maria Mendes, Vanessa Amaral, Rafael de Sá, Mikael Mansur e Aécio Santiago pelas trocas e aprendizados que fincaram naturalmente: muita gratidão. Agradeço a Flávia Iriarte e ao Carreira Literária por ter sido o meu norte desde que me disciplinei a escrever de fato. E ao meu amigo escritor, Guilherme Schrago, pela atenção e pelas ligações com apontamentos preciosos. Como agradecer?

Agradeço aos meus pais, Antonia e Luiz, que vieram de lugares escassos de oportunidades, mas de alguma forma me deram acesso à leitura. Obrigado pelos quadrinhos da Turma da Mônica que com muita dificuldade me presenteavam. Aquilo foi muito importante!

Agradeço a minha irmã Márcia, por sempre estar comigo desde o dia em que nasci e por ser tão maravilhosa. E ao meu sobrinho Enzo Gabriel, aquele que me faz levantar da cadeira para deitar no chão com os brinquedos ou dançar feito criança. Desculpem pelas vezes que eu fico tão isolado com o computador. Ossos do ofício!

Agradeço aos meus amigos queridos pelo apoio de sempre e amor que permanece. Em especial à Francisca Xavier e toda sua família (amo vocês para sempre) e às minhas queridas amigas-sempre-presentes: Raielly, Ediane, Mikaele e Rochelle (obrigado por tudo!!!).

Obrigado, Deus!!!!!!